

ANTOLOGIA DE LITERATURA REBELDE JAPONESA

A R R O Z E F L O R E S

VOL. 2, NO. 2, 2025



ESPECIAL HIGUCHI ICHIYÔ

ANTOLOGIA DE LITERATURA REBELDE JAPONESA

A R R O Z E F L O R E S

VOL. 2, NO. 2, 2025



ESPECIAL HIGUCHI ICHİYÔ

arroz para viver
e flores para ter
pelo que viver

arroz e flores: antologia de literatura rebelde japonesa, vol. 2, no. 2, 2025, especial higuchi ichiyô. periódico semestral.

ISSN 3085-8070

arroz e flores é uma publicação semestral independente; preservada em archive.org e zenodo.org; licenciada na *creative commons* sob a licença creative commons atribuição-compartilhaigual 4.0 internacional (CC BY-SA 4.0).

corpo editorial

felipe chaves gonçalves pinto

jéssica maki kimura

produção gráfica e preparação do texto

felipe chaves gonçalves pinto

revisão geral

jéssica maki kimura e felipe chaves gonçalves pinto

leitura de prova e leituras auxiliares

felipe chaves gonçalves pinto

e-mail: contato@arrozeflores.art.br
modo de acesso: <https://arrozeflores.art.br/>

todos os textos e traduções publicados na *arroz e flores* estão licenciados sob a CC BY-SA 4.0, que permite copiar, redistribuir, remixar e adaptar o material, inclusive para fins comerciais, desde que sejam dados os devidos créditos, e qualquer obra derivada seja compartilhada sob a mesma licença.



SUMÁRIO

<i>Editorial I</i>	7
<i>Último dia do ano (1894)</i>	28
<i>Enseada de águas turvas (1895)</i>	68
<i>Ombro a ombro (1896)</i>	139
<i>Editorial II (Pós-escrito)</i>	273

EDITORIAL I

fernanda ferreira gonçalves

ESTE PRESENTE NÚMERO TRATARÁ sobre a escritora Higuchi Ichiyô (1872-1896), abordando brevemente a sua história a fim de se contextualizar os seus escritos aqui apresentados¹. Higuchi Ichiyô, pseudônimo de Higuchi Natsu, foi uma proeminente escritora do início do período Meiji (1868-1912)

¹ Este texto foi elaborado principalmente a partir do segundo e do terceiro capítulo da dissertação *Considerações sobre a obra Nigorie (Enseada de águas turvas) e sua autora Higuchi Ichiyô (1872-1896)*, escritos pela Profa. Rika Hagino (2007). Outra referência importante foi o trabalho de Gustavo Perez Katague (2024), acompanhado do texto da Profa. Joy Nascimento Afonso e da Profa. Gabriela Kvacek Betella (2020). Hagino e Katague são também os tradutores de dois textos presentes nesse número.

conhecida por retratar a realidade da vida das mulheres, especificadamente daquelas que viviam nos distritos de prostituição da capital.

Sua história começa em uma família tradicional de agricultores que, após muito esforço, migraram para Edo (atual Tóquio) onde puderam obter um título que os alçaria a baixa categoria de samurai. Contudo, foi apenas três meses depois da compra do título que ocorreu a Restauração Meiji, a qual tinha como objetivo restituir o poder à corte imperial japonesa encerrando assim a hegemonia política do Xogunato Tokugawa (1603-1868). Com as reformas encabeçadas pelo Imperador Meiji (1852-1912), extingue-se a divisão em castas tão estrita do período anterior, incluindo também categoria samurai (pois se tinha como objetivo a criação de um exército nacional unificado aos moldes ocidentais). É neste ponto em que a vida da família de Higuchi se altera completamente pois todo o prestígio que eles haviam alcançado através da compra do título, de nada mais valia. Neste período, seu pai tentou contornar as

dificuldades da vida adquirindo então um cargo de servidor público do novo regime. É em meio a tais mudanças drásticas que Higuchi Ichiyô nasce em 1872, sendo ela a quarta filha dos seus pais. Para seus pais, era motivo de orgulho ter pertencido a uma classe samurai após tanto empenho em se obter o título, e não por hereditariedade. Esse sentimento também se refletiria nos filhos, em especial em Ichiyô.

No mesmo ano em que ela nasceu, foi regulamentada a educação obrigatória no país promulgando assim um sistema nacional educacional que se baseava na igualdade de oportunidade entre os homens e mulheres. Contudo há de se destacar que apesar de tais diretrizes constarem na lei, a disparidade entre homens e mulheres ainda repercutia neste Japão moderno. Todavia, no caso de Ichiyô, desde pequena, ela sempre foi influenciada positivamente por sua família para com os seus estudos, principalmente por seu pai. Em especial, havia uma vontade de seu pai de que os filhos recebessem uma educação centrada em estudos

clássicos chineses, algo que era comum aos filhos de samurai do período Edo. Isso se refletiu em Ichiyô que chegou a frequentar escolas públicas (institucionalizadas pelo próprio governo), mas também escolas particulares (isto é, as escolas já afiliadas a templos budistas, presentes no país mesmo antes da Restauração). Embora em lei houvesse uma igualdade entre gêneros, isto não se refletia na realidade já que o índice de mulheres que frequentavam a escola primária ainda era muito baixo, não possuindo assim muitas perspectivas futuras para mulheres que quisessem dar continuidade aos estudos para além da educação elementar. Embora tivesse sido uma aluna exemplar, versada em escrita de *waka*² desde sua infância, Ichiyô foi retirada da escola aos onze anos a fim de se preparar para um futuro matrimônio. Mesmo após a saída da escola e com o início dos aprendizados dos afazeres domésticos, Ichiyô não abandonou os estudos completamente,

² Poema clássico ao estilo japonês, contrastando com o poema à moda chinesa.

principalmente no que tangia ao seu interesse pela literatura. Os estudos de *waka* continuaram e em 1886 ela ingressou em um curso sobre o gênero da escola Haginoya, o qual exerceu grande influência em sua vida pessoal e literária. É através deste curso que Ichiyô pode ter contato com a poetisa Nakajima Utako (1844-1903), que atuava como professora na instituição. Destacamos aqui que a escola Haginoya não era necessariamente um local que seria frequentado por uma filha de um baixo funcionário público, sendo o acesso a este permeado pela aristocracia por um costume social. Ichiyô estudou em *Haginoya* por 6 anos, e, para além da composição do *waka*, recebeu também instruções a respeito das obras clássicas da literatura japonesa, tais como *Genji monogatari*, de Murasaki Shikubu (973 ou 978-1014 ou 1031) e *O livro do travesseiro*, de Sei Shônagon (c. 966-1017). Esta aproximação com os clássicos exerceu extrema influência em seus romances. Para além da produção literária dos romances, Ichiyô também

legou à posterioridade os seus vários cadernos de diário.

Apesar de todo o esforço em se manter a educação literária de Ichiyô, a família passava por algumas dificuldades financeiras e isto era visível na discrepância das vestimentas entre Ichiyô e as meninas que frequentavam o Haginoya. Para além disso, em 1887 ocorre a morte do seu irmão mais velho, o que levou Ichiyô a ter que assumir um posto de liderança familiar aos dezesseis anos. Após a morte de seu irmão, seu pai se viu obrigado a pagar as dívidas deixadas por ele. Não obstante tais problemas, seu pai também vendeu sua casa para aplicar o dinheiro em um empreendimento que fracassaria. Desiludido com as intempéries da vida, o pai de Ichiyô adoece e acaba falecendo em 1889, aos 59 anos. Essa sequência de tragédias leva a vida da família a desandar e Ichiyô, mais do que antes, se vê impelida a tomar as dianteiras da família, algo raro para as mulheres da época.

Após a morte de seu pai, Ichiyô passou a morar com o seu segundo irmão juntamente de sua irmã

Kuni e sua mãe. Todavia, algumas oportunidades na vida levaram-na a morar com a poetisa Nakajima Utako, o que levou Ichiyô a se tornar discípula interina em Haginoya. Apesar das promessas de Nakajima de que indicaria Ichiyô para ser professora em uma escola feminina, não somente isto não se realizou como Ichiyô era compelida a realizar tarefas domésticas para Utako. Ela retorna então para a casa do irmão, mas as relações familiares conturbadas entre o irmão e mãe faz com que Ichiyô saia da casa junto de sua mãe e irmã, alugando então uma residência em Hongôku Kikuzakachô. A subsistência das três era precária e se mantinha através de serviços de lavanderia, costura e trabalhos manuais pois, além das despesas cotidianas, elas ainda precisavam devolver a dívida herdada de seu pai. Todas essas desgraças foram culminando na escassez de dinheiro que aumentava dia após dia.

Com o passar do tempo, Higuchi Ichiyô começou a mudar a sua percepção de mundo e, mesmo mantendo seus estudos em Haginoya, ela já não se via mais como membro pertencente daquele grupo

majoritariamente da alta sociedade. Aos 19 anos ela se via amarrada às dificuldades financeiras impostas pela vida ao mesmo tempo que se sentia dividida em relação a escola e as preocupações com a sua mãe e irmã. Mesmo com todos os trabalhos manuais desempenhados na casa, a sobrevivência por tais meios se tornava impossível. Foi nesse contexto que Ichiyô passou a escrever romances objetivando a subsistência familiar. Apesar de tentar dar segmento aos seus textos, ela ainda se via perdida em meio as técnicas de escrita e foi por intermédio de sua irmã Kuni que Ichiyô conheceria o mestre Nakarai Tôsui (1861-1926), que se tornaria seu guia literário e o seu primeiro amor. Tôsui possuía 31 anos e era um romancista popular que trabalhava no jornal *Tôkyô Asahi Shinbun*. Ele já havia se casado, mas tinha perdido a sua esposa um ano depois, o que o fez retornar a casa paterna, assumindo assim um posto de chefe de família ali. Como Tôsui também havia vivenciado a pobreza e as dificuldades da vida quando era jovem, ele sentia uma compaixão por Ichiyô. Reconhecia nela

o talento de uma futura escritora, mas considerava que muito dos seus textos eram refinados demais para serem publicados em um jornal (já que boa parte dos estudos de Ichiyô remetiam à literatura clássica e ela acabava por refletir esse estilo em seus escritos). Foi Tôsui que orientou Ichiyô a escrever algo mais popular para que pudesse abranger o grande público. Com o passar do tempo e após diversos encontros entre os dois, Ichiyô passou a vê-lo como algo além do mero mestre, mesmo sabendo que não haveria possibilidade de um romance entre os dois pois ambos já haviam se tornado chefes de família.

Em 4 de fevereiro de 1892, Tôsui conta a Ichiyô que planejava publicar um periódico voltado aos jovens aspirantes a romancistas. Tal tarde de neve em que ambos passaram conversando se tornou tão significativa para Ichiyô que acabou sendo minuciosamente descrita em seu diário intitulado *Kanoyuki no hi* (Aquele dia de neve).

O periódico encabeçado por Tôsui foi nomeado *Musashino*, sendo nele publicada em 27 de março de

1892 a primeira obra de Higuchi Ichiyô intitulada *Yamizakura* (Flor de cerejeira na escuridão), texto cujo tema central é o amor não correspondido. Após a publicação de *Yamizakura*, outras obras se sucederam tais como *Samidare* (Chuva de começo de verão) em 17 de abril na *Musashino*, e *Wakarejimo* (A geada da octogésima oitava noite a contar do início da primavera) em uma publicação serializada em quinze partes no jornal *Kaishin Shinbun*. Apesar de todo o esforço colocado no *Musashino*, o periódico não vendeu tanto, o que levou ao seu cancelamento na terceira edição.

Nesse período a sua relação com Tôsui despertava rumores, o que levou Ichiyô a se afastar dele para preservar a sua reputação. Apesar de uma profunda tristeza por esta decisão, ela se dedicou ao seu novo romance *Umorigi* (Árvore sepultada), publicada no periódico *Miyako no Hana* em novembro e dezembro de 1893. Foi por meio desta publicação que Hirata

Tokuboku (1873-1943)³, que participou da criação do periódico *Bungakukai*, juntamente com Hoshino Tenchi (1862-1950)⁴, conhecem Ichiyô e pedem a ela uma obra para ser publicado no mesmo. Em 31 de março de 1893 ela publica *Yuki no hi* (Dia de neve) na *Bungakukai*. Há de se salientar que embora os escritores da *Bungakukai* tivessem como base a literatura clássica japonesa, também havia ali uma certa influência da literatura ocidental moderna, a qual será responsável por uma grande transformação nas obras de Higuchi Ichiyô.

Estas publicações citadas se tornaram o ponto de partida para a profissionalização da autora, mas ainda não rendiam o sustento imediato que era necessário. Isso levou Ichiyô a abrir um pequeno negócio, mas sem deixar de lado as aspirações literárias. Foi através de empréstimos familiares e vendas de bens que a

³ Crítico literário e ensaísta. Membro do periódico *Bungakukai*. Foi o primeiro a reconhecer o talento de Ichiyô e criou oportunidades para que ela entrasse para o mundo literário. Levou os colegas do periódico, Baba Kochô (1869-1940), Togawa Shûkotsu (1871-1939), Ueda Bin (1874-1916), Shimazaki Tôson (1872; d. Aug. 22, 1943) à casa de Ichiyô.

⁴ Crítico literário e ensaísta. Foi editor do periódico *Bungakukai*.

família angariou fundos para tal mudança. Procuraram então lugares acessíveis em bairros pobres da parte baixa de Tóquio. A partir deste dia, o diário de Ichiyô passou a se intitular *Chiri no naka* (Em meio a poeira).

Em 20 de julho de 1893 a família Higuchi se estabelece em Shitaya Ryûsenjimachi, atual Daitôku. Ichiyô já se encontrava afastada da alta sociedade de Haginoya e a partir deste ponto se confrontaria com a dura realidade da parte baixa da sociedade de Tóquio. É através desta vivência que a vida miserável das pessoas daqueles locais seria retratada em diversos personagens em suas futuras obras, tais como os vendedores ambulantes em *Takekurabe* (Ombro a ombro). A casa alugada ficava nas redondezas de Yoshiwara, a zona de prostituição regulamentada pelo governo. Hagino (2007: 45) comenta que em 1890 apenas em Tóquio havia 4.747 prostitutas sob reconhecimento oficial. Embora a lei deliberasse que apenas a partir dos dezoito anos é que se poderia se tornar prostituta, na realidade, as meninas eram entregues pelos pais ainda crianças em

troca de dinheiro. O dinheiro recebido pelos pais era tomado como um empréstimo e mais tarde seria descontado do trabalho da prostituta. Tornava-se então praticamente impossível a prostituta conseguir quitar as dívidas (que muitas vezes aumentavam cada vez mais à medida que cresciam e se empenhavam em algumas artes ou compravam novos quimonos para a profissão) o que fazia com que muitas vivessem em condições desumanas.

Há de se salientar que em no período Meiji, o bairro de Yoshiwara já não vivia a era de ouro antes apresentada na Era Edo, o que levava a uma situação ainda mais precária. Foi apenas na Era Shôwa (1926-1989), em 1958, que o sistema de prostituição foi abolido oficialmente, o que, na prática, não se refletiu em uma grande mudança na atividade já desempenhada visto que as prostitutas não possuíam outros meios de subsistência. O mundo dessas mulheres e as suas vidas também se tornam o ponto central de muitas obras de Ichiyô, tais como as presentes neste número.

Em sua pequena bancada de vendas, a família de Higuchi vendia coisas simples do dia a dia como vassouras e espanadores, mas logo perceberam que tais artigos não acarretariam lucro por causa das condições financeiras da vizinhança. Passaram então a vender doces devido ao grande número de crianças nas redondezas. E essa pequena loja se sustentou entre idas e vindas até que, por fim, não restaria uma alternativa a não ser encerrar o negócio por acúmulo de dívidas. Durante o período que viveu perto de Yoshiwara, Ichiyô tentava retomar a prática literária e recebeu uma carta de Hoshino Tenchi solicitando um romance para a publicação no *Bungakukai*. O romance então enviado foi *Koto no ne* (O som do koto), publicado em dezembro de 1893. Com a publicação do romance, os laços entre Hirata Kotoboku, Higuchi Ichiyô e a própria *Bungakukai* começaram a se estreitar.

Devido a dificuldades financeiras encontradas neste novo empreendimento, Ichiyô decide por fim encerrar as atividades de seu negócio na região, tendo

que novamente encarar o desafio de se arrecadar fundos para uma nova mudança. Mas foi justamente por sua vivência diante de uma realidade tão cruel que Ichiyô moldou sua visão em encarar a realidade. Tais materiais iriam mais tarde compor obras como *Yamiyo* (Noite de trevas) e *Takekurabe* (Ombro a ombro).

Em 1 de maio de 1894, Ichiyô se muda para Hongô Maruyama Fukuyamachô, atual Bunkyo, por pedidos de Nakajima Utako que solicitou que ela lecionasse como assistente no curso de Haginoya. O seu diário passou a ser intitulado nesta época como *Mizu no ue no nikki*, algo como “O diário em cima da água”, referenciando a sua nova moradia construída sobre um lago. A região em que estava localizada funcionava na época como um prostíbulo clandestino o que tornava possível que Ichiyô ouvisse de sua casa a voz das prostitutas e de seus fregueses. Por ser uma zona de prostituição não autorizada pelo governo, os estabelecimentos da região se disfarçavam de casas de chá, casas de banho, bares entre outros. Alguns dos personagens de suas obras são baseados nas

prostitutas irregulares dessas casas, como a personagem Oriki na obra *Nigorie* (Enseada de águas turvas).

Foi através dessas vivências que Ichiyô pode observar de perto a vida da camada mais pobre da Era Meiji. Em *Takekurabe*, traduzido como *Ombro a ombro* por Gustavo Perez Katague (2024) e generosamente cedido para a *arroz e flores*, ela escreveu sobre o mundo das crianças que observou em Ryûsenjimachi, abordando também os costumes e as perspectivas das pessoas que habitavam as redondezas de Yoshiwara. Temos o ponto de vista não só dos comerciantes, como também e principalmente o das crianças que habitavam aquele território, realizando diversas competições dentro da realidade que as cercavam. Através do texto podemos ter contato com o dia a dia ali na região e como ele se desdobrava na vida dos locais.

Na obra *Nigorie*, traduzida como *Enseada de águas turvas* por Rika Hagino (2007) e generosamente cedida à *arroz e flores*, podemos ver de perto o mundo

das mulheres que trabalhavam nos prostíbulos. A estória aborda brevemente a relação entre Oriki e Genshichi e como Oriki lidava com o sentimento que ali havia surgido entre os dois em meio a tantas visitas. A obra é dotada de tanto sentimento e diversas cenas causam um aperto no peito à medida que podemos visualizar cada situação pelos olhares da protagonista. A obra se encerra do mesmo modo que muitos romances da realidade terminavam, com um duplo suicídio do casal.

Já em “O último dia do ano” (em japonês, *Ôtsugomori*), traduzido por Felipe Chaves Gonçalves Pinto e revisado por Jessica Maki Kimura, a história aborda as dores de quem luta por meio do seu trabalho para conseguir sobreviver ao mínimo. Omine servia como empregada em uma residência abastada e ao tentar socorrer financeiramente seus tios, para que não caíssem em miséria e não tivessem onde morar, ela se vê dividida entre a moral de como obter o dinheiro necessário. A história se desdobra de modo que podemos nos colocar na perspectiva da

vida sofrida da protagonista que tenta ao máximo conseguir um pouco de dignidade para os seus.

Higuchi Ichiyô falecera aos 24 anos em 1896 devido a uma tuberculose. Mesmo sendo reconhecida por uma certa camada de escritores e editores da época, seu impacto só aumentou com o tempo, o que a tornou hoje em dia em uma das grandes escritoras de sua época. É através de suas obras que temos acessos a visão de uma mulher a respeito dos desprivilegiados que habitavam o coração de Tóquio, com tanta humanidade e doçura que nos transportam diretamente para aquela vivência. Em seus textos podemos tomar a perspectiva de certas personagens que jamais iriam se refletir em outras páginas literárias, que não alcançariam tamanha extensão, nem no Japão e nem mundialmente. Cujas vidas refletiam a falta de esperança daqueles que não poderiam ter outra vida, mas que, dentro de seus contextos, tentavam ali driblar a sociedade cruel que o esmagavam.

Seja em *Omme* roubando dinheiro e deixando que outro fosse culpado em prol de que seus tios

pudessem pagar as contas, seja em Oriki que encontrou no duplo suicídio amoroso o seu final ideal, tantos ali que com tão pouco à disposição tentaram dobrar a sociedade à sua vontade, nem que fosse um pouco. É a voz e a vivência dessas pessoas que são refletidas nas obras de Ichiyô e que ecoam até hoje nos dando o privilégio de entender um pouco a vida daqueles que realmente carregaram o Japão em suas costas.

Referências

- Afonso, J. N. & Betella, G. K. (2020). Os diários de Ichiyô Higuchi: uma poética do dia a dia. *Miscelânea: revista de literatura e vida social*, 27, 119-138. <https://doi.org/10.5016/msc.v27i0.1900>.
- Hagino, R. (2007). *Considerações sobre a obra Nigorie (Enseada de águas turvas) e sua autora Higuchi Ichiyô (1872-1896)* [Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.8.2007.tde-18122007-111344>.
- Katague, G. P. (2024). *Ombro a ombro: Uma tradução comentada para a obra Takekurabe (1896) da autora Higuchi Ichiyô (1872-1896)* [Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa,

Universidade de São Paulo].

<https://doi.org/10.11606/D.8.2024.tde-05112024-130717>.



ÚLTIMO DIA DO ANO (1894)

HIGUCHI ICHIYÔ

FELIPE CHAVES GONÇALVES PINTO (TRAD.)

ÚLTIMO DIA DO ANO (TRAD.)¹

higuchi ichiyô

PRIMEIRA PARTE

○ POÇO DE POLIA MUNIDO de doze braças de corda. A cozinha, faceando o norte, gélida pelo seco e frígido vento decembrino que atravessa o cômodo em lufadas sonoras. “Ah!, isso assim não dá!”, disse a criada. A angústia de minutos, que parecem horas, cuidando do fogo parada em frente ao fogão a

¹ Tradução e notas por Felipe Chaves Gonçalves Pinto. Revisado por Jessica Maki Kimura.

lenha, de ouvir xingamentos por causa de lascas de lenha ou outra ninharia qualquer!

Inicialmente, o que ouviu da anciã da casa de despacho de empregadas foi que “são seis os filhos e filhas do patrão, mas só o herdeiro e os dois mais novos estão sempre em casa. A patroa é um pouco temperamental, mas se você souber ler o humor dela, seu rosto, seus olhos, não vai ter muitos problemas. No fim das contas, ela gosta de um elogio bem dado, então, dependendo de como você se portar, não vão faltar colarinhos, utensílios de toucaria ou cordões para avental. A fortuna da família é a maior da vizinhança, embora também não fiquem para trás na pão-duragem. Felizmente, o patriarca é mais generoso, então talvez você consiga uns trocadinhos de vez em quando. Se não gostar do serviço, basta me mandar um cartão postal e nem precisa explicar muito. Se quiser que eu procure outro lugar pra você, é só falar. No fim das contas, o segredo de servir bem é saber quando mostrar ou esconder a cara, sabe?”. Diante da anciã que dizia coisas tão terríveis, percebeu que, no

fim, tudo dependia apenas de sua disposição e não havia razão para depender desta pessoa. Caso trabalhasse com empenho e seriedade, não haveria motivo para não cair nas graças deles, e foi com esse espírito que aceitou servir a esse patrão algo demoníaco.

Três dias após o primeiro encontro entre a criada e seus empregadores, a jovem senhorita da família, de sete anos, tinha prática de dança pela tarde. Enquanto preparativo, a criada foi instruída a escovar e lavar a banheira e esquentar a água para o banho matinal. Numa aurora de frígida geada, a patroa do seu leito confortável e aquecido golpeava seu cinzeiro, “vamos, vamos”. Não havia despertador mais efetivo e, sem esperar que a ordem se repetisse uma terceira vez, prendeu diligentemente as mangas do quimono acima da faixa de obi. Diante do poço, a luz da lua ainda restava em sua pia e o vento frio, ferindo a pele como agulhas, varreu da lembrança qualquer vestígio de sonho. A banheira, por se tratar de uma instalação única com a boca do fogo posta abaixo do fundo da

cavidade, não era muito grande, mas eram necessárias treze viagens com dois baldes-de-mão transbordando d'água para enchê-la. Suava muito durante o transporte dos baldes enquanto se equilibrava nos dentes desgastados e arredondados, como uma roda do dharma, de um tamanco de correias frouxas e próprio para serviços com água, o que a obrigava a erguer, desengonçada, o pé mais do que o normal. Sobre tais tamancos e carregando fardos pesados, seus pés incertos acabaram escorregando na crosta de gelo ao pé da pia. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, veio ao chão batendo com força a canela na lateral do poço, o que deixou um vívido hematoma roxo em sua pele que, de tão branca, envergonharia a própria neve. Os baldes-de-mão também foram lançados ao solo e, apesar de um se manter inteiro, o outro acabou perdendo seu o fundo.

Não calculava o valor daquele balde, mas a patroa, com uma grossa veia azul e pulsante atravessando a testa, a encarava fixamente desde que a refeição matinal fora servida, portando-se como se aquilo

pudesse levar à ruína de sua fortuna e não se dignou a dirigir-se a criada durante todo o dia. Após aquele dia, a patroa, fiscalizando até a forma como os hashis eram manuseados, repetia, do romper do dia ao cair da noite, o mesmo sermão, “as coisas desta casa não são de graça, se pensa que pode tratá-las negligentemente só porque são do seu amo, se arrependerá amargamente!”. Sentindo a vergonha apertar seu jovem peito ao ser retratada dessa forma para todos que até ali vinham, começou a manejar cuidadosamente tudo que lhe chegava às mãos e, finalmente, foi capaz de eliminar quaisquer erros descuidados.

Há muitos que empregam criadas por aí, mas não há casa que as troque tanto quanto a dos Yamamura. Ter duas por mês já é coisa corriqueira. Algumas voltam em três ou quatro dias, outras fogem na primeira noite. “Se alguém perguntasse quantas já passaram por ali desde que o mundo é mundo, já se imaginaria a senhora da casa dobrando os dedos, contando nos punhos da manga. Pensando bem,

Omine é mesmo uma moça de fibra. Se alguém a tratar com crueldade, certeza que o castigo divino virá na hora! Quer dizer, por mais que Tóquio seja vasta, não existe mais quem aceite ser criada dos Yamamura, sabe? É realmente admirável. Uma postura fantástica!”, algumas pessoas elogiavam. “Acima de tudo, seu rosto é de uma graça sem defeitos”, os homens, por seu lado, adiantavam-se em constatar.

Desde o outono, o único tio de Omine adoeceu e a loja de quitanda que ele mantinha acabou fechando sem muito alarde. Dizem que agora vive, ainda no mesmo bairro, nos fundos de umas casas geminadas onde reabriu sua loja. Mas, estando ela sob as ordens de patrões de gênio tão difícil e tendo recebido o salário adiantado, é como se tivesse vendido seu próprio corpo: por mais que o coração lhe pesasse o peito, não conseguia sequer fazer uma visita ao tio. Cogitou ir até lá numa brevíssima brecha enquanto realizava alguma tarefa fora de casa para a família, mas eram tão rígidos com tempo que só faltava controlarem cada passo dado, cada centímetro

percorrido. Pensou em correr até lá, mas as más línguas são sempre mais rápidas que as pernas e, assim, receava colocar todo seu suado esforço a perder. O tio doente só ficaria mais preocupado caso ela ficasse desocupada e, além do mais, se sentia péssima ao se imaginar dando um dia sequer de trabalho para a miserável casa do tio. Deste modo, conteve-se com o envio de cartas e seguiu seus dias mantendo-se, em corpo, ali, enquanto o coração ia longe.

Chegado o mês de dezembro, quando tudo no mundo parece tomado por uma pressa inquieta, as senhoritas da casa ao ouvirem sobre a estreia de anteontem de tal e tal espetáculo de figurinos luxuosos ou de tal e tal nova peça cômica Kyôgen especialmente divertida agitavam-se em “não podemos perder essa!”. Havia uma apresentação no dia quinze e, coisa rara, foi anunciado que todos da casa poderiam ir. O contentamento em poder acompanhar a família era natural, mas, órfã de pai e mãe e com o seu único tio enfermo e acamado, não lhe parecia certo sair por aí como se estivesse a

passeio sem, contudo, nunca ter sequer lhe feito uma visita. Não haveria o que ser feito caso sua intenção fosse mal recebida, mas pelo menos poderia pedir para trocar o passeio por uma folga. Assim, talvez também por sua rotineira assiduidade, a autorização chegou no dia seguinte, “vá e volte cedo”. Ao ouvir isso, acreditava ter agradecido respeitosamente a autorização, mas só se lembrava mesmo de estar dentro do carro impaciente se perguntando quanto faltava para chegar à Koishikawa.

O nome Hatsune-chô, isto é, Bairro do Primevo Cântico, soa elegante aos ouvidos, mas na realidade o lugar não passa de um reduto de miséria onde o rouxinol chilreia lamentando a pobreza do mundo. Ali vivia o Honesto Yasubei, homem de testa reluzente como uma grande chaleira, tão brilhante que a própria divindade a poderia habitar². Com este semblante enquanto marca registrada, ele servia aos arredores,

² Há um trocadilho que envolve um ditado popular clássico japonês, a saber: “正直の頭に神宿る”, “as divindades habitam a fronte dos honestos”. O “honesto” que antecede o nome de Yasubei vem desse ditado.

de Tamachi a Kikusaka, provendo o povo com berinjelas e rabanetes. Trabalhando com pouca verba, não tinha meios com que oferecer pepinos em cestos enfeitados ou os primeiros cogumelos *matsutake* envoltos em palha e precisava se contentar com o que era barato e volumoso. “As coisas que o Yasu da quitanda traz são sempre tão previsíveis quanto um livro de contas”, riam, mas a clientela era-lhe fiel e, por caminhos tortuosos, ele conseguia molhar a boca de sua família de três pessoas, além de cumprir até com o dever de enviar o pequeno San’nosuke, de oito anos, à escola, o que lhe custava cinco *rin*³. Contudo, em certa manhã em meio a rispidez do outono em finais de setembro e contra um vento súbito que cortava a pele, Yasubei, após carregar o fardo das compras de Kanda até sua morada, caiu com febre e severas dores nos ossos. Três meses se passaram até o dia de hoje sem que pudesse voltar aos negócios. Os poucos recursos foram minguando até que se

³ O valor nominal de cinco *rin* era de 1/200 de um iene, isto é, cinco *rin* valia meio centavo de iene.

viram forçados a vender inclusive as varas de ombro em que carregavam os cestos com os produtos. Sem sustento para manter a loja na rua de frente, e não sendo pessoa de se importar com a vergonha alheia, mudaram-se para um casebre de fundos de cinquenta centavos de iene ao mês, na esperança de tempos melhores. A mudança foi desoladora, na carroça, apenas o enfermo; os pertences mal enchiam uma das mãos. Foram se esconder num canto qualquer do mesmo bairro.

Omíne, descendo do carro, buscava aqui e acolá pelo novo paradeiro, espiando entre as lojas de doces que exibiam pipas e balões de papel para atrair as crianças, procurando o rastro de San'nosuke. Não o vendo, sentiu um aperto no peito, mas ao lançar o olhar pela rua, avistou no lado oposto um menino franzino que carregava um frasco de remédio. Parecia alto demais e excessivamente magro para ser San'nosuke, mas a silhueta era tão semelhante que ela correu até ele. Ao encará-lo, ele disse “mana!” e, ela, “então era você mesmo San!”. Foram caminhando

juntos, embrenhando-se por entre as tabernas e lojas de batatas e passando por becos escuros onde as tábuas sobre o esgoto rangiam sob os seus pés. San'nosuke correu na frente e, da soleira da porta, gritou a plenos pulmões “papai!, mamãe!, trouxe a mana de volta comigo!”

“Mas, como, Omine está aqui?”, Yasubei disse fazendo menção de se levantar, enquanto sua esposa interrompia o trabalho manual de costura ao qual se dedicava com afinco. “Ora, ora, mas isso sim é uma raridade!”, disse ela, radiante, como se tomasse as mãos da sobrinha. Ao olhar em volta, Omine viu apenas um único armário no aposento de seis tatames, não havia cômodas nem baús, como era de se esperar naquela casa, e até o braseiro de cobre com o qual estava há muito habituada tinha desaparecido. Em seu lugar, um aquecedor quadrado de cerâmica Imado⁴,

⁴ Tipo de cerâmica produzida e popularizada nos arredores de Imado, região de Asakusa, localizada próxima às margens do Rio Sumida, na atual Tóquio. Em contraposição aos produtos de cerâmica que passam por queima de esmaltação, as cerâmicas de Imado eram mais simples e normalmente consistiam em utensílios baratos de terracota ou que passavam por cozeduras mais rápidas.

posto dentro de uma outra caixa semelhante, parecia ser o único utensílio que restara. Soube então que nem pote de arroz possuíam mais. “Que triste destino!”, pensou Ohime, com os olhos marejados ao lembrar que, sob aquele céu de dezembro, havia quem se desse ao luxo de ir ao teatro.

“Tio, por favor, deite-se, o vento está frio”, disse ela, cobrindo os ombros dele com uma coberta fina e dura como um biscoito de arroz velho. “Vocês parecem ter passado por maus bocados... A senhora, tia, também parece mais magra... Peço que não adoença de tanto se preocupar. Mas me diga, ele tem melhorado um pouco nesse tempo? Recebo as notícias por carta, mas a agonia de não ver com os meus próprios olhos não me deixava em paz. Estava tão ansiosa pela folga de hoje. Não se preocupe com a casa, se o tio recuperar a saúde, voltar para a loja da frente será coisa simples. Por favor, cure-se logo, tio. Eu queria ter trazido algo para o senhor, mas o caminho é longo e o coração andava apressado. Parecia até que o passo do condutor da carroça estava mais lento que o de

costume, e acabei passando direto pela loja de doces que o senhor tanto gosta. Este dinheiro aqui é pouco, mas é o que sobrou das minhas economias. Quando um parente de Kojimachi visitou meus patrões e a matriarca aposentada sofreu com dores de vermes, passei a noite inteira massageando suas costas e, então, ela me deu isso dizendo para eu comprar um avental novo. O local onde estou servido é rigoroso, mas os visitantes de fora me ajudam bastante, então pode ficar feliz e despreocupado, tio. O trabalho também não é difícil. Esta bolsa e este lenço de seda também foram todos presentes do pessoal. O lenço é bem simples, mas peço que a senhora use, tia. A bolsa, se eu alterar um pouco a forma, servirá bem como saquinho de merenda para o San'nosuke. E por falar nele, ele ainda frequenta a escola? Se tiver exercícios de caligrafia, posar dar uma olhadinha neles...”, e assim, as palavras de Omine seguiam uma após as outras.

Quando Omine tinha sete anos, seu pai, segurando uma espátula para rebocos e no momento em que ia

dar instruções a um subordinado, caíra de um andaime enquanto trabalhava em uma obra num armazém. Ele, tão acostumado com o trabalho, errara o passo. Não seria estranho se aquele dia coincidissem com a estrela negra do calendário, a morte de Buda⁵. Caiu sobre pedras de pavimentação que haviam sido removidas e empilhadas, batendo a cabeça com tamanha força que de nada adiantou o socorro. Todos se horrorizaram com os fatídicos 42 anos de idade, véspera do período mais obscuro, em que tudo aconteceu⁶. A mãe de Omine, irmã de Yasubei, foi

⁵ No original, “曆に黒ぼしの仏滅”. Os calendários antigos registravam com um ponto negro indicando a data em questão, daí a menção à estrela negra. Apesar da aparente ligação com o Budismo, a associação com a morte de Buda não necessariamente tem cunho religioso e é mais usada enquanto elemento popular de superstição local, algo próximo ao uso da sexta-feira treze no Brasil.

⁶ O original registra “前厄” para caracterizar os 42 anos. O termo faz referência a uma antiga superstição japonesa que lista algumas idades em que calamidades pessoais ocorreriam com mais facilidade. Normalmente, para os homens, corresponde às idades de 25, 42 e 61 anos, já para as mulheres às idades de 19, 33 e 37 anos. Dentre estas, os aniversários mais preocupantes são o de 42 e 33 anos. O ano exato desse período de azar denomina-se “本厄”. O “前厄” indica o ano anterior a este e “後厄”, o posterior. No texto, 42 anos de idade aparece como ano anterior ao ano

acolhida por ele, mas faleceu dois anos depois, vítima de uma febre repentina. Desde então, Omine via nos tios seus próprios pais, e sua gratidão pelos dezoito anos de criação era indescritível. San'nosuke era para ela como um irmão caçula. Omine chamava-o para junto de si, acariciava suas costas e examinava seu rosto dizendo “deve estar sendo solitário e triste para você com o papai doente, não é? O Ano Novo está chegando e a mana vai comprar algo para você, tá bem? Não vá dar trabalho à mamãe com teimosias, hein”. Nisto, o pai, com a voz embargada e debaixo das cobertas, interrompeu dizendo “dar trabalho? Escute, Omine, minha filha. Ele tem apenas oito anos, mas já é grande de corpo e de espírito. Desde que caí de cama, não há quem ganhe o pão e as despesas só aumentam. Vendo todo nosso sofrimento, ele começou a sair com o rapaz da loja de conservas.

de azar devido à forma de contagem da idade naquele período. Isto é, a contagem de idade das pessoas iniciava-se a partir do momento de nascimento e, a cada virada de ano, somava-se um ano à conta. Assim, nascia-se já com um ano de idade e, conseqüentemente, os 42 anos registrados no texto correspondem aos 41 anos na contagem que usamos mais comumente na atualidade.

Saem para comprar amêijoas e ele as carrega nos ombros por onde as pernas aguentarem. Se o outro rapaz vende oito centavos de iene, nosso San'nosuke garante dez sem falta. Talvez os deuses vejam sua piedade filial... De todo modo, o dinheiro do remédio vem do trabalho dele. Ele merece todos os elogios, Omine”.

A tia, também em lágrimas, completou, “ele gosta tanto da escola que nunca nos deu trabalho. Comia o jejum e corria para lá e às três horas, quando as aulas terminavam, voltava direto, sem travessuras pelo caminho. Não é por ser meu filho, mas os professores sempre o elogiaram. É de cortar o coração de uma mãe vê-lo, por causa da pobreza, carregando cestos de amêijoas e calçando naqueles pequenos pés sandálias de palha nesse frio cortante”. Omine abraçou San'nosuke com força. “Mas que piedade filial sem igual! Mas, ainda que seja grandinho, oito anos ainda são apenas oito anos. O jugo da balança não machuca seus ombros? As cordas das sandálias não cortam seus pés? Peço que me perdoem e, de hoje

em diante, voltarei para casa para cuidar do tio e ajudar no sustento de casa. É um pecado que até hoje cedo eu estivesse reclamando do gelo na corda do balde do poço sem saber de nada disso aqui. Como posso vestir longos quimonos enquanto ele, em idade escolar, carrega amêijoas? Tio, vou pedir as contas, eu não volto mais para aquela casa!”

Ela chorava, transtornada. San’nosuke, quietinho, deixava as lágrimas caírem, baixando o rosto para escondê-las. Via-se em seu ombro a roupa gasta, com os pontos de costura expostos de tanto carregar peso. Yasubei, porém, proibiu terminantemente que ela deixasse o emprego. “Sua intenção me alegra, mas o que uma mulher faria aqui? Além disso, você já pediu adiantamentos ao seu patrão, não dá para simplesmente dizer ‘bem, é isso’ e sair. O primeiro emprego é fundamental. Não quero que pensem que você voltou por falta de perseverança. Trabalhe com dedicação. Minha doença não durará para sempre e assim que eu melhorar um pouco, retomarei o comércio. Ah, se passarmos esta quinzena e o ano

acabar, o Ano Novo primaveril trará coisas boas. Paciência, todos nós precisamos de paciência. San'nosuke, aguente firme, meu jovem. Omine, aguente firme!”

Ele conteve as lágrimas. Sem poder oferecer um banquete à visita rara, serviram-lhe o que ela gostava: bolinhos Imagawayaki e batatas cozidas. “Coma bastante”, diziam eles, e as palavras eram fonte de felicidade para Ohime. Contudo, a aflição dentro da casa com a proximidade do último dia do ano era visível. Não era uma dor física, mas uma angústia no peito já que quando Yasubei caiu de cama, tinham tomado dez ienes emprestados de um agiota de Tamachi por um prazo de três meses. Com os juros equivalente a um iene e meio descontados na fonte, recebeu apenas oito ienes e cinquenta centavos. O prazo vencia agora, no fim de dezembro, e não havia como pagar. Marido e mulher discutiam em voz baixa. Ela, trabalhando até sangrar a ponta dos dedos, não conseguia ganhar dez centavos por dia e falar com San'nosuke de nada adiantaria.

“Os seus patrões, Omine, possuem centenas de casas geminadas de aluguel em Shirokane-Daimachi e vivem numa opulência invejável. Lembro de quando fomos até o portão daquela mansão e vimos aquela construção de armazéns que não se faria com menos de um milhar de iene. Diante de tamanha fortuna, pensei comigo que o seu patrão não haveria de negar um pequeno favor a uma criada de confiança que já estava lá há um ano. Caso conseguíssemos chorar uma renegociação de dívida neste fim de mês e pagássemos novamente os juros de um iene e meio para acalmar o credor, ganharíamos mais três meses de prazo. Pode parecer ganância pedir isso, mas mesmo que compre bolinhos de arroz com o mais barato dos vendedores ambulantes, não quero que o San'nosuke, antes mesmo de crescer, veja os pais sem terem sequer os hashis para a sopa de *zôni* no Ano Novo. Preciso de dois ienes até as vésperas do Ano Novo, Omine. Sei que é difícil, mas peço que tente esse recurso”. Omine refletiu por um instante e disse “está bem, vou fazer o que posso. Se for difícil, pedirei

como adiantamento do meu salário. Embora a aparência da mansão seja de riqueza, sei que em todo lugar é difícil lidar com dinheiro, mas por essa quantia, não acredito que recusariam se eu explicasse o motivo. Para não correr nenhum risco de me indispor com eles, voltarei agora. Minha próxima folga será na alta primavera, espero que até lá possamos todos rir juntos”, disse aceitando o encargo. “Como nos enviará o dinheiro? Devo mandar o San’nosuke buscar?”, perguntou. “Sim, por favor. Na véspera de Ano Novo estarei muito ocupada, mas farei o possível para deixar tudo pronto até antes do meio-dia. Sinto muito, meu pequeno San. Vai ser uma longa viagem, mas te peço que vá até lá por favor”.

Com o compromisso selado, Omine partiu.

SEGUNDA PARTE

ISHINOSUKE, O FILHO PRIMOGÊNITO dos Yamamura, era, diferente das irmãs, filho de outra mãe e, por isso, o afeto do pai para com ele sempre fora escasso. Há dez anos chegava-lhe aos ouvidos a conversa de que seria dado em adoção para que a herança passasse às mãos das irmãs mais novas, plano que ele ouvia sem o menor agrado, mas achava cômico que, nos tempos de hoje, não o pudessem deserdar de vez. Entregando-se aos prazeres conforme o seu capricho, esquecido das lágrimas da madrasta e das ordens do pai, mergulhou no desregramento desde a primavera de seus quinze anos. Tinha uma postura viril e um olhar que transparecia astúcia. Embora de pele escura, possuía um semblante atraente que despertava os cochichos das moças da vizinhança. Contudo, seu único norte era a desordem. Frequentava os bairros de prazer de Shinagawa, mas sua farra não terminava ali, costumava cruzar a cidade sobre carroças em disparadas no meio da noite para

despertar os malandros de Kurumamachi, esvaziando o fundo da carteira para exigir bebidas e petiscos, fazendo da extravagância o seu caminho. “Para nós da família, entregar-lhe o patrimônio seria como atear fogo a um armazém de petróleo, tudo viraria fumaça e cinzas, e não vai ter nada que possamos fazer. Além disso que restaria para os irmãos mais novos?”, assim pensava a madrastra, cujas queixas ao pai eram incessantes. Por outro lado, não haveria alma no mundo disposta a aceitar tal devasso como filho adotivo. Decidiram, então, em conselho íntimo, separar-lhe uma quantia em dinheiro para que vivesse como um herdeiro afastado, sob um registro civil próprio⁷.

Ishinosuke, porém, ouvia tais propostas com desdém, sem se deixar prender na armadilha. “Estão me oferecendo dez mil ienes e um estipêndio mensal

⁷ O sistema básico de registro de pessoas no Japão é o Registro Familiar (戸籍) em que um indivíduo é registrado como pertencente a uma família. Há algumas ocasiões em que as pessoas mudam de Registro Familiar, como o casamento. Essa mudança implica no desligamento legal dos membros da família anterior.

para que minhas aventuras não sejam afetadas. Mas caso meu pai vier a faltar, eu serei o patriarca da casa e vocês deverão me reverenciar como tal. Mas, se querem que eu me torne senhor de minha própria casa e deixe de trabalhar em favor desta, que assim seja, se é o que desejam”, respondia, com palavras ácidas apenas para atormentá-los.

Ele ouvia boatos sobre o crescimento da fortuna da família, o número de casas de aluguel havia aumentado e os lucros, dobrado. “Mas que engraçado, que engraçado! Estão acumulando tanta fortuna para deixar para quem? Não sabem que um grande incêndio pode começar numa simples lamparina de altar? Devem ter esquecido que o segundo nome do primogênito é justamente ‘bola de fogo’ e que ele vive rolando por aí!” Ishinosuke já tinha decidido que Isarago seria o local da próxima grande bebedeira de Ano Novo e, para alegrar os pobres daquela região, dizia “em breve arrancarei um dinheiro da minha família e darei um ótimo Ano Novo para vocês!”.

Quando se anunciou a volta do irmão mais velho, as irmãs, amedrontadas, evitavam-no como se tocassem em uma ferida inflamada. Tudo o que ele falava era acatado e, nisto, seu egoísmo era ainda mais atiçado. Com ambos os pés enfiados no *kotatsu*⁸, ele exigia água e mais água para aplacar a embriaguez, numa perturbação sem limites. A madrastra, embora o odiasse, sentia o peso das aparências. Escondendo sua língua ferina, cobria-o com uma pequena coberta para que não se resfriasse e arrumava-lhe o travesseiro com desvelo. Ao mesmo tempo, entregava-se à tarefa de limpar os peixinhos secos para os preparativos do dia seguinte enquanto murmurava para que fosse ouvida ao pé do travesseiro de Ishinosuke, “se deixar nas mãos dos outros, vai ser tudo perdido!”.

O meio-dia se aproximava e Omine, aflita com a promessa feita ao tio, buscava um momento em que o humor da patroa estivesse favorável. Sem tempo a

⁸ Mesa baixa com aquecedor embutido na parte de dentro, muito usado no inverno para aquecer as pernas.

perder, desfez o lenço que prendia o cabelo e, aproximando-se com humildade, suplicou: “sobre o que lhe roguei há alguns dias, minha patroa... Pode soar indelicado pedir em hora tão atarefada, mas trata-se de um dinheiro que prometi entregar impreterivelmente logo após o meio-dia. Se a senhora puder me valer, será a salvação do meu tio e minha maior alegria! Serei eternamente grata por este favor enquanto ainda viver”, disse ela, esfregando as mãos em sinal de súplica. Quando Omine mencionara o assunto pela primeira vez, a resposta da patroa tinha sido vaga, mas, ao fim, parecia um “sim”. Acreditando naquelas palavras e temendo ser impertinente se insistisse demais num dia difícil, Omine aguardou até aquele momento. Mas já era a manhã da véspera do Ano Novo, o prazo final, e a patroa nada dizia, como se tivesse esquecido.

Forçando-se a vencer a vergonha diante da urgência que a assolava, Omine expôs sua necessidade. A patroa, contudo, fez um semblante de espanto e perplexidade, como se ouvisse um absurdo qualquer.

“Mas do que você está falando? De fato, ouvi sobre a doença do seu tio e essa história das dívidas, mas em momento algum eu disse que a gente adiantaria esse valor. Você deve ter entendido mal. Não tenho a menor lembrança de tal compromisso”.

Ah, aquela negação era o seu número de mestre, quão grande era a sua falta de compaixão?!

As filhas da casa, trajando quimonos de manga curta confeccionados com seda primorosamente tecidas em padrões com flores e folhas outonais, desejavam apenas ostentar o brilho de suas vestes de primavera, ajustando as golas e sobrepondo as bainhas para admirar e serem admiradas. Para elas, a visão do estorvo do irmão mais velho era um fardo insuportável. “Saia daqui depressa! Vá embora logo!”, pensavam elas, embora não ousassem o dizer. A mãe, por sua vez, mal continha o seu gênio tempestivo inato. Acaso um monge sábio a visse naquele instante, encontraria uma alma envolta em labaredas e fumaça negra, com o coração em pleno delírio de fúria.

E as palavras que ela proferia! O dinheiro é, de fato, o remédio que vira veneno. Embora soubesse perfeitamente ter aceitado o encargo, que mal haveria em negá-lo agora? Com um desdém cortante, reafirmou que a outra devia ter entendido mal e, soprando anéis de fumaça de seu cigarro, deu o assunto por encerrado com indiferença.

Oh, por acaso seria uma fortuna?! São apenas dois ienes! E tendo dado o seu consentimento verbal, a promessa não poderia ter caducado em menos de dez dias! Olhe lá, naquela gaveta da escrivaninha de escrita, há um maço de notas ainda intocado. Dez, vinte notas... Omine não queria tudo, bastavam-lhe apenas duas para ver a alegria do seu tio e o sorriso da sua tia, para que o pequeno San'nosuke pudesse levar os hashis à sopa de Ano Novo! Só de pensar nisso, Omine sentia um desejo incontrollável por aquele dinheiro. Odiou a patroa com todas as suas forças, mas tamanha era a sua amargura que as palavras lhe fugiram. De temperamento sempre dócil, Omine não possuía o artifício de encurralar os outros com lógica

ou argumentos e, assim, retirou-se cabisbaixa para a cozinha. Naquele exato momento, ecoou o estrondo profundo do canhão do meio-dia⁹, cujo som, em tal circunstância, pareceu reverberar dolorosamente dentro do seu peito.

“Rogo para que a senhora minha mãe venha sem demora! As dores começaram pela manhã e o momento do parto se aproxima. Sendo a primeira vez, o patrão está em desvário, e numa casa sem anciãos, a confusão é indescritível. Que venha agora, neste instante!”, dizia o recado. Tratava-se de um parto perigoso, de vida ou morte. O chamado vinha da filha em Saiôji, que enviava uma carruagem para buscar a mãe. Sendo véspera de Ano Novo, não havia espaço para recusas. A patroa via-se dividida, em casa havia dinheiro e o enteado vadio dormia bem ali, mas, como não podia se dividir em duas e levada pelo peso do afeto materno, subiu à carruagem. Partiu

⁹ Durante a Era Meiji e Taishô, o meio-dia era costumeiramente demarcado com um tiro de canhão. O costume foi caindo em desuso após as melhorias de precisão pelas quais passaram os relógios.

amaldiçoando o temperamento despreocupado do marido, que naquela altura do dia certamente estaria em alguma pescaria. A patroa nutria, naquele momento, um profundo rancor por aquele pescadorzinho inveterado do marido.

Nesse desencontro, chegou San'nosuke à Shirokan-Daimachi. Encontrou o lugar sem erro, mas, vendo a própria figura miserável, temeu envergonhar a irmã e espiou temeroso pela entrada de serviço. Omine, que chorava diante do fogão, ocultou as lágrimas ao avistá-lo. Preocupada em pensar no que faria, não conseguia sequer dizer “chegou direitinho hein” ao pequeno. “Mana, não vão brigar comigo se eu entrar? Vou conseguir levar o que tinha prometido? Papai disse que era pra eu agradecer muito ao patrão e à patroa”, disse a criança com o rosto iluminado pela inocência de quem nada sabia. Omine sentiu uma dor aguda. “Espere um pouco, tenho algumas coisinhas para terminar” disse ela, correndo para vigiar o movimento da casa.

As jovens senhoritas estavam no jardim, absortas no jogo de peteca, o criado ainda não tinha voltado de uma obrigação fora de casa, a costureira estava no segundo andar e, por ser surda, não oferecia perigo. E o jovem herdeiro? Estava no auge de um sonho profundo, enfiado no *kotatsu* da sala de estar.

“Rogo a vós, deuses e budas! Tornar-me-ei uma pessoa perversa. Não é minha vontade, mas não me resta outra alternativa. Se houver castigo, que caia apenas sobre mim. Meu tio e minha tia nada sabem disso, portanto, perdoai-os. É um sacrilégio, mas permiti-me que eu roube este dinheiro!”

Da gaveta da escrivaninha que já conhecia, retirou apenas duas notas do maço. Após pegá-las, sem saber se vivia um sonho ou a realidade, entregou-as a San’nosuke e apressou sua partida. Seria tolice supor que ninguém tivesse visto tudo aquilo?

Perto do cair da noite daquele mesmo dia, o patrão regressou da pescaria com o semblante radiante de

um Ebisu¹⁰. Logo em seguida, chegou a patroa, exultante pelo sucesso do parto, transbordando amabilidade até mesmo com o condutor da carruagem que a trouxera. “Diga-lhes que voltarei a visitá-los assim que os afazeres desta noite findarem e que, amanhã bem cedo, enviarei sem falta uma das irmãs para ajudar”, recomendou ela. Complementando ainda com infrequentes agradecimentos, deu ao homem uma gratificação para as velas e, suspirando, exclamou: “ai de mim, que pressa! Quem me dera poder tomar emprestado o corpo de alguém desocupado por um instante. Omine, as folhas do espinafre-mostarda já estão cozidas? Lavou as ovas secas do arenque? O patrão já voltou? E nosso herdeiro?” Esta última pergunta, fez em voz baixa. Ao ouvir que, em relação a isto, tudo ainda estava na mesma, franziu a testa.

¹⁰ Um dos Sete Deuses da Fortuna japonês, é comumente representado como um senhor gordo e muito sorridente que segura uma vara de pesca em uma das mãos e, debaixo do outro braço, traz um pargo japonês, fruto da pesca.

Ishinosuke estava incomumente quieto naquela noite. Embora os três primeiros dias do Ano Novo devessem ser celebrados em família, aquilo tudo lhe era um insuportável. As saudações que precisava fazer a todas aquelas pessoas em trajes formais eram-lhe enfadonhas, e também já estava farto dos sermões. Não encontrando beleza alguma nos rostos de seus parentes, não sentia o menor desejo de vê-los. Como havia feito um compromisso para aquela noite com seus amigos das ruelas de fundo, decidiu partir. “Estou indo agora e na alta primavera voltarei para receber as vossas diversas bênçãos. Já que estamos no limiar de um tempo festivo, quanto me dareis de presente de fim de ano?”, perguntou ele. Era por esse dinheiro que ele aguardava a volta do pai, deitado desde a manhã.

Diz-se que os filhos são os grilhões que nos prendem o passado, o presente e o futuro, mas, em verdade, não há pai mais infeliz do que aquele que tem um devasso por filho. Sendo o sangue um laço impossível de cortar, o pai vê-se forçado a abrir os

cofres que tanto preza toda vez que o filho, após esgotar todas as travessuras possíveis, cai no abismo da ruína. Afinal, se o pai disser que não o conhece, o mundo não o perdoará, e a vergonha de ver o nome da família manchado é maior que o apego ao dinheiro.

Contando com isso, Ishinosuke prosseguiu: “tenho uma dívida que vence esta noite. Como servi de fiador e firmei o compromisso com o meu carimbo pessoal, se eu não entregar o que devo a esses vagabundos, o desfecho será terrível, como uma tempestade em plena época de apreciar as flores primaveris. Não me resta alternativa e seria uma afronta ao vosso nome não pagar, pai”. Em suma, era o dinheiro que ele exigia. A madrastra, suspeitando desde a manhã que tal coisa ocorreria, observava a cena imaginando quanto Ishinosuke mendigaria dessa vez. Ressentida com a passividade do marido, mas igualmente incapaz de vencer a eloquência de Ishinosuke, limitava-se agora, trocando de lugar com Omine, a quem tinha feito chorar pela manhã, a lançar olhares de soslaio para se

certificar das feições do pai. Este, em silêncio, dirigiu-se ao cofre e de lá trouxe um maço de cinquenta ienes.

“Não te dou este dinheiro por mérito teu. Dou-o por pena das tuas irmãs que ainda não se casaram e para não envergonhar o marido da tua irmã mais velha. A casa Yamamura sempre se pautou pela honestidade e pela retidão, e jamais permitiu que boatos vis sobre o seu nome circulassem por aí. Tu deves ser a reencarnação de um demônio para teres nascido assim. Caso a tua insensatez te levar a cobiçar o bolso alheio, a ignomínia não parará em mim. O patrimônio é secundário, o que importa é não envergonhar teus pais e irmãos. De nada adianta falar-te, mas, se fosses um jovem herdeiro normal desta família, evitarias criar intrigas públicas desnecessárias, farias algum esforço para fazer as saudações de Ano Novo em meu lugar e pouparias este teu pai quase sexagenário de chorar de vergonha. Mesmo tendo contato com livros na infância, me pergunto por que não compreendes isso? Agora vai! Sai daqui! Vai para onde quiseres, mas não tragas a desonra para dentro desta casa!”, o pai

retirou-se para os aposentos internos, e o dinheiro desapareceu no bolso do peito de Ishinosuke.

“Minha mãe!, que passeis bem e que tenhais um próspero Ano Novo. Sendo assim, despeço-me”, disse Ishinosuke com uma reverência propositalmente cerimoniosa. “Omne, pegue as minhas sandálias! Não estou partindo por aquela entrada rumo a outra casa, mas apenas saindo para um passeio!”, exclamou com descaramento, agitando os braços largamente. Para onde seguiria ele? As lágrimas do pai, em meio à agitação da noite, não passariam de um sonho fugaz. Não se deve ter um filho desregrado, mas tampouco se deve ter uma madrasta que os cria para a vadiagem.

Embora não se espalhasse sal para purificar o caminho, a patroa tratou de varrer os vestígios da partida do herdeiro, exultante por vê-lo em retirada. Ainda que o dinheiro lhe doesse no bolso, odiava tanto vê-lo que sua ausência era o maior dos bens. “Como pode alguém ser tão cínico? Gostaria de ver

o rosto da mãe que pariu tal criatura!”, dizia ela, polindo sua costumeira língua venenosa.

Como poderia Omine dar ouvidos a tais falatórios? Aflita pelo horror do crime cometido, já não sabia se era ela mesma ou outra pessoa. Revivia o ato de instantes atrás como se avançasse por uma trilha em sonhos. Seria possível que aquilo passasse despercebido? Ainda que fossem muitas notas, se contadas, a falta de uma única delas saltaria aos olhos. Caso uma quantia exatamente igual à que havia solicitado não estivesse ali, até Omine desconfiaria de si mesmo. O que faria se a interrogassem? O que diria? Negar seria um pecado ainda maior; confessar traria a vergonha sobre o seu tio. Estava pronta para o seu próprio castigo, mas vestir o seu honrado tio com a túnica da infâmia seria o cúmulo da miséria. “Dirão que gente pobre é capaz de tais baixezas!”, pensava ela com amargura. “Que tristeza! O que devo fazer? Não haveria um meio de eu morrer subitamente agora, para que a honra de meu tio permanecesse intacta?”. Seus olhos seguiam os

movimentos da patroa, mas seu coração vagava em torno da escrivaninha.

Havia chegado a hora do “Grande Acerto”, o momento da noite em que todo o dinheiro era reunido e selado. A patroa, lembrando-se subitamente, disse: “deixei vinte ienes na escrivaninha que o Tarô, o telhadista, devolveu do empréstimo. Ofude! Omine! Tragam a escrivaninha para cá!”. Ao ser chamada do aposento interno, Omine sentiu que sua vida já se extinguia. “Diante do patrão, direi tudo o que houve desde o princípio; contarei a falta de piedade da patroa e, sem artifícios ou fugas, confessarei: ‘não sei se foi por cobiça, mas eu roubei’. Rogarei para que entendam que meu tio nada teve com isso. Se não me ouvirem, cortarei minha própria língua e morrerei ali mesmo, para que creiam que não minto ao custo da minha vida”, conjecturava. Seu peito se firmou com tal determinação, mas o coração que a levava ao aposento interno era o de uma ovelha conduzida ao matadouro.

Omine tinha pegado apenas duas notas, deveriam restar dezoito. Mas, por algum mistério, o maço havia desaparecido por completo. Por mais que virassem a gaveta de cabeça para baixo e a sacudissem, de nada adiantou. O que causou estranheza foi um pedaço de papel que caiu entre os restos, um bilhete escrito sabe-se lá quando:

*Tomei também de empréstimo a parte da gaveta.
Ishinosuke*

“Então foi aquele vadio!”, exclamaram todos, trocando olhares, e para Omine não houve qualquer interrogatório. Teria a virtude oculta de sua piedade filial transformado, sem que ela soubesse, o seu erro no crime de Ishinosuke? Ou teria ele, ciente de tudo, assumido propositalmente a culpa por ela? Se assim for, Ishinosuke tornava-se a divindade protetora de Omine. Ah, o que será que o destino reservou para o futuro?!



**ENSEADA DE
ÁGUAS TURVAS
[1895]**

HIGUCHI ICHIYÔ

RIKA HAGINO (TRAD.)

ENSEADA DE ÁGUAS TURVAS

[TRAD.]¹

higuchi ichiyô

/

“OLÁ, SEU KIMURA! SEU SHIN! Não quer entrar?

Se digo para entrar, por que não entra? Pretende ir novamente a Futabaya² sem passar aqui, não é? Nem pense nisso, senão irei atrás e o arrastarei à força para

¹ Tradução e notas por Rika Hagino. Revisão por Felipe Chaves Gonçalves Pinto.

² Nome de uma outra casa de saquês (casa de tolerância popular).

cá. Se realmente vai à casa de banho, passe aqui sem falta na volta. Não dá para acreditar no que diz, pois é um mentiroso”. De pé em frente à loja, a mulher se queixa para o homem de tamancos de tiras, frequentador da casa. O homem, sem mostrar irritação, passa dando explicações. “Mais tarde! Mais tarde!”. Ela o acompanha com os olhos dando estalos com a língua. “Mais tarde nada. Não tem nem intenção de vir. Se realmente se casou, não tem jeito”. Falando sozinha, ela se dirige para a loja e transpõe a soleira da porta. “Otaka, o que está resmungando? Não há razão para se preocupar tanto. Não existe aquela expressão: “Reacender-se o amor (entre os dois)³”? Pode ser que volte a ser como antes. Não se preocupe. Fique esperando fazendo uma prece⁴”, diz uma colega como se a consolasse. “Eu, diferente de você, Oriki, não tenho talento. É uma lástima deixar

³ Expressão comumente usada para expressar que mesmo que um casal se separe há uma grande chance de eles reatarem.

⁴ O termo se refere a um tipo de prece em que se acredita que se bater na cadeira e fizer um pedido, este se realizará. Típico do mundo das meretrizes.

escapar um cliente que seja. Para uma pessoa sem sorte como eu, nem prece, nem nada funciona. Ah, esta noite terei que ficar novamente na porta até conseguir um cliente⁵. Que desgosto!”. Num acesso de raiva, senta-se em frente à loja e chuta o chão de terra com a parte traseira dos tamancos. Ela tem entre 27 e 30 anos, sobranceiras pintadas⁶, as linhas frontais do cabelo contornadas de preto⁷ e o rosto coberto de pó-de-arroz. O batom em seus lábios é tão forte que parece a boca de um cachorro que acabou de devorar uma pessoa. A que foi chamada de Oriki, é uma mulher esbelta e de peso mediano. Seus cabelos, que acabaram de ser lavados, atados em um penteado Ôshimada⁸, estavam adornados com um refrescante enfeite. Tem a pele tão branca que o pó-

⁵ As meretrizes ficavam à porta da loja e só podiam entrar quando conseguissem um cliente.

⁶ Trata-se de arrancar ou raspar os pelos e delinear com lápis para sobranceiras.

⁷ Costume que se tornou popular na era Edo (1603-1868). As linhas frontais e o frontal do cabelo eram delineados com *sumi* (tinta-da-china).

⁸ Penteado que se consistia em prender os cabelos de modo que a maior parte deles ficasse em coques nas laterais da cabeça, com uma menor parte presa ao centro.

de-arroz passado apenas na área do pescoço não sobressai e até parece diluir-se na sua tez natural. No seu desleixo ao se vestir, seu quimono deixa à vista sua cútis alva até a altura dos seios. Sentada com um dos joelhos erguido, tragava incessantemente a longa piteira⁹. Livre de não ter quem censurasse seus maus modos. Vestia um quimono com estampas enormes e a faixa preta feita com tecido preto imitativo do cetim, mostrava nas costas um chamativo escarlate e estava amarrada de forma desleixada. Desnecessário dizer, mas ela era uma prostituta das redondezas. Otaka diz, como se lembrasse de algo, coçando a base do penteado com o enfeite para cabelo de prata alemã: “Oriki, você enviou aquela carta?”. “Aham!”, Oriki responde desinteressada. Ela diz rindo: “Ele não vem mesmo. Fiz apenas por cortesia...”, “Deixe de disfarces! Escreveu extensamente, colou dois selos no envelope volumoso e diz que é apenas por cortesia?

⁹ Refere-se a um tipo de aparelho para fumar, composto de um forninho, onde se põe o tabaco, e de um tubo fino e longo, por onde se aspira o fumo.

Além disso, você não o conhece desde a época de Akasaka¹⁰? Não se pode cortar relações por causa de um pequeno desentendimento. Basta um movimento seu, que dá-se um jeito. Por que não se anima e tenta retê-lo? Não é bom fazer pouco caso das dádivas alcançadas”, diz Otaka. “Obrigada pela gentileza. Aceitarei seus conselhos, mas como ele não faz o meu tipo, peço que esqueça isso”, diz Oriki como se tratasse de algum assunto alheio. “Estou passada!”, diz Otaka rindo. “Você pode se dar ao luxo desses caprichos, mas no meu caso seria o meu fim”, acrescenta abanando os pés com um leque e, rindo, complementa: “Eu já tive meus momentos de glória”. Vendo os homens passando na rua, ela grita “Não querem entrar?”. Ao entardecer, assim começa o movimento em frente à loja.

¹⁰ Zona de prostituição frequentada por pessoas influentes como políticos e a alta camada social.

A loja possui cerca de 3,5m de fachada e dois andares. No beiral do telhado, lanternas de papel¹¹ estão penduradas. O sal¹² abundante sugere a prosperidade econômica. Não se sabe se são garrafas vazias, mas os saquês de marca estão alinhados sobre a prateleira onde aparenta ser o caixa de um bar. Da cozinha ouve-se às vezes o agitado som de uma pessoa abanando o fogareiro de carvão. O motivo de a própria dona preparar o cozido¹³ e o *chawan mushi*¹⁴ é que o letreiro pendurado na frente da loja sugere que o local seja um restaurante. Se alguém, tomando isso ao pé da letra, viesse fazer um pedido? Recusariam dizendo que imprevisivelmente hoje o produto está em falta? E não se constrangeriam em pedir às mulheres que fossem as demais casas? No entanto, o mundo é muito bem feito, pois as pessoas

¹¹ Lanternas que são penduradas nas entradas das casas de prostituição e de gueixas, entre outros, por acreditar-se que traz boa sorte para os negócios.

¹² Refere-se ao sal empilhado em forma de triângulo em frente às casas de prostituição clandestinas com a superstição de que atrai clientes.

¹³ Trata-se de um prato japonês servido na caçarola.

¹⁴ Trata-se de um prato japonês de ovos, carne e legumes cozido a vapor.

sabem que tipo de negócio é, e nem mesmo um interiorano chega à loja para solicitar aperitivos ou peixe assado. Oriki é a atração da casa, é também a mais jovem, e tem muita habilidade para atrair clientes. Não é de falar gentilezas para contentá-los, ao contrário, agia de forma extremamente caprichosa e havia entre as colegas as que a considerassem presunçosa por se achar um pouco bonita. Mas, no relacionamento pessoal, descobria-se que ela era mais bondosa do que se imaginava e despertava simpatia até mesmo entre as mulheres. Não consegue esconder o seu verdadeiro caráter, e seu brilho vinha da sua bondade que se revelava em seu rosto. Não há uma pessoa que venha à zona recém-urbanizada¹⁵ que não conheça a Oriki da casa Kikunoi¹⁶. Questionava-se se é a “Oriki do Kikunoi” ou “Kikunoi da Oriki”. Para a casa, fora um achado raro dos últimos tempos.

¹⁵ No original, *Shinkaichi*. Área recentemente desenvolvida, comercialmente ativa, ainda não bem estruturada, mas em processo de expansão.

¹⁶ Nome da casa de saquês (casa de tolerância popular) onde Oriki trabalha.

Graças a ela, a zona recém-urbanizada ganhou um colorido especial. A vizinhança, com inveja, diz que a dona do estabelecimento deveria colocar Oriki em um altar.

Otaka, observando que não há movimento de pessoas, diz: “Oriki, pelo que a conheço, seja lá o que tenha acontecido, suponho que você não esteja se preocupando, mas me colocando em seu lugar, preocupo-me com o Genshichi. Sei que ele não é um bom cliente agora que caiu na miséria, mas se vocês se gostam não tem jeito. Mesmo com a diferença de idade e ainda que ele tenha um filho, não é mesmo? Não devem se separar só porque ele tem esposa. Não tem com o que se preocupar. Convide-o. No meu caso, não tem jeito. O patife mudou completamente em relação a mim e fuge só de ver a minha cara. Vou desistir e procurar outro, mas o seu caso é diferente. Basta você querer que ele se divorcia da esposa, mas você não quer se casar com Genshichi porque é muito orgulhosa. Faça isso! Não há problema em chamá-lo.

Escreva-lhe uma carta. O menino do Mikawaya¹⁷ deve vir aqui pegar o pedido daqui a pouco, então peça a ele para que a entregue. Você não é nenhuma moça de família, então não há motivos para ficar acanhada. O seu problema é que você desiste muito facilmente. De qualquer modo, escreva uma carta para ele. Coitado do Genshichi”. Dizendo essas palavras, Otaka olha para Oriki. Ela está absorta na limpeza da piteira com os olhos voltados para baixo e nada diz.

Por fim, limpa o forninho da piteira, dá uma tragada, bate, acende-o novamente e passa para Otaka. “Tome cuidado. Se falar em frente à loja alguém pode ouvi-la. As pessoas podem confundir e achar que a Oriki do Kikunoi é amante de um ajudante de pedreiro. Isso é um sonho do passado. Já esqueci-o completamente e não me lembro mais nem de seu nome. Vamos parar com essa conversa”. Quando Oriki se levantou dizendo essas palavras, passava em frente à loja um grupo de rapazes trajando quimonos presos com

¹⁷ Nome de uma loja.

faixas simples¹⁸. “Ei, Seu Ishikawa, Seu Muraoka, esqueceram da loja da Oriki?”, chama Oriki. “Não, não. Fomos chamados pela ‘heroína’ como sempre. Não há como passar direto”. Os jovens vão entrando um após o outro na loja e logo ouve-se o som de passos apressados pelo corredor. “Uma garrafinha de saquê”, gritam. E a empregada responde: “O que querem para acompanhamento?”. Começa-se a ouvir o animado som do *shamisen*¹⁹ e da dança.

¹⁸ No original, *Hekoobi*. Obi é uma peça de tecido que se amarra à cintura para prender o quimono. Heko obi é um tipo de obi usado por rapazes ou crianças.

¹⁹ Instrumento tradicional japonês de três cordas usado pelas prostitutas para entreter os clientes.



NUM CERTO DIA OCIOSO DE CHUVA, um homem de cartola²⁰ aparentando uns 30 anos passa em frente à Kikunoi. “Com essa chuva, se eu deixar escapar esse homem, não terei nenhum cliente”, pensa Oriki e corre porta afora e se agarra à manga do quimono dele. “Não vou deixá-lo ir de forma alguma”, diz Oriki como uma criança mimada. Aproveitando-se de sua beleza, convida o cliente ocasional raro, diferente dos demais, para entrar. No cômodo do segundo andar, eles conversam silenciosamente e não se ouve o som do *shamisen*. O cliente pergunta a idade, o nome de Oriki e sobre seus pais. “É de família de samurai?” e Oriki responde “Isso não posso dizer”. “É plebeia?”, ele pergunta e Oriki responde “Talvez!”. “Então é da nobreza?”, ele

²⁰ No original, *Yamatakabôshi*. No Japão, durante as eras Meiji (1868-1912) e Taishô (1912-1926), a cartola era usada também com traje de cerimônias japonesas como, por exemplo, o quimono com o brasão da família. Esse costume era um reflexo da influência da ocidentalização do início da era Meiji.

pergunta rindo. “Bem, pense assim então. Pense que está sendo servido por uma filha de nobre”, diz Oriki enchendo o copo. “Que falta de modos, servir o saquê sem pegar o copo na mão! Estes são modos da escola Ogasawara²¹? São de que escola?”, ele diz. “São da escola Oriki e seguidos no Kikunoi. Tem o modo de embeber o saquê no *tatami*²², o modo de servir saquê em uma enorme tampa da tigela e fazer o cliente beber em um gole. E não servir os clientes quando não gostamos deles é o maior segredo da nossa arte”. Como Oriki fala sem mostrar nenhum constrangimento, o cliente se interessa ainda mais. “Fale-me sobre você! Tenho certeza de que é uma história terrível. Não consigo imaginar que você seja uma mulher simples criada nos padrões das famílias comuns. E então, me diga?” Então, Oriki fala rindo: “Olhe! Ainda não nasceu chifres entre as têmporas e

²¹ Renomada escola de artes marciais e regras de etiqueta para famílias de samurais. Após a sua adoção pelo clã Tokugawa, essas regras passaram a ser imitadas pelo povo e tiveram outras introduzidas, recebendo o nome de Escola Ogasawara.

²² Esteira-prancha de palha (de arroz) coberta com revestimento de junco e que constitui o soalho típico da casa japonesa.

nem tenho tanta carapaça assim”. “Pare de brincadeiras! Conte-me a verdade. Se não pode me contar sobre o seu passado, fale-me sobre seus objetivos”, insiste ele. “É difícil! Se eu contar, você vai se assustar. Eu sou o Ôtomo no Kuronushi²³, que desejava conquistar o mundo”. Por fim Oriki ri. “Assim não dá! Pare de brincadeiras e fale sério! Por mais que a mentira faça parte do dia a dia de vocês, deve haver um pouco de verdade nas suas vidas. Tinha marido? Ou é por causa dos seus pais?”, o cliente pergunta sério. Então Oriki fica triste. “Eu também sou um ser humano. Há coisas que tocam o meu coração. Meus pais morreram cedo e agora vivo sozinha. Mesmo eu sendo assim, não é que não haja homens que queiram me tornar sua esposa, mas ainda não tenho marido. Tive uma criação muito humilde. Por isso, devo terminar a minha vida desse modo”. Palavras, assim ditas, transbordavam sentimentos.

²³ Nobre considerado um dos seis melhores poetas de *waka* (poema clássico japonês) da era Heian (794-1185). Um dos poetas citados no prefácio do *Kokin wakashû* (Coletânea de poemas antigos e atuais).

Não estava flertando e agia com educação. “Não é porque teve uma criação humilde que não possa ter um marido. Especialmente sendo bonita como você. Você consegue se casar com um homem rico num pulo. Ou não gostaria de viver como esse tipo de esposa? Ou você prefere se casar com uma pessoa vivida?”, pergunta ele. “Deve ser isso mesmo. Mas quando eu gosto de alguém, ele não se interessa por mim. Entre os que querem se casar comigo, não encontro um que me agrade. Pode parecer um capricho, mas vivo cada dia dessa maneira”, diz Oriki. “Não diga uma coisa dessas! Não é possível que você não tenha ninguém. Agora mesmo uma das mulheres não disse que alguém em frente à loja lhe mandou recomendações? Tenho certeza de que há coisas interessantes em sua vida. E então?”, diz o cliente. Então, Oriki diz: “você é mesmo muito curioso. Clientes eu tenho tantos que nem dá para contar. As trocas de cartas de amor são para mim como trocas de papéis inutilizados. Se você me disser para escrever, eu escrevo promessas ou juramento, como você

preferir. Mesmo que eu firme compromisso de casamento, não sou eu quem quebra a promessa. O rompimento parte dos homens. Se a pessoa tem um patrão, ela têm medo dele. Se têm pais, agem conforme eles dizem. Se eles não vêm mais me ver, não vou correr atrás deles e prendê-los à força. Se for assim, é melhor deixar para lá. Embora tenha muitos clientes, não há uma pessoa a quem eu possa entregar a minha vida”. Oriki mostra-se desamparada e diz: “vamos parar com essa conversa e vamos nos divertir. Eu detesto tristeza. Quero me divertir, divertir, divertir bastante”. Dizendo isso, bate palmas para chamar as suas colegas. Entra uma mulher de aproximadamente 30 anos com uma maquiagem pesada e diz: “Oriki, vocês estavam tão silenciosos!”. “Ei, qual o nome do namorado de Oriki?”, o cliente lhe pergunta, e ela responde. “Ainda não sei o seu nome.” Então, ele diz rindo: “O *Obon*²⁴ está chegando,

²⁴ Também conhecido por *Urabon*, é o festival de celebração aos finados, uma importante celebração budista. O enredo de *Nigorie* passa-se em um período de aproximadamente uma semana no período do *Obon*.

mas se mentir, não poderá reverenciar a Enma²⁵”. “Acabamos de nos conhecer hoje, não é mesmo? Estava justamente pensando em vir perguntar”, diz ela. “Perguntar o quê?”. “O seu nome”, diz bajulando-o. Então, ele animadamente diz: “sua tola! A Oriki vai se zangar”. Entusiasmado-se com a conversa, Otaka diz: “quer que eu adivinhe sua ocupação?”. “Por favor”, diz estendendo a palma da mão. “Não, não é isso. Vou ver pelas suas feições”. Otaka olha fixamente para ele. Ele diz: “pare! Não suporto que me olhe dessa maneira como se procurasse os meus defeitos. Ainda que não pareça, sou um oficial do governo²⁶”. “Que mentira! Quando um oficial do governo estaria passeando no meio da semana? Oriki, o que você acha que ele faz?”, diz Otaka. “Não sou um fantasma”, brinca o cliente. “Dou um prêmio para quem acertar”, diz ele tirando a carteira do bolso. Oriki fala rindo:

²⁵ Grande juiz que julga as virtudes e os pecados cometidos pelos mortos em vida e diz-se que a pessoa que mentir nesse mundo terá a sua língua arrancada.

²⁶ Oficiais do governo eram considerados a elite durante o novo governo da era Meiji (1868-1912).

“Otaka, não vá dizer indelicadezas. Ele é um aristocrata. Ele está se divertindo às escondidas. Ele não tem nenhuma ocupação. Não precisa disso”. Dizendo isso, ela pega a carteira que estava em cima da almofada e diz: “Deixe isso por conta da Takao²⁷. Vamos dar uma gorjeta para todos”. E sem ouvir a resposta do cliente, tira o dinheiro da carteira. Ele observa isso encostado na pilastra sem dizer uma palavra. Ele parece ser uma pessoa generosa. “Deixo tudo por sua conta”, diz ele. Otaka, pasma, diz: “Oriki, já chega de brincadeiras”. “Não, está tudo bem. Esse é para você. Esse para você. Essa, como é uma nota grande, fica para a conta e o restante ele disse que pode dividir entre vocês. Agradeçam e peguem!” Oriki distribui o dinheiro. Como este é o ponto forte de Oriki, suas colegas já acostumadas, apenas confirmam sem muita cerimônia: “podemos mesmo? Obrigada”. Catam o dinheiro espalhado e saem. O cliente vendo-as sair diz rindo: “ela parece velha para seus 19 anos”. “Não fale mal dos outros”, diz Oriki.

²⁷ Uma prostituta de Yoshiwara da era Edo.

Ela se levanta, abre a janela corrediça de papel, recosta-se no corrimão e bate na cabeça como se quisesse aliviar uma dor de cabeça. “E você, não quer dinheiro?”, pergunta o cliente. “Não, eu queria uma outra coisa. Basta ter isso”. Oriki tira um cartão de visitas do cliente por entre a faixa do quimono e faz gestos como se estivesse recebendo algo. “Quando você pegou isso? Em troca quero uma foto sua”, pede o cliente. “Venha no próximo sábado que tiramos uma foto juntos”. Sem deter o cliente que se preparava para ir embora, ela vai atrás dele e ajuda-o a vestir o sobretudo do quimono. Oriki diz: “desculpe-me pelos maus modos de hoje. Venha novamente que estarei esperando”. “Não diga essas coisas só para me agradar. Não faça promessas que não pode cumprir”. Ele sorri, levanta-se e desce as escadas. Oriki segue-o com o seu chapéu na mão. “Se é verdade ou mentira, você saberá se continuar vindo por 99 noites²⁸. A Oriki do

²⁸ Refere-se à história de Ono no Komachi e Fukakusa no Shôshô. Fukakusa se apaixona por Ono no Komachi e ela decide que aceitaria o seu amor se ele a procurasse por 100 noites, porém ele aparece por 99 dias e acaba morrendo.

Kikunoi não é uma mulher como as outras. Pode ser que ela mude”, diz ela. “O cliente está indo embora”. Ouvindo isso, as outras mulheres vêm se despedir dele, inclusive a dona da loja que está no caixa, “Muito obrigada!”, agradecem todas juntas. Alguém diz: “o riquixá que havia chamado chegou”. Todos da casa o acompanham até o carro. “Volte novamente!”. Essa hospitalidade é devido às gorjetas. Depois que ele se foi, todos agradeceram muito à deusa Oriki: “Obrigada!”.



O CLIENTE SE CHAMA YÛKI TOMONOSUKE e ele mesmo se diz um libertino, mas percebe-se nele um lado sério. Não tem trabalho e nem esposa e nem filho, e está exatamente na idade de aproveitar a vida. A partir da primeira visita, passou a frequentar Kikunoi de duas a três vezes por semana. Se ele deixasse de vir por três dias seguidos, Oriki escrevia-lhe cartas como se sentisse saudades. Essa situação despertava ciúmes em suas colegas que zombavam dela. “Como você deve ser feliz, Oriki. Ele é bonito, generoso e não há dúvida de que ele logo terá êxito na vida. Quando isso acontecer, ele certamente pedirá que se case com ele. Por isso, tenha um pouco de cuidado desde já. Pare ao menos de esticar as pernas para frente e de beber saquê em um gole na xícara para chá. É vulgar”, dizia uma delas. Outra caçoava dela dizendo: “O que será do Genshichi se ele souber disso? Talvez ele enlouqueça”. “Ah, é mesmo! Essa rua não é boa para quem vem de coche, então

quero que comecem pela construção da estrada. Essa entrada da loja com uma tábua que trepida sobre a vala, isso sim que é vergonhoso. Não dá nem para ele parar o carro na entrada da casa. Vocês também melhorem um pouco seus modos e cuidem para que possam servir à mesa”, diz Oriki claramente. “Que pessoa detestável! Se não mudar seu modo de falar, nunca se parecerá com uma esposa. Quando Yûki vier, vou contar-lhe tudo e pedir para que a repreenda”, diz uma das mulheres. Olhando para Tomonosuke, ela faz queixas. “Ela não ouve de jeito nenhum o que a gente fala. Por favor, repreenda-a você. Para começar, beber saquê em um gole na xícara de chá é um veneno para ela”. Yûki fica sério e ordena: “Oriki, modere um pouco no saquê”. Então, Oriki diz: “Até você? Eu só consigo trabalhar assim animada graças à bebida. Se eu parar de beber, esta sala de banquetes ficará tão quieta quanto um templo. Compreenda isso, por favor”. Yûki concordou e ele nunca mais voltou a falar sobre isso.

Certa noite de lua cheia, um grupo de trabalhadores de uma fábrica dançava e cantarolava um poema²⁹ batendo nas tigelas animadamente na sala de baixo e a maioria das mulheres da casa se juntou a eles. Yûki e Oriki estavam sozinhos no pequeno quarto habitual do segundo andar. Tomonosuke estava deitado e conversava alegremente, mas Oriki respondia vagamente como se estivesse aborrecida com a conversa e parecia estar pensando em alguma coisa. Então Yûki pergunta: “aconteceu alguma coisa? Começou a dor de cabeça de novo?”. “Não, não estou com dor de cabeça, mas tive um ataque de uma doença crônica”, diz Oriki. “A sua doença crônica é a irascibilidade (ataque de nervos)?”. “Não”. “É doença ginecológica?”. “Não”. Yûki pergunta: “então o que é?” “Não posso falar”. “Não sou nenhuma outra pessoa, sou eu. Acho que você pode me dizer qualquer coisa. Qual é a sua doença?”, diz Yûki. Então Oriki diz: “não tenho nenhuma doença. Apenas fico desse jeito e

²⁹ Trata-se de um poema humorístico e popular originado nos fins da era Edo, que trata principalmente de temas amorosos.

penso coisas assim”. “Que pessoa complicada! Parece ter muitos segredos”. Yûki pergunta: “e o seu pai?”. “Não posso dizer”, responde Oriki. “E a sua mãe?” “Também não posso contar”. “E a sua história de vida?” “Não posso lhe contar”, “Pode ser até mesmo uma mentira. A maioria das mulheres precisa dizer que são infelizes ou algo assim, mesmo que seja invenção. Além disso, não é a primeira ou a segunda vez que nos encontramos. Não há nada que a impeça de me contar pelo menos isso. Mesmo que você não fale, até um cego vê que você está preocupada com alguma coisa. Não preciso ouvir para saber, mas quero fazê-lo. Seja como for, dá na mesma, então, primeiro quero que me conte o que é essa sua doença crônica”. Então, Oriki, sem dar atenção, responde: “Vamos parar com isso? Mesmo que eu lhe conte, você verá que não há nada de interessante”.

Nesse instante, uma mulher sobe carregando a bebida e a comida e cochicha algo no ouvido de Oriki e diz: “Seja como for, pelo menos desça” e ela: “deixe-me, pois não quero ir. Recuse dizendo a ele que esta

noite mesmo que me encontre com ele, não poderei conversar, pois estou com um cliente que bebeu demais. Ah, ele não tem jeito mesmo”, diz Oriki franzindo a testa. A colega pergunta: “é isso mesmo que você quer?”. “É sim”, responde Oriki brincando com o plectro³⁰ sobre o joelho. A mulher levanta e sai da sala com ar de estranheza. O cliente, que ouviu o diálogo das duas, diz rindo: “Não precisa fazer cerimônias. Vá se encontrar com ele. Não precisa disfarçar dessa maneira. É uma maldade deixar seu namorado ir embora sem encontrar-se com ele. Vá atrás dele e encontre-se com ele. Se quiser, traga-o para cá. Eu vou para um canto e não atrapalho a conversa de vocês”. “Pare de brincadeiras! Yûki, vou te contar, pois não adianta esconder de você. Por um bom tempo uma pessoa chamada Genshichi, dono de uma loja de acolchoados, de certa influência na cidade, foi meu cliente. Agora ele vive miserável como um caracol numa pequena casa nos fundos de uma quitanda. Ele tem uma esposa e um filho e não tem

³⁰ Utensílio usado para tocar *shamisen*.

idade para vir se encontrar com uma pessoa como eu. Não sei se existe um destino que nos une, mas até hoje de vez em quando ele vem com alguma desculpa. Agora também ele está lá embaixo. Não quer dizer que eu vá expulsá-lo daqui, mas se nos encontrarmos, teremos muitos aborrecimentos, por isso é melhor deixá-lo ir embora sem dar muita atenção. Se ele ficar com raiva, estou preparada. Não me importo se ele vai pensar que sou um demônio ou uma cobra”. Oriki coloca o plectro no chão, estica-se um pouco e olha para fora. Yûki caçoa de Oriki: “dá para vê-lo?”. “Parece que já foi embora”. Ela está distraída. Então ele vai direto ao ponto: “então é essa a sua doença crônica?”. Oriki, sorrindo com ar de tristeza: “bem, deve ser por aí. Nem médico, nem banhos em Kusatsu³¹ podem me curar”; “Gostaria de vê-lo. Com que ator ele se parece?”, pergunta Yûki. Então, Oriki responde: “se você o vir, ficará desapontado. Ele tem a pele escura e é alto. Parece uma encarnação do

³¹ Kusatsu é o nome de uma região onde há termas e dizem que tomando banho lá, a pessoa se cura da doença.

Fudôsama (uma divindade budista)”. “Então, ele é uma pessoa de personalidade?” “Ele é um tipo de pessoa que gasta todo o seu dinheiro em uma casa como esta. Ele é uma boa pessoa. É sua única qualidade. Não é uma pessoa nem interessante e nem divertida”, “Então por que você se apaixonou por ele? Essa tenho que ouvir”. O cliente diz isso e se levanta. E ela: “talvez eu me apaixone com facilidade. Não há uma noite em que não sonhe com você ultimamente. Sonho que você se casou, sonho que parou de vir aqui. Às vezes tenho sonhos ainda mais tristes a ponto de encharcar o travesseiro de lágrimas. A Otaka antes mesmo de encostar a cabeça no travesseiro já está roncando. Como tenho inveja de vê-la dormindo tão bem. Eu, mesmo que esteja muito cansada, quando eu me deito, perco o sono. Isso porque fico pensando sobre várias coisas. Fico feliz que compreenda que tenho muitas preocupações, mas acho que você não compreenderá jamais o que se passa na minha cabeça. Como não adianta nada eu ficar pensando, mostro-me sempre alegre na frente das pessoas. Há clientes

que dizem que a Oriki do Kikunoi é caprichosa e que não sabe o que é sofrimento. Não sei se é o meu destino, mas acho que não existe ninguém mais infeliz do que eu”, diz Oriki com amargura. Então Yûki diz: “nunca ouvi você falando dessa maneira tão triste. Quero te consolar, mas como não sei o motivo, não sei como posso fazê-lo. Se você pensa em mim a ponto de sonhar comigo, poderia pedir-me que a tome como esposa. Por que não mostra os seus sentimentos? É uma maneira de falar antiga, mas até os encontros fortuitos são resultado do destino. Se esse meio de vida te desagrade, diga a verdade sem cerimônias. Eu achava que, pelo seu temperamento, você preferia levar a vida dessa maneira, que pensasse que assim é mais fácil. Então, que razão você tem para continuar levando essa vida? Se não te fizer sofrer, conte-me”. “Eu pensei em te contar outro dia, mas hoje eu não posso”. “Por que não?”. “Não posso dizer a razão. Eu sou uma pessoa caprichosa, então quando penso que não quero dizer, não digo de maneira nenhuma”. Ela se levanta de repente e vai até a

varanda³². Na cidade onde se via nitidamente a sombra da luz que brilha num céu límpido, ouve-se o som dos tamancos das pessoas que passam. “Yûki”, chama Oriki. Yûki se aproxima: “o que é?”. Oriki pega na sua mão: “sente-se aqui. Está vendo aquele menino que está comprando pêssegos na barraca de frutas? Aquele bonitinho de mais ou menos quatro anos? É o filho da pessoa que veio aqui há pouco. Mesmo naquele coraçõzinho de criança, existe muito ódio por mim. Toda vez que ele me vê, ele me chama de demônio. Será que eu pareço uma pessoa tão ruim assim?” Oriki olha para o céu e suspira. Suspira como se não suportasse mais tanto sofrimento.

³² Uma espécie de varanda, mas fechada da casa típica japonesa.

IV

NA PERIFERIA DA MESMA ÁREA recém-urbanizada há um beco tão estreito que os toldos da quitanda e da barbearia parecem se interligar. É tão estreito que não é possível abrir o guarda-chuva num dia de chuva. No chão, há tábuas esburacadas sobre a vala. Em cada lado da vala há casas de cômodos geminados. No fundo, ao lado do depósito de lixo, há uma pequena casa (de 2,7 metros por 3,6 metros). A entrada da casa está corroída e as portas corrediças malconservadas já não se fecham. No entanto, a casa tem também portas nos fundos, que por sorte, dá para uma área residencial. No lado de fora há um terreno desocupado inçado de mato. Há um pequeno cercado num dos cantos, onde há uma plantação de *aojiso*³³ e begônias. Há vergôntes de vagem enroscadas na cerca de bambu. Esta é a casa onde vive o Genshichi de Oriki. Sua esposa chama-se Ohatsu e tem 28 ou

³³ Folha bastante aromática, de textura enrugada utilizada na culinária.

29 anos, mas aparenta ser uns sete anos mais velha, devido aos maus tratos causados pela pobreza. Os dentes tingidos de preto ³⁴ estão falhos e as sobrancelhas não estão aparadas. O seu quimono de algodão está puído de tanta lavagem. Teve sua parte da frente trocada com a parte de trás e havia remendos na altura do joelho para disfarçar. A faixa que o prende é estreita e bem apertada. Ela trabalha fazendo protetores de vime para chinelos. Como o período quente da época do *Obon* é a temporada propícia para esse trabalho, Ohatsu, suando muito, está absorta nessa atividade. Pendurou o feixe de junco necessário no teto para facilitar o manuseio e trabalha sem olhar para os lados para produzir o maior número possível. Ohatsu pensa: “O sol já se pôs. Por que Takichi ainda não voltou? Por onde andarás Genshichi?”. Ela termina o trabalho e dá um

³⁴ Durante a era Edo era de costume entre as mulheres casadas e as prostitutas tingirem os dentes de preto. A partir do início da era Meiji, tornou-se cada vez mais raro, com exceção das prostitutas. No entanto, mesmo nos anos 20 da era Meiji, era comum tingir os dentes de preto, pelo fato de os dentes brancos não serem apreciados.

trago na piteira. Piscando os olhos cansados repetidas vezes, começa a mexer na parte de baixo do bule de barro. Acende o fogo do braseiro que produz fumaça para afugentar pernilongos e leva-o para a varanda. Cobre com as folhas de cedro que catou e assopra. A fumaça sobe e os pernilongos fogem para o beiral do telhado com um zumbido espantoso. Nesse momento, ouve-se o barulho do tamanco na tábua sobre a vala e Takichi grita da entrada: “mãe, cheguei. Trouxe o papai comigo”. “Demorou tanto! Eu estava muito preocupada achando que tinha ido ao templo da colina. Vamos, entre logo”. Então, Genshichi coloca Takichi primeiro para dentro e entra em seguida com ar desanimado. “Ah, você voltou também? Estava tão quente hoje, não é? Imaginei que voltaria cedo e deixei aquecida a água do banho. Por que não joga uma água no corpo para se livrar do suor? Takichi, vá tomar banho também”, diz Ohatsu. “Sim, senhora”, responde Takichi desamarrando a faixa. “Espere, espere. Vou ver como está a água”. Ohatsu coloca a bacia na tina, pega a água quente da panela, mistura à

água da tina e coloca a toalha para lavar o corpo dentro dela. “Querido, dê banho nele também. O que houve? Você parece exausto. Espero que não esteja doente por causa do calor. Tome um banho que se sentirá melhor e vamos jantar. O Takichi está esperando.”, diz Ohatsu. “É mesmo.” e como se lembrasse, ele desata a faixa e entra no banho. Subitamente, começa a se lembrar do passado. “Nem em sonho imaginava que um dia estaria tomando banho na cozinha de uma casa tão pequena. E muito menos que trabalharia como auxiliar de construção civil empurrando carros. Certamente, meus pais não poderiam imaginar também. Ah! Isso tudo aconteceu porque me entreguei a um sonho tolo”. Ele estava parado absorto em seus pensamentos sem entrar no banho. “Papai, lave as minhas costas, por favor.”, pede Takichi sem perceber nada. A esposa também lhe chama a atenção: “termine logo o banho senão você vai ficar todo picado pelos pernilongos”. “Ah, sim!”, ele responde e começa a lavar o Takichi, banhando-se também. Ao sair do banho, Ohatsu entrega-lhe um

quimono de algodão desbotado, mas recentemente engomado e diz: “vista-se!”. Genshichi amarra a faixa do quimono e vai para um lugar ventilado. Ohatsu traz uma mesinha individual³⁵ de Noshiro³⁶ velha, com o esmalte da borda descascando e as pernas bambas dizendo “fiz *hiyayakko*³⁷ de que você gosta” serve-lhe o queijo de soja gelado numa pequena tigela fazendo exalar o aroma agradável de *aojiso*. Takichi despercebidamente havia pego o recipiente com o arroz e trazia dizendo: “*yocchoi yocchoi*³⁸”. “Rapazinho, venha cá, para perto de mim.” Genshichi afaga a cabeça de seu filho e pega o *hashi*. Não que estivesse pensando em algo especial, mas não conseguia sentir o paladar da comida e sentia como se sua garganta estivesse inchada. “Já estou satisfeito”, diz ele colocando a tigela na mesinha. Então sua esposa diz: “O que está dizendo? Como um homem que faz

³⁵ Na época, as refeições eram servidas em uma espécie de bandeja ou tabuleiro com pernas.

³⁶ Nome do lugar onde foi feita a mesinha.

³⁷ Nome de um prato japonês.

³⁸ “Hm, hm!”, ao fazer força.

trabalho braçal como você não consegue comer três tigelas de arroz? Não está se sentindo bem? Ou está muito cansado?” “Não, não há nada de errado comigo, apenas estou sem apetite”, diz ele. A esposa com um olhar triste diz: “Querido, é a mesma coisa de sempre, eu suponho. Por mais que a comida do Kikunoi seja gostosa, o que adianta lembrar disso agora na sua atual situação? Lá é um comércio. Se você ganhasse dinheiro, elas iriam adulá-lo como faziam antigamente. Dá para perceber isso só de passar em frente e olhar. Elas se maquilam todas de branco, vestem belos quimonos e seduzem todos aqueles que aparecem por lá. Esse é o trabalho delas. Se você entendesse que ela não te dá mais atenção porque está pobre, tudo se resolveria. Esse seu ressentimento é que o mantém apegado a ela. Você sabe o que aconteceu com o rapaz da loja de saquê da rua de trás, não é? Ele estava tão envolvido com Okaku da casa Futabaya que gastou toda sua economia, não restando dinheiro nem para pagar as suas contas. E para recuperar esse dinheiro, acabou apostando em jogos de azar, e a

partir disso, as coisas foram de mal a pior e por fim ele acabou assaltando o armazém. Agora ele está preso, comendo comida de cadeia, enquanto Okaku está pouco se importando, continua levando a sua vida de sempre e não há uma pessoa que a censure por isso, pelo contrário, ela está prosperando ainda mais. Pense nisso! É o mérito das prostitutas. O errado é quem se deixou envolver. De nada adiantará você ficar pensando sobre isso agora. Em vez disso, recupere os ânimos, concentre-se no trabalho e procure ganhar dinheiro. Se você esmorecer, o que será de mim e desse menino? Aí sim ficaríamos perdidos sem ter como viver. Aja como um homem e desista quando assim tiver que ser. Se conseguir ganhar dinheiro, você pode construir uma casa, não só para Oriki, como para Agemaki, Komurasaki³⁹. Deixe esses pensamentos de lado e coma! Até o Takichi acabou ficando desanimado”. O menino havia colocado o *hashi* e a tigela na mesa e, sem entender nada, mas preocupado, olhava de um lado para o

³⁹ Nome de outras beldades conhecidas nessa atividade.

outro, observando os pais. “Por que não consigo esquecer aquela fingida quando tenho uma pessoa tão querida assim?”. Olhando o filho ele sente uma grande discrepância em seu coração e se repreende por não conseguir esquecê-la. “Não, eu não posso continuar sendo um tolo para sempre. Não mencione mais nem o nome de Oriki. Se ouço, lembro-me do meu erro do passado e não consigo nem olhar para você. Acha que eu pensaria nela nas condições que estou agora? Se não consigo comer, é apenas por não estar me sentindo bem. Não precisa se preocupar. Dê bastante comida para o menino”. Dizendo isso, Genshichi deita-se no chão e se abana com vigor na altura do peito. Não que estivesse sufocado com a fumaça do incenso para afugentar os pernilongos. Queimava em seu peito o sentimento por Oriki.

V

QUEM COLOCOU O NOME DE *SHIROONI*⁴⁰ ?
Certamente, a zona de prostituição é uma fugaz construção paisagística do *mugenjigoku*⁴¹. Elas não possuem nenhum truque em especial, mas com maestria levam os homens a mergulhar de cabeça no mar de sangue e a escalar a montanha de agulhas da dívida⁴². As vozes melosas das *shirooni* convidando os clientes são assustadoras, pois são como belos faisões devorando cobras. Mesmo assim, essas mulheres, como qualquer ser humano, passaram dez meses⁴³ no ventre de suas mães e na época em que se agarravam aos seus seios, brincavam graciosamente. Quando

⁴⁰ Literalmente, “demônio branco”. Refere-se às prostitutas maquiadas de branco em associação com os demônios subalternos *akaoni* (demônio vermelho) e *aoni* (demônio azul).

⁴¹ Oitavo inferno, ou seja, a parte mais profunda, o local da mais profunda punição.

⁴² O mar de sangue e as montanha de agulhas existiriam no inferno e é o local de punição pelos atos pecaminosos em vida.

⁴³ No Japão, conta-se como o primeiro mês já a partir do momento da concepção, considerando-se, assim, o período da gestação de dez meses.

lhes perguntavam se preferiam dinheiro ou doce, estendiam as mãos dizendo que preferiam o doce. Ainda que não exista sinceridade na atividade atual dessas mulheres, pelo menos uma entre cem pessoas derrama lágrimas sinceras. “Escute! É sobre Tatsu da tinturaria. Ontem mesmo, ele se divertia com a espevitada da Oroku da loja Kawadaya⁴⁴. Uma visão abominável. Arrastando-se até a rua e juntos ficaram numa brincadeira de mau gosto. O que será dele se continuar sem rumo daquele jeito? Quantos anos você acha que ele tem? Já fez 30 há dois anos. Toda vez que o encontro, o aconselho a pensar em formar uma família. Nessas ocasiões, ele me responde vagamente que sim, mas não me leva muito a sério. Como o pai dele já é idoso e sua mãe tem problema de visão, ele deveria tomar jeito logo para não os preocupar. Eu, mesmo assim, penso que quero lavar seus *hanten*⁴⁵ e remendar seus *momohiki*⁴⁶, mas com

⁴⁴ Nome de uma casa de tolerância popular.

⁴⁵ Espécie de quimono curto para o trabalho.

⁴⁶ Espécie de ceroulas. Calção.

aquele sentimento leviano, não sei quando ele irá me tomar aos seus cuidados. Quando penso nisso, mais esse trabalho me repugna e não sinto entusiasmo para atrair outros clientes. Ah, isso me deprime!”, diz a mulher. Através da boca que geralmente engana os homens, ela se lamenta sobre o ressentimento em relação ao amante. Uma das mulheres está absorta em seus pensamentos e preocupações. “Ah, hoje é dia 16, dia do *Obon*. As crianças passam bem-vestidas para ir prestar respeito a Enma com rostos felizes por ter ganho seus trocados. Com certeza devem ter pais sérios. Já o meu filho Yotarô, deve estar de folga hoje, mas para onde quer que ele vá, não importa o que esteja fazendo para se divertir, não há dúvida de que está invejando os outros. O seu pai é um bêbado e não tem nem mesmo uma residência fixa e sua mãe está nessa vida vergonhosa usando essa maquiagem branca. Mesmo que ele soubesse onde estou, não viria me ver. Quando fui no ano passado a Mukôjima para apreciar as cerejeiras em flor, passeava com uma colega e estava com um penteado típico das mulheres

casadas e me encontrei com ele por acaso numa casa de chá que fica à margem do rio. Então, eu o chamei e ele me pareceu pasmo por eu estar vestida como uma jovem e me perguntou assustado: “Mãe, é você?”. Ele ficaria ainda mais surpreso se me visse segurando um cliente e fazendo gracejos com esse penteado (usado pelas meretrizes) e ocasionalmente com um enfeite da moda reluzindo no cabelo. Certamente ficaria muito triste. Quando nos encontramos no ano passado, ele me disse: “estou trabalhando agora em uma loja de velas em Komagata. Por mais difícil que seja, serei paciente e me tornarei um homem de respeito, então, darei conforto para o papai e a mamãe. Até esse dia chegar, peço para que se vire sozinha levando, de alguma forma, uma vida honesta. Peço apenas que não se case”. Mas, infelizmente, é difícil uma mulher conseguir sobreviver colando papéis em caixas de fósforo⁴⁷. E também não tenho força física para fazer trabalhos domésticos na casa dos outros. Se é para passar pelos mesmos

⁴⁷ Tipo de trabalho subsidiário que pode ser feito em casa.

sofrimentos, achei melhor optar pelo trabalho que me poupasse fisicamente, um pouco que seja, e por isso estou vivendo disso. Eu não estou fazendo isso levemente, mas se o meu filho souber ele irá dizer que eu sou uma mãe desprezível e certamente se afastará de mim. Normalmente não me importo de usar esse penteado, mas hoje, sinto-me envergonhada”. A outra mulher está sentada em frente ao espelho com lágrimas nos olhos, ao entardecer. A Oriki do Kikunoi também estava longe de ser uma encarnação do demônio. Ela veio parar nesse lugar porque tinha suas razões e passava seus dias contando mentiras e fazendo gracejos. Ela mostrava seu sentimento frágil apenas como uma folha de papel e por um lapso de tempo como o brilho de um vagalume. Já suportara o sofrimento de 100 anos de um ser humano comum. E mesmo que alguém morra por sua causa, apenas diria: “meus pêsames”. O sofrimento de fingir que não se importa com nada e de fazer cara de desinteresse só foi superado com o peso do esforço. Mesmo assim, às vezes seu coração

transborda de tristeza e medo. E mesmo querendo, ela tem vergonha de chorar na frente das colegas, então, sobe para o segundo andar e chora escondida no recanto de uma sala. E por ela esconder isso até mesmo de suas colegas, era considerada uma pessoa determinada, de espírito forte e não há quem conheça o seu lado frágil como uma teia de aranha que se desfaz com um toque. Todas as casas estavam lotadas na noite do dia 16 de julho e ouviam-se os animados *dodoitsu*⁴⁸ e *hauta*⁴⁹ por toda parte. No quarto do primeiro andar do Kikunoi, estavam reunidos cinco ou seis comerciantes que cantavam a canção *Kiinokuni* totalmente fora do ritmo. E um deles, convencido, cantava desafinado “a colina está coberta de névoa”. “O que houve, Oriki? Cante a canção de sempre para nós. Cante, cante!” Insistem eles. “Não citarei o nome, mas aqui entre nós...”, Oriki canta a canção que sempre os alegra e eles

⁴⁸ Uma canção humorística e popular originado nos fins da era Edo (1600-1868) que trata principalmente de temas amorosos.

⁴⁹ Uma cantiga japonesa originada na era Edo.

correspondem com entusiasmada salva de palmas. Então, ela continua: “O meu amor teme atravessar a pinguela do riacho do vale”. Começou a cantar, mas como se lembrasse de algo ela diz: “me deem licença um instante. Desculpem-me”. Coloca o *shamisen* de lado e se levanta. “Aonde você vai? Aonde você vai? Não pode fugir de nós!” Todos se agitam. “Teru, Otaka, me cubram, por favor. Eu volto logo”. Dizendo isso, ela saiu apressada pelo corredor e sem olhar para trás, calçou os tamancos na entrada da casa e sua figura se perdeu na escuridão da viela do outro lado do Kikunoi.

Oriki saiu da casa apresada. “Se eu pudesse iria agora mesmo para *karatenjiku*⁵⁰. Ah, não, não e não! Não aguento mais! Como eu poderia ir para um lugar onde não se ouçam vozes, não há som das coisas, um lugar tranquilo, tranquilo, onde o meu coração pudesse ficar tranquilo, um lugar onde não haja preocupações? É fastidioso, tolo, desagradável,

⁵⁰ *Kara* refere-se à China e *tenjiku* à Índia, metáfora de um lugar distante e sem limites.

vergonhoso, triste e sinto-me desamparada. Até quando terei que viver nessa situação? É assim que passarei o resto da minha vida? O resto da minha vida será assim? Ah, não, não!” Oriki se recostou numa árvore à beira do caminho e ficou parada ali por um tempo. “Tenho medo de atravessar, mas se não atravessar...” Não se sabe de onde vinha, mas ela ouvia a sua própria voz cantando. “Não há outra saída. Eu também terei que atravessar a pinguela. Dizem que o meu pai também pisou em falso e acabou caindo, e o mesmo aconteceu com o meu avô. Como eu venho carregando esse ressentimento por gerações, se não fizer o que tem que ser feito, não posso morrer mesmo que queira. Acho vergonhoso, mas não há uma pessoa que sinta compaixão por mim. Se eu dissesse que sou uma pessoa triste, logo encerrariam o assunto com uma simples pergunta: ‘você não gosta do seu trabalho?’ Não importa, não importa! Por mais que eu pense, eu não sei o que fazer. Se não sei, não há outra saída a não ser seguir o meu caminho como a Oriki do Kikunoi. Às vezes me pergunto se perdi o

senso de sentimento e de dever. Não deveria pensar em tais coisas. De que adianta ficar pensando? Estando nessa posição, nessa profissão e carregando esse carma, por mais que eu faça algo, não há dúvida de que não sou uma pessoa como as outras. É um erro pensar como uma pessoa comum e sofrer. Ah, que tristeza! O que estou fazendo parada aqui? Para que eu vim até um lugar como esse? Tola! Louca! Eu não compreendo nem a mim mesma. Vou voltar”. Dizendo isso, sai de dentro da escuridão da viela e caminha pela rua cercada de lojas. As faces dos transeuntes pareciam pequenas, bem pequenas. E até os rostos das pessoas com quem ela cruzava pareciam bem distantes. “Sinto como se apenas o chão onde eu piso estivesse flutuando. Apesar de ouvir o ruído das vozes, estas ressoam em meus ouvidos como o som de algo caindo no fundo de um poço. Vozes são vozes, meus pensamentos são meus pensamentos. Eles se distinguem completamente. Além disso, nada me distrai. Passo em frente a uma casa onde um casal briga sob os olhares da multidão. É como se apenas

eu caminhasse solitária num vasto campo seco do inverno. Nada chama a minha atenção, não há uma paisagem que me atraia. O meu coração se agita, não, sinto-me como se não estivesse viva”. No momento que ela parou imaginando que iria enlouquecer, alguém bateu em seus ombros perguntando: “Oriki, aonde vai?”.

III

ORIKI HAVIA ESQUECIDO COMPLETAMENTE que havia dito a ele para que viesse sem falta no dia 16, pois ela o estaria esperando. Deparou-se com Yûki Tomonosuke, de quem, até então, ela nem se lembrava. Yûki ri achando graça na expressão de espanto de Oriki, que não combina com o seu jeito de sempre. Sentindo-se envergonhada, ela diz: “fui pega de surpresa, pois andava absorta em meus pensamentos. Fico feliz que tenha vindo”. “Que frieza sua, não me esperar depois de ter me prometido tanto”. Ele a censura. “Diga o que quiser. As explicações lhe darei depois”. Ela pega na sua mão e começa a caminhar. Ele então chama a sua atenção. “As pessoas vão ficar falando”. “Deixem que falem o que quiserem. Por aqui, por aqui!”, diz ela, guiando Yûki entre a multidão.

Na sala de baixo continuava a algazarra e os clientes ainda se exaltavam irritados com a saída de Oriki. Ouvindo alguém dizer na entrada da casa: “ah, você

voltou!”, um cliente diz: “isso é jeito de tratar seus clientes, largando-nos aqui? Se voltou, venha cá! Não a perdoaremos até você vir aqui!” Ignorando essas palavras de soberba do cliente, ela leva Yûki à sala do segundo andar. “Esta noite não posso os acompanhar na bebida, pois estou com dor de cabeça. Posso até desmaiar só de sentir o cheiro de bebida alcoólica no meio de tantas pessoas. Talvez depois de um descanso eu venha a me sentir melhor, mas por ora, peço que me desculpem”. Oriki se desculpa. Então, Yûki chama-lhe a atenção: “Você pode fazer isso? Os clientes não vão ficar chateados? Não irá lhe causar problemas se eles se aborrecerem?” “O que os comerciantes como eles podem fazer? Deixem que se zanguem!” Ela pede a uma das criadas da casa que prepare uma garrafinha de saquê, e enquanto espera ser servida, diz: “Yûki, hoje me aconteceu uma coisa desagradável e não me sinto bem. Espero que me entenda. Quero beber muito, por isso peço que não me impeça. Por favor, cuide de mim se eu ficar bêbada”. “Eu nunca lhe vi bêbada. Não vejo problemas em beber até ficar

animada, mas isso não vai deixá-la com dor de cabeça de novo? Afinal, o que houve? É algo que não pode me contar?”, ele pergunta. “Não, eu quero lhe contar. Vou contar depois que eu estiver bêbada, por isso não se espante”. Oriki diz isso sorrindo. Pega uma taça grande para chá com saquê e vira-o em dois ou três goles. Esta noite, por alguma razão, a aparência de Yûki chamava-lhe a atenção. Ela percebe que ele é um homem alto e de ombros largos, que ele tem um jeito calmo e seguro de falar, e que seu olhar parecia penetrar nas pessoas. Seus cabelos negros eram curtos e bem delineados à altura da nuca. Ela o contemplava como se o visse pela primeira vez. Ele, então, pergunta: “O que está olhando tão fascinada?” “Estou olhando o seu rosto”, “Sua atrevida!”, ele diz brincando e a encara. Ela ri. “Ai, que medo!” Então, Yûki diz: “Deixando de brincadeira, você está estranha esta noite. Pode ser que fique com raiva se eu perguntar, mas aconteceu alguma coisa?”, “Não, não aconteceu nada. Ainda que tenha acontecido algo, isso não é nada incomum. Não me incomodo com isso

e por que haveria de me importar? Às vezes tenho uns impulsos repentinos, mas isso não é culpa de ninguém. A culpa é toda desse meu coração leviano. Eu sou uma pessoa vil e você, um homem distinto. Ainda que eu conte a você o que estou pensando, não sei se irá me compreender. Mesmo que você ria de mim, eu não me importo. Quero que ria de mim. Esta noite lhe contarei tudo. Ah... Mas por onde começo? Estou tão transtornada que mal posso falar”, diz Oriki tomando novamente goles de saquê. “Para começar, entenda que eu sou uma mulher degradada. Você sabe que eu não sou nenhuma donzela criada em uma redoma. Por mais que digam, usando belas palavras, que somos como flores de lótus no meio da lama, se nós não nos adequássemos ao nosso trabalho, ninguém viria aqui nos ver e não haveria prosperidade nos negócios. Você é diferente deles, mas com a maioria dos clientes que vem aqui me ver é assim. Ainda assim, às vezes penso como as pessoas comuns e me sinto envergonhada, amargurada e deprimida por estar nessa vida. Penso em me casar, mesmo que

seja para viver numa pequena e modesta casa. Mas isso, eu não consigo fazer. Também não é por isso que eu posso ser rude com os clientes que vêm aqui. Tenho que agradá-los dizendo que são belos, queridos, que me apaixonei à primeira vista por eles. Dentre eles, há os que acreditam nas minhas palavras de adulação e pedem para que um ser desprezível como eu, torne-me sua esposa. Não sei se fico mais feliz quando alguém gosta de mim ou se me satisfaz mais gostar de alguém. Gostei de você desde o nosso primeiro encontro e se passo um dia que seja sem te ver, chego a sentir saudades. Mas, se você me pedisse para ser sua esposa, eu não sei... Não gosto que se apoiem em mim, mas por outro lado, se estiver fora do meu alcance, sinto uma grande atração. Em uma palavra, sou uma pessoa volúvel. Quem você acha que me transformou numa pessoa assim? São falhas transmitidas por três gerações. O meu pai também teve uma vida triste”, disse Oriki com lágrimas nos olhos. “Conte-me sobre o seu pai”, disse Yûki. “O meu pai era artesão e meu avô era um homem

instruído, mas era um louco como eu. Escreveu uns livros inúteis que teve a publicação proibida pelo governo⁵¹ e parece que ele morreu fazendo jejum em protesto. Ele sabia o que queria fazer da vida já aos 16 anos de idade e apesar de ser de origem humilde, dedicou-se aos estudos com todo o empenho, mas até os 60 anos não conseguiu se realizar e, por fim, virou motivo de chacota. Eu ouvia desde criança o meu pai se lamentando dizendo que agora ninguém se lembrava mais de seu nome. Já o meu pai caiu da varanda quando tinha três anos de idade e isso o deixou deficiente de uma das pernas. Ele não gostava de se juntar às outras pessoas e trabalhava em casa produzindo utensílios de metais. Mas ele era uma pessoa muito orgulhosa e pouco amigável, por isso não tinha nenhum cliente fixo. Lembro-me do inverno aos meus sete anos. Em pleno inverno, nós três, pais e filha, usávamos quimono de verão, mas meu pai inventava artefatos, recostado a uma pilastra, como se não sentisse o frio. A minha mãe, levando uma

⁵¹ Refere-se ao Governo “feudal” do Japão daquele tempo.

panela rachada ao fogão a lenha lascado de uma boca⁵², pediu-me para que eu fosse comprar uma coisa. Eu corri animada até a entrada da loja de arroz carregando uma peneira de *miso*⁵³ e segurando nas mãos uns trocados. Mas na volta, estava tão frio que as minhas mãos e meus pés pareciam hirtos e quando eu estava a uma distância de cinco ou seis casas da minha, acabei escorregando no gelo da tábua sobre a vala. Sem ter onde me apoiar, levei um tombo e com o impacto, deixei cair o arroz que carregava nas mãos. O arroz esvaiu-se por entre uma tábua solta e sob ela corria uma água imunda. Espiei por várias vezes, mas não havia como recuperar o arroz. Na ocasião eu tinha apenas sete anos, mas eu sabia bem como eram as condições na minha casa e como meus pais se sentiriam, e não consegui voltar para casa carregando a peneira de *miso* vazia, dizendo que havia deixado

⁵² Trata-se de um forno de tijolo para cozinhar. Nas casas em geral, os fornos tinham pelo menos duas bocas, uma para cozinhar o arroz e outro para preparar a sopa de *miso* (pasta fermentada de soja). Nas casas de famílias abastadas costumava-se usar um fogão com quatro bocas. O forno de uma boca era usado em casas extremamente pobres.

⁵³ Pasta fermentada de soja.

cair o arroz no caminho. Fiquei parada por um tempo chorando, mas ninguém me perguntou o que havia acontecido. Não havia ninguém que perguntasse o que havia acontecido e muito menos que comprasse o que eu havia perdido. Se naquela hora tivesse um rio ou lago na vizinhança, eu certamente teria me jogado. Isso era apenas um centésimo da realidade. Eu comecei a enlouquecer desde essa época. A minha mãe, preocupada com a minha demora, veio me procurar, então, finalmente consegui voltar para casa, mas minha mãe não disse uma palavra e meu pai também ficou em silêncio. Ninguém me repreendeu, mas dentro da casa ouvia-se por vezes suspiros e isso me feria mais do que uma facada. E até meu pai dizer que ‘hoje faremos jejum’ pareceu-me até que respirava contida”.

Interrompendo a frase, Oriki, não conseguindo conter as lágrimas, aperta o lenço carmesim contra o rosto e morde uma de suas bordas. Ficaram calados por aproximadamente trinta minutos e o quarto caiu em um profundo silêncio. Ouvia-se apenas o zumbido

dos pernilongos que se aproximavam atraídos pelo cheiro do saquê.

Quando ela levantou o rosto, via-se ainda sinais de lágrimas em sua face, mas ela sorria melancolicamente. “Eu sou de uma família assim, bastante pobre. Os acessos de loucura são herança paterna e eles acontecem de vez em quando. Esta noite também comecei a falar essas coisas e acredito que tenha sido um incômodo para você. Vou parar de falar. Desculpe-me se eu o aborreci. Vamos chamar alguém e alegrar o ambiente?”, pergunta Oriki. “Não, não se preocupe. Diga-me o que aconteceu com o seu pai? Ele morreu cedo?”, “É. A minha mãe teve tuberculose e menos de um ano após sua morte, ele também se foi como se a seguisse. Ele estaria agora com cinquenta anos se estivesse vivo. Não estou o elogiando por ele ser meu pai, mas quanto às suas obras, ele era um artesão que poderia realmente ser chamado de mestre. Porém, por mais que ele fosse um mestre e fosse habilidoso, quando se nasce numa família como a minha, não há nada que se possa fazer. O mesmo acontece comigo”.

Ela parece absorta em seus pensamentos. “Você almeja ter êxito, não?!”, Yûki perguntou de repente. “O quê?!”, Oriki mostra-se surpresa e diz: “mesmo que eu quisesse, eu poderia no máximo me tornar esposa de um homem pobre. Não consigo nem imaginar me casar com um homem rico”. “Não precisa mentir, pois sei desde a primeira vez que nos vimos. É deselegante tentar esconder isso agora. Se é isso que você quer, faça!”, diz Yûki. “Pare de me incitar, afinal o que posso esperar estando na minha posição?”, Oriki fica deprimida e cala-se novamente.

A noite havia avançado. Os clientes da sala do primeiro andar pareciam ter ido embora. Ouvindo uma voz dizendo que iria fechar a porta corrediça da entrada, Tomonosuke se assusta e começa a se preparar para ir embora. Oriki diz a ele que passe a noite no Kikunoi e rapidamente ela esconde seus tamancos. Sem o seu calçado ele não tinha como ir-se, pois não era um fantasma. Também não poderia sair por entre as frestas da porta. Ele decide, então, passar a noite aí. Ouviu-se durante algum tempo o

som agitado das portas sendo fechadas. Em seguida, as luzes que entravam pelas frestas da porta também se apagaram. Ouvia-se apenas os passos do guardarentes ao beiral, que fazia a ronda noturna.

VII

“O QUE ADIANTA FICAR AGORA se lembrando do passado?” Genshichi já estava determinado a esquecê-la e desistir dela, mas acabou se lembrando do *Obon* do ano passado, quando eles estiveram juntos trajando um conjunto do mesmo quimono no templo Kuramae. Agora que chegou o período do *Obon*, essas lembranças tiram-lhe o ânimo para sair para o trabalho. “Querido, você não pode ficar assim”. As palavras de advertência da esposa o incomodam. “Não diga nada! Fique calada!”. Dizendo isso, ele se deita no chão. Então, Ohatsu diz: “se eu ficar calada, não poderemos mais viver. Se não se sente bem, tome um remédio, trate-se com um médico, se não tiver outro jeito. Mas a sua doença não é desse tipo. Basta você recuperar os ânimos que não há nenhum problema com você. Reflita um pouco e trabalhe, por favor”, “se ficar repetindo sempre a mesma coisa só

irá criar calos em meus ouvidos⁵⁴, não irá curar o meu sentimento. Vá comprar saquê para mim. Vou beber para espairecer”, diz Genshichi. “Se tivéssemos dinheiro para comprar esse saquê, eu não pediria a você que trabalhasse contra a sua vontade. Mesmo que eu trabalhe de manhã à noite, ganho, quanto muito, quinze sen⁵⁵ que não dão nem para a papa de arroz de nós três. Pedir-me que compre saquê estando nessas condições? Você se tornou realmente um asno. Estamos no período do *Obon*, mas ontem não pudemos dar nem mesmo os bolinhos de farinha de arroz⁵⁶ para o nosso filho. Você não providenciou nem os enfeites para o altar budista⁵⁷. Expressamos as

⁵⁴ Expressão usada quando se está enfadado por ter que ouvir uma mesma coisa várias vezes.

⁵⁵ Um sen equivale a 1/100 de iene.

⁵⁶ No original, “*shiratama*”. Bolinhos cozidos a vapor e geralmente servidos com sopa de feijão doce, ou gelado com açúcar. Típico do período do *obon* (verão).

⁵⁷ Durante o *obon* monta-se uma mesa especial chamada *Obon-dana* ou *Tama-dana*. Nas casas onde esse tipo de altar não é montado, os espíritos são recebidos no altar do Buda. Normalmente são oferendados bolinhos de arroz, macarrão, arroz cru, beringelas, pepinos, entre outras coisas.

nossas desculpas aos antepassados apenas com uma única lanterna. De quem você acha que é a culpa disso tudo? Isso aconteceu porque você foi fisgado pela Oriki como um tolo. Sei que não devia dizer isso, mas você não é um bom filho e é um pai irresponsável. Pense um pouco no futuro daquele menino e torne-se uma pessoa séria. Beber só irá proporcionar uma solução momentânea. Se você não se recuperar de verdade, eu não poderei suportar tanta insegurança”. A esposa se lamenta, mas não há resposta. Genshichi está imóvel, deitado de costas e apenas deixa escapar profundos suspiros de vez em quando. “Mesmo estando nessas condições você não consegue esquecer Oriki? Você faz sofrer ao extremo, a mim, que estou casada contigo há dez anos e que lhe dei um filho. Veste o seu filho com trapos, e quanto a nossa casa, tem apenas um quarto de seis *tatami*, tão pequeno que parece um canil. Somos considerados tolos e excluídos por todos. E mesmo quando os vizinhos trocam bolinhos de arroz nos equinócios da primavera e do outono entre si, dizem que ‘é melhor

não dar para a casa de Genshichi, porque eles não podem retribuir'. Sei que fazem por gentileza, mas das dez casas apenas a nossa é excluída. Os homens não sentem muito, pois ficam fora de casa o dia todo, mas para as mulheres que têm que ficar em casa, isso é tão triste que chega a ser humilhante. Sinto-me envergonhada perante as outras pessoas, e não só isso, ainda tenho que observar o humor das pessoas sempre ao cumprimentá-las. E você nem se importa com isso e continua pensando apenas na sua amada. Sente tanta saudade assim da mulher que lhe abandonou? É lamentável vê-lo sonhando com ela e balbuciando o seu nome até durante a sesta. Você pretende dar a sua vida à Oriki esquecendo-se até de sua esposa e de seu filho? Que pessoa perversa, vergonhosa e cruel". Ohatsu pensa, mas não consegue falar. Seus olhos se enchem de lágrimas de raiva.

Os dois ficam em silêncio e a pequena casa parece ficar mais triste. Com o cair da noite, o céu começa a escurecer e o interior da casa fica ainda mais escura. Ohatsu acende a luz e faz a fumigação para espantar

os pernilongos. Ela contempla desanimada o lado de fora da casa pela porta. Nesse momento, surge a figura de Takichi voltando com toda a disposição, carregando com as duas mãos uma grande sacola. “Mãe, mãe, olha o que eu ganhei”. Ele entra correndo todo sorridente. Era *kasutera*⁵⁸ da loja Hinodeya que fica na zona recém-urbanizada. “Nossa! Quem te deu uns doces tão caros? Agradeceu direitinho?”, Ohatsu perguntou. “Sim, agradei fazendo medidas e peguei os doces. Foi a ‘senhorita demônio’ da casa Kikunoi que me deu”, diz Takichi. A expressão do rosto de sua mãe muda completamente. “Aquela atrevida! Ela nos jogou nessa miséria e ainda não está satisfeita de nos atormentar? Ela está usando o nosso filho para tocar o coração do pai. O que ela disse para você?”, “Eu estava brincando num lugar movimentado da rua principal, aí ela veio junto com um homem e disse para eu ir junto com ela, que ela iria comprar um doce para mim. Eu disse que não queria, mas ela me levou no colo e comprou para mim. Não posso comer?” Ele

⁵⁸ Tipo de pão-de-ló.

tentando imaginar o que a sua mãe estava sentindo, olhava para ela e hesitava. “Por mais que você ainda seja muito pequeno, que menino insensato você é. Aquela mulher não é um demônio? Não é o demônio que tornou seu pai um vagabundo? Você ficou sem roupas, sem casa, tudo por culpa daquele demônio. Você ganha doces daquele demônio que nos devorou e que ainda não está satisfeito com isso, e ainda pergunta se pode comer? Isso é deprimente. Dá-me raiva só de deixar esses doces sujos, imundos aqui em casa. Jogue fora! Jogue fora! Você está com pena e não consegue jogar? Seu idiota!” E insultando o menino, ela pega a sacola e lança-a no terreno vazio dos fundos. O papel se rasga e os doces se espalham, rolam por entre as fendas dos bambus e caem na vala. Genshichi levanta-se rapidamente e grita “Ohatsu!”, “O que foi?”, diz Ohatsu com desdém e sem se voltar para ele. Então, ele fixa o olhar em Ohatsu que está de perfil. “Já basta! Chega de insolências! Você deveria ficar calada. O que significam essas injúrias? Não há nada de estranho em dar doces para filhos de conhecidos

seus. Que erro há em aceitar? Você chamou Takichi de idiota, mas está usando-o para jogar indiretas para mim. Onde já se viu uma esposa que fala mal de seu marido para o próprio filho? Se Oriki é um demônio, você é a Rainha do Inferno. Que uma prostituta engana seus clientes, isso não é novidade, mas você acha que uma esposa pode se queixar do marido e ficar por isso mesmo? Que eu seja um ajudante de pedreiro ou puxador de riquixá, marido tem os seus direitos de marido. Não permitirei que fique na minha casa quem não estiver satisfeito. Vá embora para qualquer lugar! Vá embora! Mulher desagradável!” Ohatsu é repreendida por Genshichi. “Isso é impossível! Não tire conclusões precipitadas. Por que razão eu estaria jogando indiretas para você? Eu acabei dizendo essas coisas, porque esse menino não entende nada e também porque fiquei com raiva da atitude da Oriki. É cruel você me mandar embora por ter interpretado isso mal. Eu digo coisas que lhe desagrada justamente porque penso na nossa família. Se eu quisesse ir embora, eu não estaria aqui

suportando o sofrimento dessa vida miserável”, ela começa a chorar. “Se está aborrecida com essa vida miserável, vá para onde quiser. Eu não vou me tornar um mendigo só porque você não estará mais aqui e também posso criar o Takichi sozinho. Estou profundamente cansado de ouvir, dia e noite, você apontando os meus defeitos ou manifestando ciúmes de Oriki. Se você não quer sair, para mim não faz diferença. Não tenho pena nenhuma em deixar esta minúscula casa. Eu vou embora e levo Takichi comigo. Assim, você pode esbravejar à vontade. E então? Vai você ou saio eu?”, diz Genshichi furioso. “Então você pretende realmente se separar de mim?”, “O que você acha?”. Genshichi parece uma outra pessoa.

Ohatsu é tomada por um sentimento de raiva, de tristeza e de vergonha. Reprime as lágrimas que lhe assomaram aos olhos e a impedem de falar. “Eu estava errada. Perdoe-me. Foi realmente um erro meu jogar fora os doces que Oriki havia dado tão gentilmente. De fato, se Oriki é um demônio, eu sou a Rainha do Inferno. Não vou mais falar nisso, não vou mais falar.

Não vou falar mais nada sobre Oriki de agora em diante. Não vou falar mais dela nem por trás, por isso, reconsidere sobre a separação. Não preciso nem dizer que eu não tenho nem pais nem irmãos. Eu me casei com você por arranjo de meu tio que era administrador de imóveis. Se eu me separar de você, não tenho para onde ir. Por favor, perdoe-me e deixe-me ficar. Deixe-me ficar em consideração ao nosso filho, mesmo que você tenha raiva de mim. Peço-lhe desculpas”. Ela pede desculpas juntando as mãos e chora. “Não, não posso deixar que fique de jeito nenhum”, Genshichi diz isso e se cala. Voltou-se para a parede e parece não ouvir o que Ohatsu dizia. “Ele não era uma pessoa tão desumana assim”, pensa a esposa atônita. “Um homem pode se tornar tão mesquinho quando tem a alma roubada por uma mulher? Uma pessoa que não só faz a esposa sofrer, como é capaz de deixar o querido filho morrer de fome. De nada adiantará me desculpar com ele agora”. Ela se conscientiza disso e chama Takichi para perto dela. “Takichi, Takichi. Diga! Você prefere ficar perto

do seu pai ou da sua mãe?”. “Eu não gosto do meu pai, ele não compra nada para mim”, ele responde francamente. “Então você pretende ir com a sua mãe para qualquer lugar que ela for?”, “Sim, eu vou.”, diz inocentemente. Ohatsu diz para Genshichi: “Está ouvindo? Takichi disse que vai comigo. Acredito que você também queira ficar com ele por ele ser menino, mas eu não posso deixá-lo com você. Vou levá-lo para onde quer que eu vá. Está bom assim? Vou levá-lo”. “Faça o que quiser! Não quero filho e nem nada. Se quiser levá-lo, leve-o para onde quiser. Não preciso de casa e nem de mobília. Faça o que quiser!”, Genshichi continua deitado e não olha para ela. “Que casa, que móveis? Não temos nada. Fazer o que quiser, que nada! A partir de agora você ficará sozinho e poderá viver como quiser. Por mais que diga que quer essa criança, não o devolverei. Não o devolverei”, ela confirma. Ohatsu procura algo dentro do armário e pega um pequeno embrulho. “Vou levar apenas um quimono para dormir, um casaco e uma faixa do quimono para o Takichi. Como não foi uma decisão

tomada sob o efeito da bebida, acredito que não irá mudar de ideia depois que voltar a si, mas pense bem. Dizem que uma criança cresce feliz se for criado pelos pais, mesmo em meio à extrema pobreza. Se nos separarmos agora, Takichi será criado apenas por um dos pais. Você não vê que quem irá sofrer é esse menino? Ah! Um homem de tripas putrefatas não consegue perceber a graciosidade de um filho. Vou me despedindo”. Ohatsu sai de casa levando a trouxa. “Vá logo! Vá logo!”, diz Genshichi e não a chama de volta.

VIII

ALGUNS DIAS APÓS O FESTIVAL de celebração aos finados, época em que ainda se viam a sombra das lanternas melancólicas, dois caixões deixavam o bairro recém-urbanizado (do Kikunoi). Um conduzido em um palanquim e outro carregado nos ombros por duas pessoas. O palanquim foi retirado silenciosamente do aposento do Kikunoi. As pessoas que se reuniram na avenida para ver cochichavam: “Que pessoa sem sorte é ela. Ser amada por um homem como aquele”, disse uma pessoa. “Não, dizem que foi suicídio em comum acordo (duplo suicídio). Dizem que os dois conversavam no templo na colina naquela tarde, há testemunhas. Deve ter se sentido na obrigação, já que ela o amava”, disse outra pessoa. “Aquela mulher tem senso de obrigação? Ela deve ter encontrado com ele na volta do banho e, por acaso, não conseguindo fugir, conversavam caminhando juntos. Mas ela estava com um corte transversal que partia do ombro, um leve corte no rosto e uma facada

na nuca e outros cortes. Certamente ela foi morta quando tentava fugir. Ele, por outro lado, cometeu suicídio por estripação. Não o achava um homem audaz na época que ele dirigia a loja de acolchoados, mas aquilo sim foi uma morte gloriosa. Morreu como um homem”. “De qualquer forma, foi um grande prejuízo para o Kikunoi. Ela devia ter bons clientes. Deve ter sido uma pena perdê-la”. Outras se divertiam com a desgraça alheia. Houve vários rumores, mas não se sabe o que realmente teria acontecido. Conta-se que há pessoas que dizem ver de vez em quando uma luz (algo como o fogo fátuo, a alma do outro mundo) flutuando sobre o templo na colina.



OMBRO A OMBRO

[1896]

HIGUCHI ICHIYÔ

GUSTAVO PEREZ KATAGUE (TRAD.)

OMBRO A OMBRO (TRAD.)¹

higuchi ichiyô

CAPÍTULO 1

A O VOLTAR O OLHAR, os galhos suspensos do salgueiro da despedida² ao portão principal se fazem distantes, entretanto, fica evidente o alvoroço

¹ Tradução e notas por Gustavo Perez Katague. Revisão por Felipe Chaves Gonçalves Pinto.

² No original, “見返り柳 (*mikaeri yanagi*, lit. ‘o salgueiro do olhar para trás’)”. Salgueiro externo ao distrito de Yoshiwara, próximo do portão principal. Chamado assim por conta dos clientes que o viam ao olhar para trás quando saíam do distrito e relembavam nostalgicamente da noite anterior de amor com as prostitutas.

vindo do segundo andar, de onde as lamparinas são refletidas no fosso³. Sendo possível imaginar a imensurável exuberância por conta do incessante vaivém dos riquixás, as pessoas que moram por ali costumam dizer que o nome do bairro, Daionjima⁴, passa ares de santidade budista, mas que na realidade é um lugar extremamente vivaz.

Após virar na esquina do santuário Mishima⁵ não há sequer uma casa que se preze, mas uma fileira de dez, vinte casas *nagaya* geminadas⁶ com os beirais dos telhados decadentes. Em um lugar nem um pouco propício para o comércio segundo os rumores, são curiosos os aspectos dos papéis cortados nos mais peculiares formatos e dos palitos de madeira curvados

³ No original, “お歯ぐろ溝 (*ohaguro dobu*, lit ‘o fosso dos dentes escurecidos’)”. Fosso cavado ao redor do distrito para evitar que as prostitutas fugissem. Chamado assim pelo dito popular de ser ali derramado o excedente das tintas pretas que as prostitutas utilizavam para escurecer os dentes.

⁴ Nome popular da região chamada Shitaya Ryūsenjimachi (atualmente bairro de Taitō).

⁵ Santuário localizado entre Yoshiwara e o atual bairro de Ueno.

⁶ Construções residenciais comuns do período Edo, que aglomeravam lado a lado vários residentes cidadãos.

para trás, que parecem coloridos espetos grelhados⁷ pintados com pó de giz, ao lado de fora das portas venezianas semicerradas. Não apenas em uma casa ou outra, famílias inteiras se dedicam ao trabalho com afinho, estendendo-os ao alvorecer e recolhendo-os ao anoitecer. E se lhes perguntassem o que era aquilo, responderiam:

— Não está sabendo? É a preparação dos amuletos *kumade*⁸ para os visitantes gananciosos que vão aos festivais do dia do Galo⁹ no décimo primeiro mês lunar, no santuário Ōtori¹⁰.

Quem se dedica sem parar ao longo do ano, começando a partir da época em que se recolhem as

⁷ No original, “田樂 (*dengaku*)”. Espetinho grelhado de peixe, *tôfu* e outros, cobertos com *miso*.

⁸ Amuleto de boa sorte em formato de rastelo, feito de bambu e vendido durante os festivais do dia do Galo.

⁹ No original, “酉の日 (*Tori no hi*)”. O galo é o décimo dos 12 signos do zodíaco do horóscopo chinês. De acordo com as regras de encontro de datas no calendário, o dia do Galo ocorre de 12 em 12 dias, assim podendo ocorrer de duas a três vezes dentro do período de um mês. É comemorado, no entanto, no 11º mês.

¹⁰ No original, “例の神社 (*rei no jinja*)”. Referência ao santuário Ōtori (大鳥神社, *Ōtori jinja*), onde se cultua a divindade do comércio e, durante o 11º mês lunar, vende-se amuletos *kumade*.

decorações de Ano Novo¹¹, são os verdadeiros comerciantes. Já os que o fazem como trabalho temporário, mancham os pés e as mãos de tinta a partir do verão, e quem sabe destinam o dinheiro das vendas nas confecções das roupas de Ano Novo.

— Ó, venerável divindade Ōtori, se concedeis sorte para quem compra, concedei a nós, que os fazemos, dez mil vezes mais — talvez dissessem, mas não deve ser o caso, pois não se ouvem boatos de gente rica naquela região.

Muitas das pessoas que moram ali têm alguma relação com o distrito. Em um reduto de entretenimento de porte inferior¹², um marido parece ocupado com o tilintar das plaquetas de madeira dos armários para controle de calçados. Ao sair depois do anoitecer, vestindo um agasalho *haori*¹³, sua esposa fáísca pederneiras às suas costas, rezando por

¹¹ No original, “門松 (*kadomatsu*)”. Ornamento de bambus e pinheiros colocado na entrada da casa para celebrar o Ano Novo.

¹² No original, “小格子 (*kogōshi*)”. Bordel de pior nível dentro do distrito de Yoshiwara.

¹³ Casaco decorativo ou para a retenção de calor, utilizado sobre a roupa.

segurança, com o semblante de como se aquela pudesse ser a última despedida. Isso porque seu marido poderia ser arrastado para uma sangrenta briga alheia, ou confundido e forçado a ser uma das partes de um duplo suicídio¹⁴. Mas, assim por dizer, é curioso como ele parece estar dando apenas uma volta por aí, mesmo arriscando a vida com um trabalho extremamente perigoso e fácil de acumular rancores. As filhas ou são camareiras nos bordéis *ômagaki*¹⁵ de primeira classe, ou empregadas em umas das sete casas de chá¹⁶, ou estão em treinamento, correndo a passos rápidos e curtos com as lanternas de papel que servem como propaganda dos estabelecimentos. Virariam alguém após o treinamento? Não é estranho considerar que, de

¹⁴ No original, “情死” (por si só, lê-se é *jôshi*, embora a obra indique a leitura *shinjû*, o que seria escrito como 心中 na grafia moderna). Suicídio em conjunto entre um homem e uma mulher que se amam.

¹⁵ Bordel de mais alto nível em Yoshiwara, com prostitutas de maior prestígio.

¹⁶ No original, “七軒 (*shichiken*)”. Sete casas de chá que atuavam dentro do distrito como intermediárias no encontro entre os clientes e as prostitutas de alto prestígio.

qualquer forma, iriam parar nos melhores palcos do distrito? Já passada dos trinta, vestindo um quimono asseado de listras verticais de algodão e meias azul-escuras, uma refinada mulher de meia idade se mostra ocupada, fazendo seus calçados estalarem ao carregar pacotes sob os braços.

— A volta é longa¹⁷, vou entregar por aqui — a instrução fica clara através da ponte levadiça sobre o fosso, perto das casas de chá. Sendo, na região, uma das chamadas costureiras de encomendas, dispensa dizer o que há no embrulho.

Os costumes ali são diferentes dos outros locais. Poucas mulheres usam o *obi*¹⁸ propriamente com o laço atrás, tendo a maioria preferência pelos de estampa particular, mais largos, usando-os somente como uma faixa, sem nó. O estilo cai bem para as mulheres de meia idade, mas deve haver quem cubra os olhos diante de uma aparência dessas como uma

¹⁷ A volta até o portão principal, já que o distrito inteiro era murado e cercado pelo fosso.

¹⁸ Faixa de pano utilizada ao redor da cintura para prender o quimono.

jovem impertinente de quinze, dezesseis anos, soprando uma casca de fisális na boca. São, entretanto, traços inevitáveis do distrito. Ontem lembrada pelo nome artístico, uma certa mulher conhecida como Murasaki em uma das piores casas *kashimise* ao lado do fosso¹⁹, hoje, sem familiaridade com os negócios, abre uma barraca noturna de *yakitori* junto com um rufião local, e, ao falir, volta mais uma vez ao velho lar no distrito. De alguma maneira, consideram-se mulheres assim mais encantadoras do que as normais.

Não há criança que não seja instigada por um meio como esse. Veja como exemplo a Avenida na época do festival Niwaka, em setembro durante a primavera. A mãe de Mêncio²⁰ ficaria impressionada em ver o quão rápido eles aprendem os trejeitos de Rohachi e os gestos de Eiki²¹. Ao receberem elogios, dizem:

¹⁹ Bordel de mais baixo nível que ficava próximo ao fosso.

²⁰ Mêncio (372 a.C - 289 a.C.) foi um filósofo chinês e eminente seguidor do confucionismo. Sua sábia mãe teria trabalhado arduamente para educá-lo, sendo considerada até hoje um exemplo de figura da mulher na China.

²¹ Rohachi e Eiki foram dois homens que de fato existiram e eram responsáveis por manter os clientes do distrito bebendo e bem-humorados. Algo como bobos da corte ou animadores de palco.

— Nessa noite é só uma volta!

A audácia começa a aparecer a partir dos sete, oito anos. Ao atingir os quinze anos, os jovens se mostram precoces e convencidos, logo colocando a toalha de mão sobre o ombro e cantarolando canções populares do distrito. Passam a impressão de que são capazes de qualquer coisa nas gincanas esportivas ao entoar as marchas dos bombeiros sob o ritmo das músicas escolares. Apesar de o magistério ser difícil até mesmo nas melhores circunstâncias, o trabalho árduo dos professores é reconhecido pela Ikueisha, próxima a Iriya, que, embora seja uma escola privada, conta com aproximadamente mil alunos. Seu pequeno prédio é cheio de atividades cerimoniais e a popularidade dos professores se faz cada vez mais aparente, ao ponto de a palavra “escola” se tornar sinônimo daquele lugar. Dentre as várias crianças que

a frequentam, algumas, cujos pais talvez sejam bombeiros-construtores²², dizem:

— Meu pai fica no posto de sentinela da ponte levadiça, do lado de fora do fosso! — diz um, sabendo as artimanhas da profissão, apesar de nenhum adulto ter lhe ensinado.

— Opa! Você quebrou o ofendículo de bambu do muro! — reclama de pirraça o filho de um advogado vigarista, imitando acrobacias como se estivesse no topo de uma escada de mão.

— Seu pai é uma mula²³, hein! — há também criança de boa índole cujo rosto se avermelha ao ouvir esse apelido cruel que o pai levava pelo trabalho que faz.

— Senhorzinho, senhorzinho! — é curioso também, nos alojamentos dos bordéis, como se bajulam crianças que agem como se fossem pretensiosos nobres, aparentando riqueza com seus gorros

²² No original, “火消 鳶 人 足 (*hikeshi tobinsoku*)”. Trabalhador encarregado de executar tarefas diversas, relacionadas ao combate de incêndios ou a obras de construção.

²³ No original, “馬 (*uma*, lit. ‘cavalo’). Homem que coletava as dívidas dos clientes do distrito que não conseguiam pagar a conta, seguindo-os até sua residência.

felpudos e roupas ocidentais vistosas, pérolas dos pais que, com frequência, visitam os bordéis a negócios.

Dentre as muitas crianças, havia Shinnyo, do templo Ryūge²⁴, cujos fartos cabelos negros estavam com os dias contados. Eventualmente, as mangas do seu manto haveriam de ser tingidas de preto²⁵, seja por sua própria vocação, ou pela herança do ofício de seu pai. Apesar de estudioso, seus colegas lhe armavam diversas travessuras, desconfiados da sua natureza reservada. Houve vez em que, pendurando a carcaça de um gato morto com uma corda, sentenciaram:

— Já que é o seu dever, confiamos em você para dizer as últimas palavras.

Antigamente era assim. Hoje em dia, como o melhor aluno da escola, de jeito nenhum alguém faria algo do qual pudesse se arrepender. Com quinze anos, de estatura média e cabelos curtos quase raspados,

²⁴ No original, “龍華寺 (Ryūgeji)”. O sufixo -ji (寺) é atribuído após o nome de templos budistas. Daqui em diante, seguiremos com o padrão de traduzir palavras desta natureza utilizando o seu sufixo original, evitando anteceder-las com a palavra “templo”.

²⁵ Metáfora para “tornar-se monge”.

pode ser apenas uma impressão, mas ele se distinguiu do ordinário. Apesar de a leitura japonesa de seu nome ser Fujimoto Nobuyuki²⁶, pode-se dizer que, de alguma forma, suas atitudes eram como as de um discípulo de Buda.

²⁶ No original, “信如 (Shinnyo ou Nobuyuki, leituras chinesa e japonesa, respectivamente)”. Shinnyo (1235-1300) também foi o nome de uma proeminente monja nascida em Quioto, neta de Shinran (親鸞), fundador da vertente budista da Verdadeira Escola da Terra Pura (浄土真宗, *jōdo shinshū*).

CAPÍTULO 2

NO DIA VINTE DE AGOSTO, quando ocorre o festival do santuário Senzoku, é de se admirar o entusiasmo dos jovens que arrastam os carros alegóricos durante o desfile na cidade, com um vigor tal qual se fossem escalar a barragem até o interior do distrito. Deve-se redobrar a atenção por esses lados, uma vez que os que consideramos crianças aprendem de ouvido sobre uma coisa ou outra. Por sua vez, o *yukata* é vestido como uniforme por cada uma delas. É de se chocar com a impertinência delas ao perguntá-las sobre isso.

Chōkichi, o filho do chefe dos bombeiros, era o líder das crianças arruaceiras da autoproclamada turma do Beco. Tinha dezesseis anos e, desde que trabalhou como condutor do desfile no festival Niwaka, representando seu pai, passou a ter a arrogância nas alturas. Dava ordens de forma detestável, com o *obi* amarrado mais abaixo do que de costume, como se fosse um adulto, e com as

respostas na ponta da língua. Ouvia-se até as esposas dos outros bombeiros praguejarem de volta:

— Ah, se esse não fosse o filho do chefe...

Fazia valer a sua autoridade com seu espírito completamente centrado em um egoísmo que mal cabia em si, mas tinha como rival o cortês Shōtarō, do estabelecimento Tanaka²⁷ da Avenida principal, três anos mais novo, de família abastada e benquisto por todos.

“Eu frequento a escola privada, e outro, que vai para a escola pública²⁸, faz uma cara como se fosse de uma família superior, apesar de cantarmos as mesmas músicas escolares. Com o apoio dos adultos tanto no ano passado como no retrasado, esse aí se engajou

²⁷ No original, “田中屋 (*Tanakaya*)”. O sufixo *-ya* (屋) é por vezes atribuído após o nome de estabelecimentos comerciais de diversas naturezas. Daqui em diante, seguiremos com o padrão de traduzir palavras desta natureza utilizando o seu sufixo original, evitando anteceder-las com a palavra “estabelecimento”.

²⁸ Naquela época, as escolas privadas, herança das *terakoya* (寺子屋) do período Edo, eram frequentadas por crianças das classes mais baixas, enquanto as escolas públicas, implementadas pelo novo governo na era Meiji, eram consideradas modelo, frequentadas por crianças de famílias ricas.

mais do que eu nos planos do festival, que é organizado de forma a dificultar brigas. Se este ano for para perder dele de novo, quem seria? Chōkichi, do Beco! Vão difamar a minha força, achar que ela é só aparência, e seriam poucos a fazer parte da minha turma quando for para nadar no lago Benten²⁹. A gente ganha quando a questão é força, mas é decepcionante como uns aí tipo o Tarokichi e o Sangorō, que eram da nossa turma do Beco, tapeados pelo jeito gentil daquele outro de Tanakaya e ainda impressionados por ele ser bom em questões escolares, se juntaram àqueles lá em segredo. O festival é depois de amanhã, e, no fim, se realmente tivermos indícios de fracasso, vou entrar em desespero, vou ficar tão bravo, mas tão bravo, que vou acabar com a cara daquele Shōtarō, o que vai ser fácil de fazer mesmo que me custe um olho ou um braço. Se os que me apoiam, como o Ushi, o puxador de

²⁹ Lago artificial próximo ao distrito de Yoshiwara. Além disso, Benten (弁天), nome derivado de Benzaiten (弁財天), é o nome japonês para Saraswati, divindade budista das artes e do conhecimento.

riquixá, o Bun, o artesanato de cordões para cabelo, e o Yasuke da loja de brinquedos, estiverem ao meu lado, definitivamente não iremos perder. Ah, mas antes disso, aquela pessoa, se ele... Se o Fujimoto estiver do meu lado, ele vai me ajudar com a esperteza dele”.

Assim, próximo ao entardecer do décimo oitavo dia, afastando os mosquitos que ruidosamente pairavam ao redor de seus olhos e boca, foi devagar em direção ao quarto de Shinnyo a partir do jardim de opulentos bambus próximo a Ryūgeji.

— Nobu-san, tá aí? — disse, mostrando o rosto — As pessoas dizem que o meu negócio é violência. Provavelmente estão certas, mas não deixa de ser decepcionante. Viu, escuta isso, Nobu-san. Começou com a briga de lanternas de papel³⁰ no ano passado, entre os amigos do meu irmão mais novo e um nanico da turma do Shōtarō, quando acabaram destruindo a lanterna do pequeno e jogando os restos pro ar na

³⁰ Lanterna com uma estrutura de madeira retangular, coberta por papel com imagens ou letras. Seu longo cabo por vezes servia como bastão em brigas durante os festivais.

euforia, e, vê se pode, tendo a audácia de sair voando em debandada. Quando alguém disse: “Olha lá, a baderna da gente do Beco!”, o idiota da loja de *dango*³¹, fazendo cara de adulto, ficou praguejando: “Será que não têm vergonha não? Esses aí são o pior dos piores, tudo uns bundas de porco!”. Eu estava no desfile do festival do santuário Senzoku durante a briga, assim fiquei sabendo disso depois. Quando disse que ia dar o troco imediatamente, levei um esporro do meu pai e tive que engolir o sapo. Veja bem, como você já sabe, no ano retrasado, os jovens da Avenida se reuniam na papelaria³² e faziam suas improvisações de peças de comédia e sabe-se lá o que mais. Naquela época, quando fui lá para ver, ouvi a audácia de um deles dizendo algo como “o pessoal do Beco não têm mais o que fazer?”. O fato de tratarem somente o Shōta como espectador também me deu nos nervos. Não importa quanto dinheiro ele tenha, um agiota de uma

³¹ Bolinho redondo feito de farinha e água, cozido no vapor ou fervida, geralmente consumido com molho de soja.

³² No original, “筆屋 (*fudeya*)”. Estabelecimento que fabricava e/ou vendia produtos para caligrafia, além de outros itens relacionados a papel.

loja de penhores medíocre não é dono de nada! É melhor para o mundo linchar um cara desses até a morte do que deixá-lo viver. No próximo festival, acho que nós temos que armar uma briga e dar o troco, não importa o que aconteça. Por isso, eu te peço em nome da nossa amizade, Nobu-san. Eu sei que você não gosta dessas coisas, mas é que com a sua ajuda vamos recuperar a honra da turma do Beco. Então, vai? Você não me ajuda a acertar as contas com esse Shōtarō pretensioso das canções de escola pública? O mesmo vale para você, quando me chamam de estudante meia-boca de escola privada. Por isso, eu te imploro, por favor! Considere ajudar, carregue uma das grandes lanternas de papel em nosso nome! Eu me sinto tão humilhado, do fundo do meu coração. Vou ficar em uma posição difícil se eu perder para o Shōtarō da próxima vez! — terminou, extremamente frustrado, balançando os grandes ombros.

— Mas eu sou um fracote.

— Não tem problema ser fraco!

— Eu não consigo nem balançar a lanterna de papel!

— Tudo bem, não precisa carregar!

— Mas, tudo bem se eu entrar pra sua turma e você perder pra ele?

— Não tem problema em perder. Se isso acontecer, vou desistir porque já não há o que fazer. Tudo bem também se você não fizer nada, porque só de parecer que você está com a gente, o nome da Turma do Beco vai ficar popular que é uma beleza! Apesar de eu ser assim, bronco, você é inteligente, e se o pessoal de lá fizer provocações em chinês ou qualquer outra do tipo, revide em chinês, por nós! Ah, que sensação boa, me sinto aliviado! Se você ajudar a gente com o que sabe, vai valer por mais de mil. Obrigado, Nobu-san — disse, com palavras gentis que não lhe eram de costume.

Um deles, o filho de um bombeiro, com seu *obi* curto informal ao estilo dos trabalhadores e seu *zōri*³³ calçado de modo desleixado. O outro, vestido como um monge, com um *haori* de malha de algodão

³³ Chinelo de dedo tradicional japonês, feito de materiais como palha, junco ou casca de bambu.

refinada azul-escura quase verde e um *obi* lilás. Pensavam em coisas opostas e tinham sempre uma tendência às discordâncias nas conversas, mas o sacerdote mestre e sua esposa tinham certo favoritismo a Chōkichi pelo fato de ele ter dado ali, nas cercanias de Ryūgeji, o seu primeiro choro ao nascer. Havia também um desconforto quando falavam mal da escola privada porque ambos a frequentavam, e tinham pena de Chōkichi, que não conseguia fazer amigos de verdade por não ser um afável inato. A outra turma tinha apoio até dos jovens das cercanias, e era um fato que a culpa do fracasso de Chōkichi se dava por conta dos próprios envolvidos com Tanakaya. Prevendo ser requisitado como obrigação, era difícil para Shinnyo recusar.

— Então, eu entro para a sua turma, não é mentira quando digo isso. Mas, para ganhar, faça o possível para evitar as brigas! Se no fim os outros vierem comprar briga, aí não tem jeito. Hmm, até porque não é difícil dar uma surra em alguém como o Shōtarō de Tanakaya.

Esquecendo-se de que não tinha força, Shinnyo tirou de uma gaveta da mesa um objeto de lembrança de Quioto que havia ganhado, uma espada curta *Kokaji*³⁴, mostrando-a.

— Parece bem afiada! — disse Chōkichi com um semblante bisbilhoteiro — Não é perigoso ficar mexendo com isso?

³⁴ Palavra para designar os ferreiros descendentes de Sanjō Kokaji Munechika (三条小鍛冶宗近), fabricante de espadas da região de Sanjō, em Quioto, durante o período Heian. Ou também, palavra para designar os produtos feitos por eles.

CAPÍTULO 3

COM A FRANJA EM UM GRANDE topete pesado e um coque firme ao topo da cabeça expondo as raízes dos cabelos, longos a alcançar os pés se soltos, seu penteado *shaguma*³⁵, apesar do nome assustador, é bastante popular para a época e vai também ao encontro do gosto das moças de boa família. De pele alva, seu nariz era delicado. Seus lábios eram firmes e, embora não fossem pequenos, não eram feios. Olhando um a um os detalhes, estava longe de ser um exemplo de moça bonita, mas tinha uma voz fina e suave. A vivacidade dos seus trejeitos era agradável, e vertia graciosidade ao olhar para os outros.

— Quero vê-la daqui três anos! — diziam os jovens que saíam do distrito ao ver a figura dela voltando do banho público pela manhã com a toalha de mão pendurada na nuca branca, vestida com um grande *yukata* de borboletas e pássaros tingidos sobre a cor

³⁵ No original, “赭熊”, lit. “urso vermelho”. Penteado de coque estufado à moda das *oiran*, popular entre as jovens.

cáqui, um *obi* de dois tecidos³⁶, cetim preto em uma face e *tie-dye* na outra, amarrado mais acima da cintura, e calçando aos pés um tamanco alto de madeira laqueada, algo não muito comum de se ver naquela região.

Nascida em Kishū³⁷, Midori, do estabelecimento Daikoku³⁸, era adorável até ao falar com seu sotaque. Não havia quem não simpatizasse com sua natureza generosa, a maior de todas. Não era à toa o peso de sua bolsa com moedas de prata, que em nada se parecia com as utilizadas por crianças, resultado da tamanha prosperidade de quem sua irmã mais velha veio a se tornar. Como lisonja à sua irmã, por extensão, as madames e assistentes lhe davam algum dinheiro.

³⁶ No original, “昼夜帶 (*chūya obi*, lit. ‘obi dia e noite’)”. *Obi* feminino de frente e verso costurados com tecidos diferentes, originalmente feito de cetim preto com um forro branco, daí o nome “dia e noite”.

³⁷ Atual região da província de Wakayama.

³⁸ Bordel fictício com o qual a família de Midori está envolvida.

— Aqui, Mii-chan³⁹, compre uma boneca para você! Não é muito, mas deve dar ao menos para uma bola⁴⁰ — diziam, sem exigir nenhuma gratidão.

Midori, por sua vez, sem se sentir especialmente agradecida, naturalmente mostrava sua generosidade como ao presentear bolas de borracha⁴¹ às vinte colegas de sala de aula. Causava alegrias também ao comprar todos os brinquedos não vendidos da papelaria que sempre frequentava. No entanto, com gastos extravagantes todos os dias e noites, que não condiziam com sua idade e posição social, por fim, em que tipo de adulta viria a se tornar?

Seus pais, entretanto, eram coniventes e nunca a reprimiam. O dono de Daikokuya também a tinha em grande consideração, estranhamente, pois, pelo que se escutava, ela nem era sua filha adotiva e nem sua parente. Convencidos a deixar tudo para trás pelo mestre do bordel, que viajara a Kishū para fazer uma

³⁹ Forma graciosa de se referir à Midori.

⁴⁰ No original, “手鞠 (*temari*)”. Bola confeccionada com linhas costuradas.

⁴¹ No original, “ゴム鞠 (*gomumari*)”. Naquela época, produto de alto valor.

avaliação profissional da irmã mais velha na época em que fora vendida, os outros três membros da família, desejando fazer a vida por estes lados, colocaram suas roupas de viagem e vieram. Mais do que isso, quais outros motivos teriam para vir? Agora, supervisionam o dormitório das garotas, a mãe costura as roupas das prostitutas e o pai é secretário em um bordel de menor reputação.

Além das atividades artísticas e manuais, era permitido a Midori frequentar a escola regular. Fora isso, de acordo com a sua disposição, passava metade do dia no quarto da irmã e a outra metade fora de casa brincando pela vizinhança, ouvindo os *shamisen*⁴² e os *taiko*⁴³, ou observando as cores chamativas vermelha e roxa dos padrões das vestimentas das prostitutas. Quando nova na cidade, houve vez em que chorara por três dias e três noites, humilhada pelo deboche de algumas meninas da cidade ao andar com a gola *tie-dye* lilás do interior de seu quimono.

⁴² Alaúde tradicional japonês de três cordas.

⁴³ Tambor tradicional japonês.

“Caipira, caipira!”, elas riam. Mas agora, quem zombava dos outros era ela, e mesmo ridicularizando frente a frente o senso de moda das pessoas, não havia quem a respondesse.

Com o festival do vigésimo dia por chegar, os amigos, cheios de entusiasmo, a cobravam por ideias legais.

— Bolem um plano, cada um de vocês. Seria legal se fosse algo que a multidão vá gostar, não é? Eu pago, não importa o quanto custar! — disse Midori, generosa como sempre, tomando a responsabilidade sem se preocupar com as contas. Se não fosse pela incomparável bondade da rainha das crianças, que era muito mais eficaz que os adultos.

— Vamos fazer um *chaban* ⁴⁴! A gente pega emprestado o espaço de alguma loja onde quem estiver passando na rua consiga ver — disse um deles.

⁴⁴ No original, “茶番”. Farsa. Encenação de comédia barata.

— Bobagem! Melhor do que isso, vamos fazer um *omikoshi*⁴⁵! Um de verdade, como o que está decorado nos fundos da Kabataya⁴⁶. Quem se importa com o peso? Vamos, vamos, sem moleza! — disse um menino usando uma faixa trançada à testa.

— Olha, é uma chatice pra nós ver apenas vocês meninos carregando e se divertindo. Não deve ter graça nem pra Midori-san. Em todo caso, façam do jeito que quiserem — disse uma do grupo das meninas, deixando de lado o festival e dando a entender, pelo modo de falar, o interesse delas em ir a Tokiwaza⁴⁷.

— E uma lanterna mágica⁴⁸? Não querem fazer uma lanterna mágica? — perguntou Shōta de Tanakaya — Na minha loja tem poucas placas de vidro, e as que

⁴⁵ Altar xintoísta de menor porte, carregado pelas ruas como uma liteira durante festivais.

⁴⁶ Nome de um estabelecimento fictício.

⁴⁷ Teatro inaugurado no parque de Asakusa, Tóquio, em 1886 (Meiji 19).

⁴⁸ No original, “*幻燈 (gentō)*”. Lanterna mágica. Caixa equipada com lentes e luz artificial que permite a projeção ampliada de imagens pintadas em uma placa de vidro sobre uma tela ou parede branca. Naquela época, produto de alto valor.

faltarem a Midori-san poderia gentilmente comprar para nós. Daria pra fazer as projeções na papelaria? Eu posso operar a lanterna, e o Sangorô, do Beco, poderia fazer a narração. O que acha, Midori-san? — disse, girando seus olhos graciosos.

— Ah, isso parece interessante! Com a narração do San-chan⁴⁹, com certeza vai todo mundo rir! Aliás, com aquela cara dele vai ser ainda mais engraçado!

Resolvido o arranjo dos planos, Shōta ficou encarregado de comprar os itens que faltavam. Puseram-se a suar com o trabalho duro. Por fim, era quase o dia do festival, e até mesmo a turma do Beco ficou sabendo do planejado.

⁴⁹ Referência a Sangorô.

CAPÍTULO 4

APESAR DE NUNCA FALTAR NA REGIÃO os rufos dos tambores e os tons dos *shamisen*, o festival é algo especial, com uma vivacidade única durante o ano, atrás apenas dos festivais dos dias do Galo. É curioso ver o espírito competitivo entre os santuários Mishima e Ono Teru⁵⁰, cada um se recusando a ser inferior ao outro por serem vizinhos. Os moradores dos Becos, assim como os da Avenida, usam em conjunto o mesmo *yukata* de algodão *mooka*⁵¹ com os nomes de suas localidades escritos à mão, mas há quem resmungue que o padrão do ano anterior era melhor. Pendurados em seus fibrosos *tasuki*⁵², feitos com o linho mais grosso possível e tingidos de cor ocre das gardênia secas, os jovens, que não chegam

⁵⁰ Referência ao atual santuário de Ono Terusaki no bairro de Taitō, Tóquio.

⁵¹ Algodão produzido na cidade de Mooka, província de Tochigi.

⁵² No original, “麻だすき (*asadasuki*)”. Palavra composta por 麻 (*asa*), fibra, e たすき (襷, *tasuki*), cordão usado para prender as cavas das mangas de um quimono.

aos catorze, quinze anos, ostentam diversos brinquedos de papel machê feitos aos formatos de *daruma*⁵³, corujas e cachorros, havendo quem tenha até mesmo onze deles pendurados. É divertido ver a coragem dos que saem correndo usando nada além das meias nos pés, fazendo tilintar os sinos, pequenos ou grandes, que levam às costas.

Separado do grupo, Shōta de Tanakaya vestia um casaco *hanten*⁵⁴ de fios vermelhos que mostrava o nome da loja de sua família e um avental *haragake*⁵⁵ azul escuro preso à sua nuca alva, vestes com as quais não era costume ser visto. Além disso, estava com um *obi* azul cadete amarrado bem firme, que, ao olhar atento, era feito em trama de seda trançada com duas camadas de tintura. Os emblemas tingidos em sua gola se sobressaíam, e na bandana amarrada por trás havia uma flor, daquelas usadas como enfeites nos carros

⁵³ Boneco da sorte arredondado e avermelhado no formato de Bodhidharma, com um olho em branco para ser pintado quando o desejo de uma pessoa for atendido.

⁵⁴ Tradicional casaco curto de inverno semelhante a um *haori* sem reforços.

⁵⁵ Peça de roupa suplementar, similar a um avental, usada sob a roupa, do peito ao abdômen, para manter o calor.

alegóricos. Só se escutava o som de seu *setta*⁵⁶ de tiras de couro, mas não estava com seus colegas que tocavam instrumentos na parada.

A noite às vésperas do festival transcorreu sem nenhum incidente, e ao entardecer do dia do festival, doze pessoas se reuniam na papelaria. Apenas Midori estava ausente pela demora no preparo da maquiagem noturna.

— Cadê ela, cadê? — repetia Shōta, entrando e saindo pela porta — Vai chamar ela, Sangorō. Acho que você nunca foi ao dormitório de Daikokuya, mas a Midori-san deve ouvir se você chamar pelo jardim perto da casa. Vai, vai!

— Então vou lá chamar. Acho que ninguém vai pegar a vela da minha lanterna se eu deixar ela aqui, não é? Shōta-san, peço para vigiar pra mim.

— Mas que tapado! Deixa de besteira e vai logo! — gritou Shōta, apesar de ser mais novo.

⁵⁶ Tamanco similar aos geta, mas com solas forradas de couro para impedir que a umidade do chão estrague o calçado.

— Opa, vou indo nessa no Jirozaemon⁵⁷ — e logo saiu em disparada como Idaten⁵⁸.

— Ai, que jeito mais estranho de correr o dele! — riram inevitavelmente algumas meninas que o acompanhavam com o olhar.

Atarracado, com a cabeça em formato de martelo, pescoço curto. Olhando de perfil, um nariz de batata saindo da testa proeminente, os dentes salientes para frente. Todos traços imagináveis pelo apelido, Sangorô.

⁵⁷ No original, “おつと来たさの次郎左衛門 (*otto kita sa no Jirozaemon*)”. Um trocadilho cacofônico com intenção cômica. おつと来たさ (*otto kita sa*) seria equivalente a “Ah, aqui vamos nós”, enquanto さの次郎左衛門 (*Sano Jirozaemon*) faz referência ao personagem principal da peça de kabuki *Kagotsurube Sato no Eizame* (籠釣瓶花街酔醒), estreada em Tóquio no ano 1888 (Meiji 21). Nela, Jirozaemon, um comerciante de seda de Yashū-Sano (região da atual província de Tochigi) durante a era Kyōhō (1716-1736), se encanta com Yatsunashi, uma *oiran* de Yoshiwara, passando a visitá-la sempre que viaja a Edo. Quando Jirozaemon descobre que os sentimentos dela não são recíprocos, ele saca a lendária espada Kagotsurube e, além dela, assassina diversas outras pessoas. A peça é uma dramatização baseada no incidente conhecido como *Yoshiwara hyakunin giri* (吉原百人斬り), o massacre dos cem de Yoshiwara.

⁵⁸ Um dos generais de Zōjōten (増長天) ou Virudhaka, deidade budista, por sua vez um dos quatro reis celestiais. Há uma crença popular de que, depois do Nirvana de Buda, Idaten perseguiu um veloz demônio que havia roubado um dente das relíquias de Buda, por fim recuperando-o. Sinônimo para alguém que corre rápido.

Apesar da pele de cor escura, o mais impressionante era o quanto seu espírito brincalhão transparecia em seus olhos, com suas afáveis covinhas em ambas as bochechas e sobrancelhas que pareciam com aquelas colocadas em brincadeiras *fukuwarai*⁵⁹. Por fim, um adorável garoto, livre de maldades. Sendo pobre, usava um quimono de mangas curtas, feitas de crepe de algodão *awa*⁶⁰.

— É que não deu pra conseguir um traje do festival a tempo — dizia para os amigos que não sabiam das suas condições.

Filho mais velho em uma família de seis crianças, dependia do trabalho árduo do seu pai como puxador de riquixá. Embora levasse os clientes até a via das Cinquenta Lojas⁶¹, onde as casas de chá operam como

⁵⁹ Brincadeira de Ano Novo em que participantes vendados colocam recortes de características faciais no contorno de um rosto.

⁶⁰ Tipo de algodão barato, utilizado no verão, que confere ao toque a sensação de encolhimento. Produzido na antiga região de Awa (atual província de Tokushima).

⁶¹ No original, “五十軒 (*gojikken*)”. Nome dado à via, em frente ao portão principal do lado de fora do distrito, onde existiam as casas de chá intermediárias entre clientes e prostitutas.

vitruines, a triste situação financeira era inevitável. Desde o ano retrasado, quando fez treze anos, foi tido como braço direito da família e passou a trabalhar em uma loja de impressões em Namiki⁶², mas não durou dez dias dada a sua personalidade preguiçosa, e muito menos conseguia manter o mesmo trabalho por um mês que fosse. Do décimo primeiro mês até meados da primavera, se ocupava confeccionando raquetes de *hanetsuki*⁶³ em casa, e no verão ajudava na loja de gelo próxima ao posto de inspeção sanitária⁶⁴, onde se tornou favorito pois era bom em usar a voz para atrair clientes. Apesar de haver ainda o apelido maldoso, *Mannenchô*⁶⁵, colocado pelos amigos que o ridicularizaram ao vê-lo puxar o carro alegórico no festival Niwaka do ano anterior, o apelido *Sangorô* era sinônimo de alguém brincalhão, mas de boa índole, que ninguém detestava. Sua família carregava uma

⁶² Nome da área que engloba desde o portal Kaminari, em Asakusa, até a ponte Komagata, no bairro de Taitô.

⁶³ Jogo em parte similar ao *badminton*.

⁶⁴ No original, “検査場 (*kensaba*)”. Posto de inspeção sanitária que havia atrás do distrito de Yoshiwara.

⁶⁵ Região localizada dentro do bairro de Taitô e famosa pela miséria.

dívida de gratidão para com Tanakaya e, apesar dos juro diários que não eram baixos, não conseguiam ter ressentimento desse indispensável respaldo financeiro, que lhes era como uma luz no fim do túnel, uma tábua da salvação. Havia então um compromisso irrecusável quando chamado por Shōta para brincar com a sua turma. Contudo, ele havia nascido e crescido nos becos. O pedaço de terra onde morava era propriedade de Ryūgeji e os senhorios eram os pais de Chōkichi. Não podia dar as costas para a turma do Beco abertamente. Seria difícil realizar de forma discreta essa tarefa da turma da Avenida, enquanto os outros poderiam estar observando.

Sentado na papelaria, Shōta cantarolava entediado, em voz baixa, “O caminho oculto do amor”⁶⁶, e nisso a senhora da papelaria riu:

⁶⁶ No original, “忍ぶ戀路 (*shinobu koiji*)”. Canção curta de amor (端唄, *hautā*), popular ao fim do período Edo, que retrata as dores de um amor persistente e impossível. A letra (忍ぶ恋路はさてはかなさよ、今度逢うのが命がけ、よごす涙のおしろいも、その顔かくす無理な酒) poderia ser traduzida como: Ó, o tão fugaz caminho oculto do amor, faz do próximo encontro uma chance de morrer, a maquiagem branca suja de lágrimas, no rosto que nem o saquê faz esquecer.

— É, não dá para bobear.

As bases das orelhas de Shōta se avermelharam sem motivo aparente. Disfarçando a vergonha, ele chamou em voz alta:

— Vamos lá, todo mundo! — e, ao sair correndo da papelaria, trombou com sua avó.

— Shōta, por que você não veio jantar? Você esquece de tudo quando está brincando, não sabe que já estou te chamando faz tempo? Criançada, deixa ele brincar com vocês depois — disse a avó à senhora da papelaria, agradecendo-a com um cumprimento.

Tendo a sua avó vindo pessoalmente para levá-lo para casa, Shōta não teve como reclamar. Assim que saíram, o ambiente foi tomado pela quietude repentina, embora a quantidade de pessoas ali mal houvesse mudado.

— Quando ele não está até os adultos se sentem mais solitários. Não é como o San-chan, que faz palhaçadas e piadas, mas ele cai nas graças das pessoas com um charme raro que as crianças das famílias ricas não têm.

— Deu pra ver, não é, como a viúva de Tanakaya é antipática. Ela já tem sessenta e quatro anos. Tudo bem que ela não usa maquiagem branca na cara, mas aquele tamanho de penteado *marumage*⁶⁷, aquela voz estridente. Ela não está nem aí para a morte de ninguém. Ela vai morrer por dinheiro ou duplo suicídio, quase certeza!

— Ainda assim, nós não somos nem páreo para ela. O poder do dinheiro. No fim, é o que todo mundo quer. Ouvi dizer também que os bordéis maiores do distrito têm grande dívida para com ela — conversavam duas, três mulheres, em pé na Avenida, estimando a fortuna alheia.

⁶⁷ Penteado tradicional japonês, utilizado por mulheres casadas, com um coque oval no topo que indica mais jovialidade quanto maior for o seu tamanho.

CAPÍTULO 5

UM *KOTATSU*⁶⁸ PORTÁTIL NA CALADA da noite é cruel a quem espera⁶⁹, assim diz a canção de amor. O anoitecer de verão era refrescado pelo vento. Tendo dispersado o calor da tarde em um banho de *ofuro*⁷⁰, a filha estava diante do espelho que refletia seu corpo inteiro, enquanto sua própria mãe arrumava seus cabelos soltos. Mesmo sendo sua mãe, ela se sentava e se levantava repetidas vezes, apreciando a beleza da filha.

— Falta mais maquiagem na nuca — a mãe concluiu.

Ela vestia um quimono sem forro, com o frescor da seda azul clara tingida ao padrão *yûzen*⁷¹ e um *obi* de

⁶⁸ Mesa sobre um braseiro a carvão (atualmente, elétrico) em um espaço aberto no chão, forrada com uma colcha para reter o calor.

⁶⁹ Trecho da canção popular *Wagamono* (我がもの), baseada em um poema que fala do sentimento de espera pela visita de mulher em uma noite de neve. O gênero da canção, *utazawa* (うた沢), é de ritmo lento, com o *shamisen* acompanhado pela voz, popular ao fim do período Edo.

⁷⁰ Banheira tradicional japonesa, profunda o suficiente para cobrir os ombros de água ao sentar-se.

⁷¹ Pano de seda com padrões vividamente tingidos.

brocados de ouro. Passou um certo tempo até ficar pronta e calçar o geta deixado no jardim de pedra.

— Cadê ela, cadê? — procurava Sangorō, já na sétima volta em torno do muro do dormitório, após incontáveis bocejos. Tentava espantar os mosquitos que o picavam vorazmente na nuca e na testa. Já estava exausto quando Midori apareceu.

— Pronto! — ela disse. Sem falar nada, ele a pegou pelas mangas e partiu em disparada.

— Estou sem fôlego, meu peito está doendo! Não sei se consigo ir tão depressa assim, pode ir sozinho na frente! — gritou irritada. Por fim, chegaram separados na papelaria enquanto Shōta ainda estava ausente, jantando.

— Ai, isso não é legal! Não dá para começar com o projetor se ele não vier. Dona, aqui na loja vocês não vendem peças de tangram⁷² de papel cartão? Um jogo

⁷² No original, “智慧の板 (*chie no ita*, lit. ‘plaquetas de sabedoria’)”. Similar ao tangram, diferindo no formato de algumas peças.

de Musashi e os dezesseis⁷³, qualquer coisa serve. A gente não pode é ficar à toa! — disse Midori, desolada, ao que de imediato as meninas tomaram algumas tesouras emprestadas e começaram a recortar. Os meninos, com Sangorô ao centro, começaram os ensaios do festival Niwaka.

Vendo o próspero norte do distrito,
a luz dos postes nos beirais,
sempre lotadas, as cinco divisões.⁷⁴

Cantavam em uníssono, fazendo farra. Com boa memória, lembraram-se das palmas e dos gestos ensaiados nos anos anteriores sem nenhum erro. Dado o alvoroço de quase dez pessoas festejando, ouvia-se de dentro uma multidão à porta se perguntando o que seria aquilo.

⁷³ No original, “十六武藏 (*jūroku Musashi*)”. Jogo de tabuleiro onde um lado joga com um peão, Musashi, e o outro joga com 16 peões, os assassinos. O objetivo de cada lado é eliminar peões adversários.

⁷⁴ Versos do festival Niwaka em Yoshiwara. Yoshiwara possuía cinco divisões: Edomachi chōme 1 e 2 (江戸町一・二丁目), Kyōmachi chōme 1 e 2 (京町一・二丁目), e Sumimachi (角町).

— O Sangorō está aí? Vem aqui, rapidinho — disse Bunji, o artesão de cordões para cabelo. Sangorō foi despreocupado àquela voz familiar, cruzando para fora da linha da porta.

— Opa, cheguei.

— Seu traidor sem-vergonha, sujando o orgulho do Beco! Agora você vai ver, isso não vai ficar assim! Adivinha? Chōkichi aqui! Vai se arrepender por ser tão babaca! — disse já cruzando um soco no rosto de Sangorō.

— Ugh!

Atordoadado, Sangorō tentou fugir, mas foi pego por trás da gola e puxado de volta pelo bando do Beco.

— Esfolem esse Sangorō até ele morrer!

— Arrastem o Shōta para fora e acabem com ele!

— Não vai fugir não, fracote!

— Não deixem barato para o idiota da loja de *dango* também!

O alvoroço fervia como um turbilhão. As lanternas de papel nos beirais do telhado da papelaria eram

derrubadas com facilidade, e até as penduradas no teto viraram um perigo.

— Parem de brigar na frente da loja! — a senhora da papelaria gritou alto, mas não havia como não terem escutado. Devia haver umas quatorze, quinze pessoas, brandindo as varas de suas lanternas o mais forte que podiam, passando da delinquência à fúria descontrolada com pisões de pés enlameados, até verem que o verdadeiro rival, Shōta, não estava lá.

— Onde esconderam ele?

— Para onde ele fugiu?

Tendo cercado Sangorō, Chōkichi perguntava entre socos e chutes.

— Não vai falar, é? Não vai falar? Vai ter que falar!

Irritada, Midori empurrou para os lados aqueles que a tentavam impedir de chegar à frente.

— Olha aqui, vocês aí erraram feio com o San-chan! Se querem brigar com o Shōta-san, briguem com ele! Ele não fugiu e nem se escondeu, não estão vendo que ele não está aqui? Esse é o lugar que eu venho pra me divertir, não pra receber ordem de vocês. Mas como

você é péssimo, Chōkichi. Por que bater no San-chan e ainda por cima derrubar o menino? Se você está com rancor, vem bater em mim, seu alvo agora sou eu. Dona, não me impeça, por favor! — esbravejou, contraindo-se em angústia.

— Mas que vadia, fazendo conversinha fiada! Seguindo os passos da irmã para mendigar o dinheiro dos clientes! O inimigo certo para você é isso aqui!

Por trás das pessoas aglomeradas, Chōkichi pegou seu *zōri* imundo e o arremessou com uma pontaria perfeita, atingindo a testa de Midori com força. Em pé, com a expressão do rosto alterada e machucada, foi segurada pela senhora da loja.

— Isso é pra você aprender! A gente tem do nosso lado o Fujimoto de Ryūgeji. A nossa vingança não tem hora pra acontecer, sua idiotinha fracote e covarde. E você, quando voltar pra casa, fica esperto porque a gente vai estar à espreita no escuro dos Becos! — disse, jogando terra do chão em Sangorō.

Logo em seguida ouviram-se passos. Alguém havia relatado à polícia, que chegou só então.

— Hora de ir!

Ao ouvir a voz de Chōkichi, Ushimatsu, Bunji e as mais de dez outras pessoas mudaram o rumo, dispersando-se em passos rápidos, havendo quem se esgueirasse pelas vielas como atalho.

— Mas que droga! Que droga, que droga, que droga! Chōkichi, Bunji, Ushimatsu, seus desgraçados, por que não me mataram logo de uma vez? Não sou ninguém menos que Sangorō, não ia apenas morrer, ia virar um fantasma e assombrar vocês até a morte! Você vai ver, Chōkichi!

Sangorō praguejava enquanto lágrimas cheias vertiam dos olhos. E ainda, por fim, de repente começou a chorar em voz alta. Seu corpo inteiro parecia estar em dor, as mangas da sua roupa rasgadas em várias partes, suas costas cobertas com areia de cima a baixo. Nada menos que perplexa e sem nem mesmo conseguir interromper a briga, a senhora da papelaria, até então amedrontada e paralisada com horror daquela bestialidade, correu em sua direção e

o ajudou a se levantar, tirando a areia das costas dele com as mãos.

— Paciência, paciência. No fim eles estavam em muitos, e do nosso lado não tinha ninguém forte. Você sabe que mesmo um adulto brigando no seu lugar não ia dar conta deles. E ainda bem que você não teve nenhum machucado mais grave. No mais, agora as emboscadas no caminho são perigosas, que bom que o senhor guarda chegou a tempo, e, se ele puder te acompanhar até em casa, vamos ficar todos tranquilos. Então, foi assim... — a senhora da loja fez um breve relato do caso de até então ao guarda.

— Te acompanho agora mesmo, é o meu trabalho — disse o guarda, tomando a mão de Sangorō.

— Não, não, posso voltar sem ajuda. Volto sozinho mesmo — disse Sangorō, como que encolhendo.

— Não há do que ter medo. Vou só te acompanhar até a sua casa, não precisa se preocupar — disse o guarda com um sorriso, dando tapinhas na cabeça de Sangorō, que cada vez mais se encolhia.

— Meu pai vai ficar bravo comigo quando ele souber da briga, porque os pais do Chōkichi são os donos da nossa casa — disse Sangorō, ainda mais desanimado.

— Então eu te levo até o portão principal. Não vou fazer nada que possa te deixar encrencado!

Ver os dois partindo juntos foi um alívio para as pessoas ali presentes, mas, sem saber como ele o fez, Sangorō se soltou da mão do guarda quando estavam à esquina dos becos e fugiu correndo o mais rápido que podia.

CAPÍTULO 6

— QUE COISA RARA, será que não vai nevar em um dia de sol escaldante como esse? Você, sem vontade de ir à escola, Midori? Está de mau humor? Você não terminou o café da manhã, quer que eu peça algo na loja de sushi depois? Você está sem febre para ser gripe. Parece cansada da farra de ontem, deixa que a mãe faz a visita matinal ao santuário Tarō Inari⁷⁵ no seu lugar. Tá tudo bem — disse a mãe à Midori.

— Não, não. Eu que fiz a prece pelo sucesso da minha irmã, não vou ficar tranquila se eu mesma não for fazer a visita. Me dá dinheiro para a oferenda? Vou e já volto — disse Midori, saindo às pressas para fora de casa.

Fazendo soar o sino pendurado em frente ao santuário em Nakatanbo, ela juntou suas mãos e fez uma prece que ninguém além dela saberia qual é. Cabisbaixa desde que saiu de casa, voltava pelos

⁷⁵ Santuário localizado em Nakatanbo (中田圃), nome comum para a região ao redor de Yoshiwara.

caminhos entre os arrozais quando Shōta a viu. Ele a chamou de longe, correu na direção dela até alcançar a manga de seu quimono.

— Midori-san, me desculpe por ontem à noite! — disse Shōta de repente.

— Você não tem nada pelo que pedir desculpas.

— Ainda assim, é de mim que eles não gostam, o alvo da briga era eu. Eu não teria voltado para casa se não fosse pela minha avó que veio me chamar, e o Sangorō não teria apanhado daquele jeito tão absurdo. Essa manhã, quando fui até a casa dele para vê-lo, ele estava chorando inconformado. Só de ouvir o que aconteceu eu já fico abatido. E aquele traste do Chōkichi, jogou o *zōri* no seu rosto, não foi? Aquele idiota, a delinquência dele passou dos limites. Mas, Midori-san, por favor me desculpe! Não foi como se eu soubesse o que ia acontecer e tivesse fugido. Eu engoli a janta, e quando ia sair para a Avenida, minha avó me disse que ia ao banho público. A confusão toda deve ter acontecido enquanto eu estava tomando conta da casa. De verdade, eu não sabia de nada —

Shōta se desculpava profundamente como se fosse culpado por toda a situação.

— Não está doendo? — Shōta subiu os olhos à testa de Midori, que sorriu com leveza.

— Nada que vá deixar uma cicatriz. Mas apesar disso, Shō-san, não diga pra ninguém que o Chōkichi me acertou com o *zōri*, mesmo que perguntarem. Se por acaso minha mãe ouvir falar disso, eu vou levar uma bronca. Nem mesmo meus pais levantam a mão para mim. Ter a testa suja de lama do *zōri* de um cara como Chōkichi seria igual a ser pisoteada — lamentou-se, virando o rosto para o outro lado.

— De verdade, me desculpe. A culpa é toda minha. Por isso peço desculpas. Você não pode recuperar seu bom humor? Eu vou ficar mal se você se zangar comigo.

Sem perceber, eles haviam chegado aos fundos da casa de Shōta enquanto conversavam.

— Não quer entrar, Midori-san? Não tem ninguém em casa, minha avó deve ter saído para coletar os juro diários. Assim eu não me sinto solitário. Posso

te mostrar aquele *nishiki-e*⁷⁶ que comentei uma vez. Entre! Tenho várias outras coisas.

Shōta segurava, sem soltar, a manga de Midori, que consentiu em silêncio acenando com a cabeça. Entraram pela porta dobrável envelhecida que dava acesso ao jardim. O ambiente não era muito grande, mas os vasos das plantas estavam curiosamente alinhados e era possível ver pendurado no beiral do telhado o xaxim que Shōta parecia ter comprado durante o festival do dia do Cavalo. Quem não soubesse das circunstâncias talvez ficasse em dúvida, mas apesar de ser a família mais rica da região, só duas pessoas, a avó e o neto, faziam parte dela. A miríade de chaves da família era tanta que gelava a pele do abdome ao carregá-las, mas como eram todas de casas *nagaya*, era de se esperar que nenhum ladrão quebraria sequer um cadeado quando estavam ausentes.

⁷⁶ Termo geral para impressões policromadas em xilogravura de *ukiyo-e* (浮世絵), onde várias cores são impressas com precisão usando técnicas elaboradas para criar uma paleta de cores semelhante a um brocado.

Entrando na frente, Shōta procurou um lugar onde o vento soprasse mais.

— Não quer vir aqui? — perguntou, sacando uma ventarola. Era peculiar o quão precoce era para uma criança de treze anos. Pegando diversos *nishiki*-e herdados através das gerações, ficou feliz quando Midori os elogiou.

— Midori-san, vou te mostrar uma raquete antiga de *hanetsuki*. Minha mãe ganhou quando trabalhava como governanta em uma mansão! Ela é grande, não é engraçado? E os rostos das pessoas também eram diferentes dos de agora⁷⁷, não é? Ah, eu queria tanto que ela ainda estivesse viva, ela morreu quando eu tinha três anos. Tem meu pai, mas ele acabou voltando para a casa da família dele⁷⁸ no interior, e agora só tenho a minha avó. Sinto inveja de você, sabe? — disse, começando a trazer o assunto dos pais.

⁷⁷ As raquetes eram ilustradas com rostos pintados nelas.

⁷⁸ Provavelmente, o pai de Shōtarō se casou de novo e se juntou à família da esposa.

— Chorar não é coisa de homem, você vai molhar as gravuras — Midori lhe disse.

— Acho que eu sou um covarde, de vez em quando me pego lembrando de várias coisas, sabe? Por ora eu estou bem, mas no inverno, em noites de luar, depois de fazer uma ronda na região de Tamachi⁷⁹ para coletar o dinheiro das dívidas, em inúmeras vezes desatei a chorar ao chegar na barragem. Não por conta do frio. Eu não sei por qual motivo, só fico pensando nas coisas. É... eu comecei a fazer as rondas para coletar as dívidas diárias no ano retrasado. A minha avó já era idosa, e à noite é mais perigoso também. Ela já não enxerga direito, então fica difícil para ela fazer as coisas como carimbar os documentos. Já tentamos contratar diversos homens para o serviço, mas minha avó disse que eles acham que conseguem nos enrolar por sermos uma senhora e uma criança, e no fim acabam não trabalhando como ela quer. Ela espera ansiosa que eu fique mais velho e abra a loja de penhores, pendurando novamente a placa de

⁷⁹ Região a sudeste de Yoshiwara.

Tanakaya, mesmo que não seja como antigamente. Eu fico com pena porque as pessoas dizem que a minha avó é mesquinha, mas é por minha causa que ela é controlada assim com o dinheiro. Também devem falar mal da minha avó quando coletamos as dívidas nas casas, algumas delas em situação de dar dó, em Tōrishinmachi⁸⁰ ou qualquer outro lugar. Só de pensar nisso, as lágrimas já escorrem. É mesmo um fato que eu sou fracote. Nesta manhã, quando fui à casa do Sankō⁸¹ coletar os juros, apesar do corpo todo dolorido, o rapaz estava trabalhando para que o pai dele não descobrisse. Quando eu vi isso, fiquei sem palavras. Não é esquisito quando um homem chora? É por isso que aqueles selvagens do beco me acham um idiota.

Ao começar a falar assim, sua feição parecia expressar vergonha da sua própria fraqueza. Sem pensar em nada específico, seu olhar afável se encontrava com o de Midori.

⁸⁰ Região localizada entre Minowa e a ponte Senbashira.

⁸¹ Referência a Sangorō.

— Mas você estava muito estiloso no festival, eu fiquei com inveja. Se eu fosse homem, eu queria ser daquele jeito. Estava mais estiloso do que qualquer outro — Midori elogiava.

— Eu não sou nada de mais, quem é bonita é você! Mais bonita ainda do que a Ômaki-san⁸², o pessoal diz. Que orgulho seria se você fosse minha irmã mais velha! Em qualquer lugar que fosse, eu iria me gabar por estar na sua companhia. Irmãos mesmo eu não tenho nenhum, fazer o quê? Então, Midori-san, da próxima vez vamos tirar uma foto juntos? Eu vestido como estava no festival, você toda chique com as roupas de seda fina e estampada em listras largas. Podemos tirar a foto no estúdio Katō⁸³ de Suidōjiri⁸⁴, para deixar aquele lá de Ryūgeji com inveja! É sério! Ele vai ficar bravo com certeza, vai ficar azul de tão bravo! Se bem que ele é todo introvertido, não vai nem ficar vermelho. Ou talvez ele vá rir da gente,

⁸² Nome artístico da irmã mais velha de Midori utilizado em Yoshiwara.

⁸³ Estúdio de fotos que de fato existiu.

⁸⁴ Último ponto de parada na alameda Nakanochō (仲の町), a principal de Yoshiwara.

quem se importa? Se a gente tirar uma foto grande, seria legal se colocassem ela no mural, não é? Você não gostou da ideia? Porque está com cara de que não gostou — até mesmo seu aborrecimento era engraçado.

— É que você não vai gostar se eu sair com uma cara esquisita — soltou Midori junto com um doce riso alto, retomando o bom humor.

O frescor da manhã passou despercebido, dando lugar ao calor da luz do sol.

— Shōta-san, nos vemos à noite. Vem brincar no meu dormitório, podemos acender algumas lanternas e ficar perseguindo os peixes. Consertaram a ponte sobre o lago, não tem com o que se preocupar — disse já por cima do ombro.

Shōta olhava feliz a figura de Midori que se distanciava, pensando na sua beleza.

CAPÍTULO 7

SHINNYO, DE RYŪGEJI, E MIDORI, de Daikokuya, ambos frequentavam a escola Ikueisha. Ao final de abril daquele ano as flores de cerejeira caíam e começava a época de apreciação das glicínias às sombras das folhas jovens. Em Mizunoya no Hara⁸⁵, acontecia a grande competição esportiva de primavera, onde as pessoas se entretiam fazendo cabo de guerra, jogando bola, pulando corda, sem se darem conta do pôr do sol após o longo dia. Shinnyo, sem a compostura de sempre que lhe cabia, havia tropeçado na raiz de um pinheiro ao lado do lago, vergonhosamente sujando as mãos e as mangas da roupa com a terra vermelha do caminho. Midori, ao redor por acaso e sem conseguir ignorá-lo, pegou seu lenço de seda carmesim.

⁸⁵ Campina que havia entre Kanasugichō (金杉町) e Ryūsenjimachi (龍泉寺町), com um lago ao meio.

— Pode usar isso pra limpar — e ao expressar seus cuidados, alguns amigos que estavam com Midori ficaram com ciúmes.

— Apesar do Fujimoto ser metido à monge, é estranho como ele parece todo feliz quando vai agradecer uma mulher, não acham? Muita gente acha que a Midori-san vai virar esposa do Fujimoto. O nome do santuário vai ser Daikoku⁸⁶ se continuar assim — circulavam as fofocas desse tipo.

Por natureza, Shinnyo detestava ouvir sobre assuntos de outras pessoas, sempre propenso a fechar a cara e olhar para outro lado. Sendo ele o alvo, não havia motivos para ter que tolerar aquilo. Depois disso, ele ficava receoso toda vez que ouvia o nome “Midori”. Sentia uma indescritível relutância, uma ansiedade dentro do coração, pensando se iam comentar de novo sobre o ocorrido. Entretanto, não adiantaria se zangar toda vez que algo do tipo

⁸⁶ O termo significa i) Divindade da riqueza e ii) a esposa de um monge. Trocadilho provocativo que, além de abarcar os dois significados da palavra, relaciona o nome do bordel com o qual a família de Midori está envolvida.

acontecesse. Tanto quanto possível, ignorava esse tipo de ocasião, agindo como se de nada soubesse, fingindo indiferença com um semblante frio. Mas se sentia constrangido quando questionado cara a cara, sendo que um breve “não é da minha conta” bastaria para a maioria, e, desamparado, um suor frio escorria por seu corpo.

Midori, que no começo não sabia disso, o chamava com um tom de intimidade — Fujimoto-san, Fujimoto-san!

Certa vez, ela estava alguns passos à frente dele enquanto voltavam da escola. Tendo parado para ver uma flor diferente à beira da via, forçou um encontro com Shinnyo, que vinha atrás.

— Olha, tem uma flor tão bonita desabrochando, mas está em um galho alto demais para mim. Nobu-san, você deve conseguir alcançar já que é alto. Pegue para mim, por favor! — pediu, procurando o mais velho dentro daquele grupo de pessoas, que naturalmente seria Shinnyo.

Com o pedido, ele não conseguiu ignorá-la, porém cada vez mais relutante por não saber o que os demais ao redor pensariam, apenas pelas aparências, tomou um galho próximo qualquer e puxou uma flor sem muita escolha, chegando ao ponto de jogá-la rapidamente para Midori. Ela, surpreendida por aquela falta de cortesia, concluiu que ele estava sendo maldoso com ela de propósito pela frequência com que essas situações aconteciam.

— Ele não é indiferente assim com os outros, só comigo ele mostra essa atitude horrível. Quando pergunto alguma coisa ele mal responde, ele foge quando eu chego ao lado dele, ele fica bravo quando falo com ele, todo travado e recluso. Não faço ideia do que eu poderia fazer, nada o faz melhorar os ânimos. Não preciso falar com alguém mal-humorado e teimoso assim, que faz tudo do jeito que quiser e que fica bravo porque distorce as coisas. Muito menos ser amigo dele.

Nem um pouco pesarosa, Midori não falaria com ele a menos que precisasse. Caso passassem um pelo

outro, nem mesmo cogitaria um cumprimento. Simples assim, sem que percebessem, estendia-se entre os dois um grande rio onde barcos e jangadas eram proibidos, sem que tivessem outra escolha senão seguir cada um à sua margem.

Passado o dia do festival, Midori de repente parou de frequentar a escola. Sem que fosse necessário dizer, sentia uma profunda humilhação da qual, ao contrário da lama na testa, era difícil de se livrar.

— Turma da Avenida isso, turma do Beco aquilo. Se todos fossem enfileirados na mesma sala de aula, não teria por que fazer essa distinção dos colegas de escola. Com essa divisão estranha, eles ficam competindo por orgulho a todo momento. Sendo menina, acham que eu não sou páreo para eles e me tomam como ponto fraco. E a atitude deles na noite do festival? Que covardia! Qualquer um sabe que aquele estúpido do Chōkichi é o mais atroz de todos, mas seria impossível ser tão obstinado em arrebanhar a turma da Avenida se não tivesse tido o apoio do Shinnyo. Na frente das pessoas ele pode parecer culto,

dando uma falsa aparência de honesto, mas, nas sombras, quem dá as cartas é o Fujimoto. Mesmo que ele seja mais velho na escola e que seja bom nos estudos, mesmo que seja o jovem mestre de Ryūgeji, eu, Midori de Daikokuya, que nunca precisei de qualquer coisa que fosse dele, não tenho motivos para ser chamada de indigente. Não sei o quão notáveis são as famílias que frequentam e fazem doações para Ryūgeji, mas mesmo minha irmã já conta com três anos de patronagem do Kawa-sama, do banco, e do Yone-sama, de Kabutochō⁸⁷. O congressista Chii-sama chegou a dizer que pagaria o resgate⁸⁸ e que a tomaria como esposa, mas minha irmã recusou a proposta por não gostar de gente disposta assim. Entretanto, dizem que mesmo ele é uma pessoa de bastante renome na sociedade. Pode perguntar por aí se é mentira! O que dizem é que, se não fosse pela Ōmaki, Daikokuya seria um bordel ao relento. Por

⁸⁷ Região central onde a Bolsa de Valores de Tóquio foi estabelecida em 1878. Nome comumente usado para se referir à bolsa de valores.

⁸⁸ No original, “根曳 (nebiki)”. Dinheiro utilizado para a compra de uma prostituta, quitando o resto de suas dívidas no bordel onde trabalha.

isso que o mestre nem brinca em ser grosseiro com o papai, nem com a mamãe e nem comigo. Teve uma vez, não me lembro quando foi, eu estava fazendo bagunça com a raquete de *hanetsuki*, querendo brincar dentro de uma das salas de *tatami*⁸⁹, onde no *tokonoma*⁹⁰ tinha uma porcelana da divindade Daikoku a qual o mestre tinha muito apreço. Eu derrubei um dos vasos de arranjo de flores que ficava alinhado ali e ele se despedaçou inteirinho. O mestre, que estava na sala ao lado tomando saquê, só disse “Midori, você está muito moleca, hein!”, sem nenhuma bronca! Se fosse qualquer outra pessoa, ele ficaria muito mais bravo, ao ponto das outras criadas ficarem com ciúmes de mim, mesmo depois de muito tempo do ocorrido. No fim, é tudo graças à minha irmã. Apesar de eu ser só quem toma conta do nosso dormitório, minha irmã é a Ōmaki de Daikokuya. Não sou dessas que vai abaixar a cabeça para qualquer um como

⁸⁹ No original, “坐敷 (*zashiki*)”. Sala tradicional japonesa forrada com *tatami* no chão.

⁹⁰ Espaço dentro de uma sala, similar a um nicho, onde se dispõem objetos de decoração.

Chōkichi, muito menos ser humilhada pelo monge de Ryūgeji.

Assim dizendo, Midori perdeu o interesse em ir à escola. Em sua verdadeira essência egoísta, com a raiva de ter sido subestimada, quebrou seu lápis de cera⁹¹ e jogou fora as pedras de nanquim⁹². Passou a ignorar os livros escolares e o ábaco e foi brincar à toa com seus amigos.

⁹¹ No original, “石筆 (sekihitsu)”. Pedra de cera no formato de um lápis, utilizado para a escrita em placas de pedra.

⁹² Pedras utilizadas no preparo de tintas nanquim.

CAPÍTULO 8

EM CONTRASTE COM AS NOITES agitadas, ao amanhecer resta a solidão dos riquixás onde embarcam os sonhos da noite anterior. Há quem seja avesso ao olhar alheio, cobrindo a linha dos olhos com um chapéu. Há quem envolva o rosto com uma toalhinha qualquer, esboçando um sorriso sinistro e feliz quanto mais lembrava do sofrimento penetrante do tapinha que recebeu de uma delas ao partir. Há de se ter cuidado ao passar pela avenida Sakamoto⁹³, pois as carroças de verdura que voltam de Senju podem ser perigosas para quem está a pé. Na avenida até a esquina do santuário Mishima ficam os maníacos que frequentam o distrito. Embora deselegante, há também quem viva de nariz empinado aqui e acolá, com o semblante todo relaxado, dizendo rudezas nos cruzamentos. Pode-se pensar ser um rapaz

⁹³ Avenida a oeste de Ryūsenjimachi.

importante, mas a verdade é que ele não tem quase nada de valor.

Desnecessário seria citar a Canção do Eterno Lamento⁹⁴, onde a senhorita da casa Yang prestou-se à afeição de seu soberano. Em qualquer lugar, uma filha é tida como preciosa quando chega à idade de ser desposada, mas na região há muitos exemplos de princesa Kaguya⁹⁵ nascidas em um casebre qualquer. Por exemplo, uma linda moça chamada Yuki, agora alocada em uma agência qualquer de Tsukiji⁹⁶, excelente dançarina e acompanhante apenas de nobres patrões, diz algo extremamente inocente em um recente jantar de trabalho, com os clientes em uma sala de *tatami*: “De qual árvore vem o arroz?”. Antes era, entretanto, dessas que nem o *obi*

⁹⁴ No original, “長恨歌 (*Chōgonka*)”. Poema escrito em 809 por Bai Juyi, baseado na história entre o imperador Xuanzong e a sua concubina preferida, Yang Guifei.

⁹⁵ Personagem principal d'*As narrativas do cortador de bambu* (竹取物語, *Taketori monogatari*). Exemplo de princesa que recebe propostas de casamento de membros da mais alta classe da sociedade.

⁹⁶ Região hoje ao sudeste de Ginza, Tóquio. Terreno aterrado sobre o mar próximo ao delta do Rio Sumida.

amarrava⁹⁷ e que confeccionava cartas de *hanafuda*⁹⁸ como trabalho temporário. Sua reputação estava em alta recentemente, mas o passar dos dias traz a indiferença para com aqueles que partem. Tendo ela própria caído no esquecimento, a segunda flor é a filha mais nova da casa dos tintureiros, que por hora é sugerida na lanterna da entrada de uma nova agência em Senzoku⁹⁹. Chama-se Kokichi, uma das mulheres de rara beleza do parque de Asakusa, igualmente nascida por estes lados. Seja dia, seja noite, o rumor é que o sucesso na vida se limita apenas às mulheres, e os homens aparentam ser inúteis como cachorros de manchas pretas no rabo que vasculham lixões.

No auge da impetuosidade aos dezessete, dezoito anos, os chamados rapazotes, filhos dos cidadãos desta vizinhança, agrupam-se em bandos de cinco, sete, nenhum deles um dândi ao ponto de ter à

⁹⁷ Hábito de mulheres que não receberam uma boa educação conforme as normas sociais da época.

⁹⁸ Baralho organizado em quatro cartas para cada um dos 12 naipes, que ilustram uma planta temática de cada mês do ano, totalizando 48 cartas.

⁹⁹ Atual região de Asakusa no bairro de Taitô, antes uma área de prostituição.

cintura uma flauta *shakuhachi*¹⁰⁰. Mas, por algum motivo, se envolvem em uma intrincada relação entre quem manda e quem obedece, com as toalhas de mão e lanternas de vara longa combinando, onde ninguém ousa contar uma piada diante das treliças dos bordéis pelas quais olhavam como clientes sem a intenção de comprar nada enquanto não souberem rolar um dado. Enquanto se ocupam apenas pela tarde, trabalhando duro nos negócios familiares, tomam um banho assim que o sol se põe, calçam o *geta* e vestem um quimono ao estilo sete-cinco-três¹⁰¹.

— Vocês viram a novinha que começou naquela loja lá? Parece a moça da loja de linhas de Kanasugi¹⁰², com o nariz um pouco menor.

¹⁰⁰ Flauta tradicional japonesa feita de bambu. Referência ao personagem fictício, o dândi Hanakawado Sukeroku (花川戸助六) do teatro kabuki.

¹⁰¹ Quimono feito sob medida, com larguras traseira de 7 *sun* (寸, aprox. 3 cm.), frontal de 5 *sun* e reforço de 3 *sun*. Além disso, os números 7, 5 e 3 são considerados “positivos” (陽, *yō*, ou *yang*, em chinês), sendo referência na celebração do crescimento das crianças, realizada no dia 15 de novembro, quando os meninos têm três e cinco anos de idade e as meninas de três e sete anos. Na ocasião, as crianças vestem quimonos especiais e visitam templos. No contexto da obra, o vestuário favorito dos libertinos.

¹⁰² Região vizinha a Ryūsenjimachi.

Ocupando suas mentes com essas questões, apanham sem pudor o tabaco pelas treliças de cada bordel, importunam pedindo lenços de papel, batem uns nos outros de maneira despretensiosa, fazendo disso um orgulho de vida. Há herdeiro de família honesta que mudou de nome e se tornou rufião, saindo para comprar briga ao lado do portão principal.

Por dizer, nas cinco divisões, onde primavera e outono são indistinguíveis, a multidão exalta o vigor das mulheres. Embora as lanternas-guia¹⁰³ já estejam fora de moda, junto ao som dos *setta* das mulheres *mawashi*¹⁰⁴ das casas de chá, ressoam as músicas e as danças. Caso pergunte aos festeiros por qual motivo entravam na aglomeração, respondem que para ver os longos gibões de colarinho vermelho¹⁰⁵ sob as jaquetas *uchikake*¹⁰⁶ de mangas longas, os lábios sorridentes e as expressões nos rostos, e que é difícil

¹⁰³ Lanterna carregada pelas mulheres que acompanham os clientes de uma casa de chá a um bordel.

¹⁰⁴ Mulheres que acompanham os clientes de uma casa de chá a um bordel.

¹⁰⁵ No original, “赤ゑり 赭熊 (*akaeri shiguma*)”. Peça de vestuário utilizada sob o quimono, feita de tecido leve.

¹⁰⁶ Jaqueta usada sobre um quimono, traje formal para prostitutas.

dizer de onde vem a beleza, mas que aqui as *oiran*¹⁰⁷ são dignas de reverência, enquanto não sabem o que seria delas lá fora.

Tendo passado dias e noites em meio a tudo isso, não era de se admirar que Midori tivesse suas roupas brancas tingidas de carmesim. Ao seu ver, aqueles chamados de homens não eram nem um pouco medonhos ou assustadores, e não pensava que aquelas chamadas de prostitutas faziam um trabalho vulgar. Com isso, a lembrança de quando se despediu chorando da sua irmã mais velha, que partia da terra natal, lhe parecia uma ilusão. Tinha inveja do quão prestativa sua irmã era para com os pais por conta do seu sucesso atual, mas, por desconhecer os incontáveis sofrimentos dela, que persistia firme no ofício, Midori ouvia e observava com interesse o som chamativo aos clientes, o feitiço das treliças¹⁰⁸ e até a magia do tapinha nas costas no momento da

¹⁰⁷ Prostitutas de mais alto prestígio.

¹⁰⁸ No original, “格子の呪文 (*kōshi no jumon*)”. Som de batidas na treliça do bordel para chamar um cliente.

separação. Era lastimável como ela falava por aí as palavras usadas no distrito sem nem mesmo sentir vergonha. Com quase catorze anos contados, ela não era diferente de uma donzela de família nobre pelo jeito como abraçava as bonecas ou como esfregava as suas bochechas. Apesar de ter tido alguma instrução sobre moral, bons costumes e economia familiar, isso se limitava à escola, e o que chegava aos seus ouvidos a todo tempo era, na verdade, fofocas daquilo que os clientes gostavam ou não, das roupas de trabalho das mulheres¹⁰⁹, das roupas de cama que os clientes davam de presente¹¹⁰, dos presentes recebidos pelas casas de chá. O que fosse vistoso era maravilhoso, o que não fosse era deplorável. Ainda era cedo para discernir o que era assunto alheio do que era privado. Para seu imaturo coração, apenas flores brilhavam diante de seus olhos. Sua natural disposição

¹⁰⁹ No original, “仕着せ (*shikise*)”. Roupas fornecidas aos empregados de acordo com a temporada.

¹¹⁰ No original, “積み夜具 (*tsumiyagu*)”. Havia o costume das prostitutas exibirem as roupas de cama enviadas por seus clientes, empilhando-as na fachada de seus bordéis durante festivais e outras ocasiões.

competitiva corria solta, sem arbítrio, tomando a forma de uma nuvem.

A avenida dos maníacos, a rua dos sonolentos. Estas compõem a rota dos cavalheiros que voltam para casa após o amanhecer. Nesta vizinhança de despertar tardio, as vassouras que varrem a frente das portas desenham um padrão de ondas do mar. Ao seguir o percurso da Avenida, finalizada com agradáveis salpicadas de água¹¹¹, passa-se pelas redondezas de Mannenchō, Yamabushichō, Shintanimachi¹¹², onde se aninham pessoas, cada um com seu talento e estilo, conhecidas como artistas de rua. Doceiros ¹¹³, equilibristas, titereiros acrobatas¹¹⁴, jovens fantasiados

¹¹¹ Água espalhada pelo chão para manter a poeira baixa e resfriar o pavimento.

¹¹² Todas as três localidades estavam no bairro de Asakusa, na época.

¹¹³ Doceiros que, com um suporte de doces na cabeça, cantam enquanto tocam tambor.

¹¹⁴ No original, “人形つかひ大神樂 (ningyō tsukai daikagura)”. Daikagura é um tipo de performance tradicional xintoísta, que inclui dança, música e malabarismo. Neste caso, além da performance, o artista de rua titereava um par de marionetes do teatro jōruri (浄瑠璃).

com cabeça de leão fazendo a dança de Sumiyoshi¹¹⁵, cada um vestido ao próprio gosto, de crepes finos de seda a roupas de algodão lavado e estampadas no padrão azul escuro Satsuma sob estreitos *obi* de cetim preto. Mulheres decentes, homens, grupos de cinco, sete, outros grandes de dez pessoas, velhinhos franzinos e solitários carregando nos braços um *shamisen* surrado, vê-se até meninas de seis, cinco anos, com faixas vermelhas amarradas para subir as cavas dos quimonos, obrigadas a dançar “Aquele é Kinokuni”¹¹⁶.

Estes artistas de rua são entretenimento para os frequentadores que vivem dentro do distrito e distração para as angústias das prostitutas. Eles sabem que conseguirão renda para a vida inteira se entrarem no distrito com essa clientela fiel. Desprezando os pequenos ganhos do lado de fora, nem mesmo um mendigo com as calças do quimono esfarrapadas

¹¹⁵ Dança de várias pessoas em torno de um guarda-chuva. Originalmente de um ritual xintoísta no santuário Sumiyoshi, de Osaka.

¹¹⁶ Parte da letra da canção popular *Kappore*.

como algas marinhas se presta ficar parado em uma esquina qualquer.

Ao ver passar uma bela artista de rua *tayū*¹¹⁷, mostrando seu refinado rosto que estava coberto por um chapéu cônico, orgulhosa de sua voz e de suas habilidades, a senhora da papelaria comentou estalando a língua:

— Olha só, é uma pena que não se costuma escutar uma voz assim por estes lados.

Midori, que após o banho observava o vaivém sentada em frente à loja, ajeitou agilmente suas franjas soltas com um pente¹¹⁸ de buxo-arbóreo japonês, e disse:

— Dona, vou chamar aquela moça *tayū* — ao que saiu correndo como o vento. Agarrando sorridente uma das mangas da moça, colocou algo dentro sem

¹¹⁷ Musicista de rua que usava um chapéu trançado e carregava um *shamisen*.

¹¹⁸ No original, “鬘櫛 (*bingushi*)”. Pente usado nos cabelos das costeletas, de dentes longos e grossos.

dizer a ninguém o que era e a fez recitar sem hesitar o seu adorado trecho, “o corvo do amanhecer”¹¹⁹.

— Obrigada, até a próxima! — agradeceu a artista *tayû* com sua voz charmosa, um feito que nem todos conseguiam assim tão fácil.

— Foi a criança ali que fez ela cantar? — questionavam perplexas as pessoas aglomeradas ali, mais admiradas com Midori do que com a artista *tayû*.

— Gosto de parar os artistas de rua que passam por aqui para ouvir o som dos *shamisen*, das flautas, dos tambores, para ver eles cantarem e dançarem, para ver algo que ninguém ainda fez antes — Midori sussurrava para Shôta de tempos em tempos, fazendo-o ficar surpreso e desgostoso.

— Eu não gosto não...

¹¹⁹ No original, “明烏 (Akegarasu)”. Trecho de 明烏夢泡雪 (Akegarasuyumeno awayuki), uma recitação do teatro *jôruri*.

CAPÍTULO 9

— ASSIM EU VOS OUÇO.

A entoação dos ensinamentos de Buda no sutra Sukhavati¹²⁰ harmonizava com o vento nos pinheiros e deveria varrer as impurezas do espírito. Da cozinha do templo pairava uma fumaça de fritura do peixe fresco, e no cemitério secavam as fraldas dos bebês, coisas que não seriam um problema dependendo da seita¹²¹, porém, aos olhos de quem reconhece um impostor vestido de monge¹²², seria evidente concluir que aquilo tudo era meio suspeito.

O sacerdote mestre de Ryūgeji tem tanta riqueza quanto tinha barriga, ambas de fato magníficas, mas fica a dúvida de qual é o elogio apropriado neste caso peculiar. Com o rosto barbeado e a cabeça raspada

¹²⁰ No original, “佛說阿彌陀經 (bussetsu amidakyō)”. Um dos três grandes sutras da seita budista da Terra Pura (淨土宗, *jōdo shū*).

¹²¹ Uma das seitas que permitia o casamento era a Verdadeira Escola da Terra Pura (淨土真宗, *jōdo shinshū*), vertente do budismo da Terra Pura. Legalmente, outras seitas também passaram a permitir desde 1872.

¹²² Referência a *O livro do travesseiro* (枕草子, *Makura no sōshi*).

até a nuca, não há em sua pele bronzeada nem um ponto rosado de cor de cerejeira ou vermelho de flor pêssogo, muito menos uma mancha escura. Quando se presta a rir alto e sem pudor, levantando as grossas sobrancelhas que agregam fios brancos, há o risco de assustar a estátua de Tathagata¹²³ no salão principal do templo e fazê-la rolar e cair do pedestal.

A sua esposa mal passava dos quarenta. Tinha a pele clara e cabelos finos, presos em um pequeno coque ao penteado *marumage* de personalidade decente, e era amigável com os visitantes. Até a senhora fofoqueira da floricultura em frente ao portão não falava mal dela pelas costas, talvez por estar em débito por conta dos *yukata* usados e dos excedentes das refeições recebidas. Ela, originalmente, era de uma família que contribuía com as finanças do templo, mas tendo logo perdido o marido e sem um lugar para morar, pediu no local pelo mínimo de comida em troca de serviços de costura. Começou lavando roupa e, claro, cozinhando, trabalhou até como ajudante dos

¹²³ Principal Buda da seita Terra Pura.

empregados para limpar os túmulos, quando o sacerdote mestre, fazendo as contas, ficou com pena dela. Enquanto mulheres mesmo costumam achar impróprio uma diferença de vinte anos entre um casal, ela por fim deixou de ter vergonha do julgamento alheio e decidiu que aquele era um bom lugar para se ter como residência até o fim da vida. Apesar de escandaloso, os membros das famílias contribuintes do templo não chegaram ao ponto de censurá-la por conta de sua boa índole. Quando ficou grávida de sua filha mais velha, Hana, entretanto, foi estranho ter um desses membros, um comerciante aposentado com fama de prestativo que vendia óleo na avenida Sakamoto, atuando como intermediário casamenteiro em prol de sua boa imagem pública como esposa do sacerdote mestre.

Do par de irmãos que vieram ao mundo por esse mesmo ventre, Shinnyo era o típico excêntrico que passava o dia inteiro no quarto, taciturno de nascença,

enquanto sua irmã Ohana¹²⁴ era uma moça de pele suave, com um queixo duplo adorável. Não era de fato uma linda mulher, mas, à época da sua maioridade, era vista com bons olhos pelos outros, e havia quem se lamentava que ela fosse deixada na inocência¹²⁵. Ainda não se conhecia nenhum outro mundo onde uma jovem de templo levantasse a barra do quimono com sua mão esquerda¹²⁶ e onde Buda tocassem *shamisen*¹²⁷. Com receio do julgamento alheio, foi providenciada uma bela loja de ervas de chá em uma rua de Tamachi, onde colocaram essa moça por trás das treliças do balcão vendendo seu charme. Todas as noites, sem nenhum motivo aparente, jovens que nem contas sabiam fazer, e que pouco se importavam com as

¹²⁴ Por vezes, adiciona-se o prefixo -o (お) aos nomes de mulheres como forma de embelezamento.

¹²⁵ A passagem sugere que para estas pessoas, era uma pena ela não ser iniciada no mundo dos prazeres do distrito, para futuramente vir a trabalhar lá.

¹²⁶ As prostitutas caminhavam levantando a saia do quimono com a mão esquerda.

¹²⁷ A imagem de Buda tocando *shamisen*, juntamente com a imagem da nota de rodapé anterior, ilustra a desordem do mundo após o fim da lei budista.

medidas e pesos das folhas de chá, formavam na loja uma multidão interminável de clientes até o soar da meia-noite.

Ocupado era o sacerdote mestre. Coletava empréstimos, inspecionava sua loja, fazia serviços memoriais aqui e ali, designava certos dias do mês para os sermões, revirava as páginas do livro contábil, lia sutras. Sendo difícil seu corpo aguentar desse jeito, estirava sua esteira de padrões florais na varanda, servindo-se de *awamori*¹²⁸ em um copo grande, cheio até a borda, enquanto balançava uma ventarola nos ombros despidos e dava ordens para que buscassem em Musashiya¹²⁹, na Avenida, uma porção generosa de enguia grelhada ao molho de soja, seu aperitivo favorito para acompanhar a bebida. O encarregado de receber as ordens era Shinnyo, que sentia pela tarefa um desgosto de lhe penetrar os ossos, andando pela rua sem nem mesmo tirar os olhos do chão. Caso

¹²⁸ Trata-se de uma bebida destilada à base de arroz ou batata-doce produzido em Okinawa.

¹²⁹ Estabelecimento real de enguias.

escutasse a voz das crianças na papelaria, na diagonal oposta ao restaurante, pensava envergonhado em que tipo de coisas ruins elas estariam falando sobre ele. Passava reto pelo portão do restaurante de enguias e esperava o momento em que não fosse chamar atenção das pessoas ao redor para voltar e entrar correndo, com um sentimento resoluto de que, se dependesse dele, não comeria nunca aquela coisa fedorenta.

Seu pai, o sacerdote mestre, era uma pessoa que conhecia muito bem os caminhos do mundo. Apesar de ser um pouco conhecido por sua ganância, não era retraído ao ponto de se deixar levar por rumores alheios. Dada sua natureza, tentava fazer trabalhos temporários confeccionando amuletos *kumade* se tivesse um tempo livre, obviamente com a ideia de, nos dias do Galo do décimo primeiro mês, abrir uma venda de pequenos adornos de cabelo¹³⁰ no lote vazio em frente ao seu portão, fazendo sua esposa amarrar

¹³⁰ No original, “簪 (*kanzashi*)”. Adorno em forma de palito, espetado no cabelo. No trecho, são pequenos adornos de boa sorte.

uma toalhinha de mão na cabeça e sugerir aos clientes que comprassem algum item de boa sorte. A princípio ela havia ficado envergonhada com a ideia, mas ao ouvir sobre o enorme lucro que as pessoas comuns das casas geminadas conseguiam com esses artesanatos, e considerando que não chamaria a atenção no meio da multidão, muito menos depois do entardecer, fazia a mulher da floricultura ajudar à tarde e ela mesma ficaria ali atraindo clientes à noite. Antes que percebesse, sua vergonha havia dado lugar à avareza, passando inconscientemente a anunciar brindes e descontos em voz alta no encalço dos clientes. Ao preço de setenta e cinco *sen*¹³¹ por três adornos de cabelo, os compradores, esbarrando desorientados uns nos outros na horda de pessoas sem notar que estavam diante do portão do templo onde anteontem tinham vindo rezar pela prosperidade na próxima vida, barganhavam cinco adornos por setenta e três *sen*. De certo, deve haver

¹³¹ Um centésimo de iene. Na era Meiji, comia-se um *lamen* por menos de três *sen*.

neste mundo outras formas obscuras como um breu¹³² de se fazer dinheiro.

Shinnyo se sentia pesaroso com atitudes assim, por mais que isso não chegasse aos ouvidos das famílias contribuintes. Ficava envergonhado que a opinião dos vizinhos ou que as fofocas dos colegas de idade fossem sobre a cara de louca da sua mãe vendendo os adornos de cabelo em Ryûgeji.

— Seria melhor se vocês parassem com essas coisas — houve momentos em que tentava impedi-los, mas o sacerdote mestre explodia em risos.

— Fica quieto, fica quieto! É coisa que gente como você aí não entende! — ignorando-o por completo. Invocava Buda de manhã, fazia contas à noite¹³³. Sua expressão de sorridente deleite ao ter nas mãos o

¹³² No original, “ぬば玉 (*nubatama*)”. Trata-se de um *Makura kotoba* (枕詞, lit. “palavra travesseiro”) ligada à escuridão. *Makura kotoba* é uma palavra decorativa usada na literatura clássica japonesa. A ideia é de que o novo preço bargainado ainda é abusivo.

¹³³ No original, “朝念佛に夕勘定 (*asa nenbutsu ni yû kanjou*)”. Paródia da expressão “朝念仏に夕題目 (*asa nenbutsu ni yû daimoku*)”, que indica rotina religiosa contínua, algo como “pela manhã, invocar Buda, pela noite, recitar mantras”. A comicidade está no fato de o sacerdote mestre de Ryûgeji trocar um afazer religioso por outro que enfatiza sua ganância.

ábaco era vergonhosa mesmo sendo seu pai, e odiosa ao ponto de se perguntar por qual motivo havia raspado a cabeça.

O motivo de Shinnyo ter se tornado uma pessoa taciturna não se deu particularmente por ter sido criado em par com sua irmã de mesmo ventre desde o princípio em meio a uma família pacata que não se misturava com os outros. Além da sua natureza quieta, ele perdia o interesse pelas coisas por não darem ouvidos a ele. Os atos de seu pai, o comportamento de sua mãe, a forma como sua irmã foi criada, pensava que tudo havia sido de forma errada, mas se sentia lamentavelmente triste por ter se cansado de falar o que ninguém ouvia. Apesar de seus colegas o considerarem um rude tacanho, a verdade é que seu coração era, no fundo, deprimido. Ele era o tipo de pessoa que não teria a coragem de se impor e discutir, mesmo se ouvisse pelas costas alguém lhe xingando um pinga que fosse, e apenas se trancaria em seu quarto, extremamente aflito para encará-la de volta. Mesmo com um bom desempenho na escola e uma

posição social de respeito, não havia ninguém que soubesse das suas fraquezas.

— O Fujimoto de Ryūgeji tem a rigidez de um *mochi*¹³⁴ mal grelhado. É um cara que incomoda — dizia também quem o detestava.

¹³⁴ Bolinho moldado de arroz glutinoso moído em pasta.

CAPÍTULO 10

NA NOITE DO FESTIVAL, Shinnyo foi enviado para ajudar sua irmã em Tamachi, e, como não tinha voltado para casa até tarde da noite, nem imaginava a confusão que havia ocorrido na papelaria. No dia seguinte, soube disso e daquilo pelas bocas de Ushimatsu, Bunji e dos outros. Apesar de ficar assustado com a violência de Chōkichi, já era tarde demais para apontar dedos. Ficou incomodado ao extremo só pelo fato de ter seu nome usado, e, embora não tenha sido seu feito, sentia que deveria carregar sozinho a culpa pelo que aquelas pessoas sofreram. Também um pouco envergonhado pelo estrago que fizera, Chōkichi ficou sem dar as caras por três ou quatro dias, até o clima esfriar um pouco, para não ouvir uma reprimenda caso se encontrasse com Shinnyo.

— Nobu-san, você deve estar bravo, mas, por favor, tenha paciência comigo, pois foi o calor do momento. Viu, não tinha como ninguém saber que o Shōta não

estava. Eu não queria fazer daquela vadia o meu alvo e nem bater no Sangorô, mas não pude simplesmente voltar para casa depois de entrar brandindo a lanterna. Eu só queria levantar a nossa moral, mas acabei fazendo besteira. Foi tudo culpa minha, foi ruim da minha parte não ouvir suas ordens, mas vamos pôr tudo a perder se você ficar bravo comigo agora. Com você como escudo nas minhas costas é como estar a salvo em um grande barco, e estaria em apuros se você me abandonasse. Mesmo que não seja muito do seu gosto, continue como chefe do nosso grupo. Prometo que não vou cometer mais erros — e pediu desculpas, parecendo estar arrependido, ao que Shinnyo não conseguiu recusar com todas as letras.

— Existem limites para o que se pode fazer, não há outro jeito. Arranjar encrenca com os mais fracos vai ser uma vergonha para o nosso lado, não faz sentido lidar com Sangorô, Midori e os outros. Se Shôta tiver o apoio de seus seguidores, o que fazer? Mas de forma alguma coloque as mãos neles — Shinnyo disse com firmeza. Não chegou a repreender Chôkichi, mas não

conseguia deixar de orar para evitar uma próxima briga.

Quem não tinha culpa era Sangorō do Beco. Esmurrado e chutado à vontade, nos últimos dois, três dias, seu corpo doía, estivesse levantado ou sentado.

— O que aconteceu com o Sankō? Ele tem parecido muito fraco — chegou inclusive ao ponto de um conhecido fornecedor perguntar ao seu pai, que toda noite arrastava o riquixá vazio até as casas de chá na via das Cinquenta Lojas. Mas seu pai, conhecido como “Tetsu, o submisso”, nunca tendo levantado sua cabeça diante de pessoas superiores, incluindo obviamente os donos dos bordéis, era disposto a consentir com os excessos dos senhores e donos de terra como algo razoável. Mesmo com seu filho acusando Chōkichi de criar confusão e tendo levado a pior na briga por motivo qualquer, ele praguejava, repreendendo duramente o próprio filho e tomando o lado do outro:

— Isso aí não tem jeito! Ele é o filho do senhorio, não é? A gente pode ter a razão do nosso lado e a culpa pode ser deles, mas você não tem que arranjar briga com ele! Vai se desculpar, vai! Que absurdo de moleque!

Como era certo que seria obrigado a se desculpar, Sangorô engoliu sua frustração, esquecendo-a ao mesmo tempo em que suas feridas se curaram, com o passar de uma semana ou pouco mais. Ficava feliz quando cuidava do irmão bebê de Chōkichi, ganhando a pequena quantia de dois *sen* pela tarefa. “Hora de dormir, tchau tchau”, ninava andando com a criança nas costas. Quando lhe perguntavam sua idade, mesmo com os 16 anos que seria o auge da petulância, não tinha vergonha do tamanho de seu corpo e passeava pela Avenida sem malícia alguma, tornando-se sempre alvo das chacotas de Midori e Shōta.

— Onde você deixou seu caráter? — embora tirassem sarro dele, os amigos com quem brincava não o deixavam de lado.

Na primavera, a florescência das cerejeiras. No verão, as lanternas ornamentadas com o rosto da póstuma Tamagiku¹³⁵. No outono, durante o renovado festival Niwaka,¹³⁶ em um intervalo de dez minutos pode-se contar, só olhando, setenta e cinco riquixás em movimento. Mas passada a última quinzena, em um piscar de olhos, as libélulas vermelhas preenchem desordenadas os arrozais e a época dos cantos das codornas no fosso oeste ao distrito se aproxima. Com o vento outonal penetrando na pele do amanhecer ao anoitecer, os incensos repelentes dão lugar aos aquecedores de bolso¹³⁷ na loja de variedades Jōsei¹³⁸. O som do pilão

¹³⁵ Prostituta de Yoshiwara, jovem e famosa, falecida em 1726. As lanternas foram originalmente penduradas em sua memória.

¹³⁶ Os três principais eventos do distrito de Yoshiwara: a apreciação das flores (花見, *hanami*) da alameda Nakanochō na primavera, as lanternas no verão, e o festival Niwaka no outono.

¹³⁷ No original, “懷爐灰 (*kairobai*)”. Combustível sólido, geralmente feito de cinzas de kiri-japonês, casca de cânhamo ou palha, utilizado para acender fogueiras ou colocado em pequenos sacos para servir de aquecedor de bolso.

¹³⁸ Abreviação de “荒物屋上州屋清太郎, Aramonoya Jōshūya Seitarō”. Loja de variedades que de fato existiu.

de farinha da loja de biscoitos Tamura se faz solitário perto da ponte de pedra¹³⁹, e, por qualquer motivo que seja, o eco do relógio de Kadoebi¹⁴⁰ passa a ressoar melancolia. A luz do fogo de Nippori¹⁴¹, incessante entre as quatro estações, traz a triste dúvida de se a sua fumaça é sempre de pessoas sendo cremadas. Do estreito caminho na parte baixa da barragem que segue por trás das casas de chá, pode-se escutar o som dos *shamisen* vertendo do alto.

— No refúgio confortável do seu amor...¹⁴² — cantam e tocam com maestria as gueixas da alameda Nakanochô, fazendo de um verso simplório até mesmo algo profundo.

Segundo as mulheres que já cumpriram seus contratos¹⁴³, é a partir desta estação que os fiéis

¹³⁹ Pequena ponte de pedra que havia em Ryūsenjimachi.

¹⁴⁰ Um dos três grandes bordéis de Yoshiwara. De fato existiu e possuía uma torre com relógio.

¹⁴¹ Atualmente, parte da região Arakawaku (荒川区) em Tóquio, onde antigamente havia um crematório.

¹⁴² No original, “君が情の假寐の床に (*kimi ga nasake no karine no toko ni*)”. Primeiras palavras da canção popular *utazawa* “Ka ni mayou” (香に迷う, algo como “Perder-se em fragrâncias”).

¹⁴³ Mulheres que já terminaram o tempo de trabalho dentro do distrito.

cavalheiros, apreciadores sensíveis e honestos, ao contrário dos libertinos que ficam à mercê de farra qualquer, passam a frequentar a região.

Mas seria tedioso prolongar assuntos como esse. Os tipos de novidade que circulam em Daionjimaie são outros. O suicídio por afogamento de uma jovem massagista cega no lago de Mizunoya, pouco após completar vinte anos, ressentida com a limitação de seu corpo que a impossibilitava de qualquer paixão. Ou o sumiço do carpinteiro Takichi, de quem nem a sombra se via. Quando perguntavam sobre o que lhe teria ocorrido ao verdureiro Kichigorô:

— Ele foi preso por conta disso — respondia com o dedo apontado bem no meio da própria cara¹⁴⁴, sem ênfase em quaisquer detalhes, e ninguém mais comentava sobre o assunto.

Ao olhar no entorno da Avenida, três, cinco crianças cândidas cantam em roda de mãos dadas:

— Floresceu, floresceu, qual foi a flor que floresceu... — à brincadeira inocente e naturalmente

¹⁴⁴ O gesto indica o envolvimento com apostas no jogo de cartas *hanafuda*.

tranquila, pode-se escutar o vigoroso barulho de sempre dos riquixás que vão e voltam do distrito.

Era uma noite solitária. Quando se achava que a chuva de outono iria cair gentilmente, um barulho repentino fez parecer que algo estava por vir. Sem a expectativa de receber clientes na loja, a senhora da papelaria havia fechado as portas da frente a partir do anoitecer. Dentro se agrupavam Midori, Shōta e outras duas, três crianças mais novas. Enquanto se divertiam em uma partida infantil de conchas de gude¹⁴⁵, Midori de repente escutou algo.

— Ué, não é que alguém veio fazer compras? É barulho de gente pisando na tábua da sarjeta.

— É mesmo? Eu não escutei nada! Será que não é algum amigo nosso? — disse Shōta contente, interrompendo a contagem que fazia nas mãos¹⁴⁶.

¹⁴⁵ No original, “細螺はじき (*kishiyago hajiki*)”. Versão do jogo tradicional japonês *ohajiki* (お弾き), semelhante ao gude, onde se substitui as bolas de vidro por conchas espiraladas.

¹⁴⁶ No original, “ちう／＼たこかい (*chū chū tako kai*). Forma infantil de se contar até dez. Repete-se duas vezes a sequência “*chū chū tako kai na*”.

Mas os passos que acabaram de ouvir, de alguém que viera até à porta da frente da loja, cessaram subitamente. Não havia mais barulho algum.

CAPÍTULO 11

— BUU! — GRITOU SHÔTA, colocando a cara para fora após abrir a porta de correr. Viu as costas de uma pessoa se distanciando aos poucos, seguindo por baixo dos beirais, já duas ou três casas adiante — Quem é? Quem é? Ei, pode entrar!

Midori calçou seu *ashida*¹⁴⁷ e estava prestes a sair em disparada, ignorando a chuva que caía.

— Ah, é ele — Shôta virou o rosto após poucas palavras — Midori-san, não adianta chamar, ele não vem. É ele — disse, fazendo um gesto em sua cabeça como se estivesse raspada.

— Era o Nobu-san? — perguntou Midori, deixando escapar um tom de afeto. — Era só o que faltava, aquele monge asqueroso. Com certeza deve ter vindo na loja comprar alguma coisa, mas quando viu que era a gente dentro, deu uma bisbilhotada e voltou pra casa. Aquele maldito perverso, metido a gente grande, gago,

¹⁴⁷ Tamanco de plataforma mais alta, utilizado em dias de chuva por conta do terreno molhado.

banguela, desprezível! Eu ia falar tudo o que penso se ele tivesse entrado, uma pena que foi embora! Alguém me empresta um *geta*¹⁴⁸, vou dar uma olhada lá fora. Quando trocou de lugar com Shōta e colocou o rosto para fora, gotas de chuva que pingavam do beiral caíram na sua franja.

— Ai, um pingo! — disse encolhendo o pescoço.

Midori observou, por um longo, longo tempo, o vago contorno das costas de Shinnyo se distanciar. Sob os postes de lamparina a querosene, quatro ou cinco casas adiante, ele andava parecendo olhar para baixo, com um grande guarda-chuva de papel¹⁴⁹ apoiado no ombro.

— O que foi, Midori-san? — estranhou Shōta, cutucando as costas de Midori.

¹⁴⁸ A ideia de se usar um *geta* nesta ocasião ocorre por conta de suas plataformas mais baixas, provavelmente facilitando um passo mais rápido, ao contrário do *ashida*, com suas plataformas altas.

¹⁴⁹ No original, “大黒傘 (*daikokugasa*)”. Guarda-chuva feito pela fabricante Daikokuya, em Osaka, de material similar ao papel kraft. Enquanto metonímia, naquela época o termo passou a ser, em Edo (atual Tóquio), sinônimo de *bangasa* (番傘), a palavra original para este tipo de objeto.

— Nada não — respondeu desanimada e entrou na loja, passando a recontar as conchas viradas para cima — De verdade, não presta nem como mongezinho. Nem consegue brigar, só fica aí fazendo pose de gente grande escondendo as verdadeiras intenções. Não é de dar ódio? Como é mesmo que a minha mãe sempre diz? São as pessoas diretas que têm bom coração. Então, esse Nobu-san aí, que fica aí se fazendo de tonto, só pode ter um mau coração. Deve ser isso, não é Shōta-san? — falou mal de Shinnyo com as palavras mais fortes que conseguiu encontrar.

— Mas ainda assim, esse aí de Ryūgeji pelo menos tem algum discernimento. Quando o caso é o Chōkichi, o cara é um ignóbil! — disse convencido, imitando o jeito de falar dos adultos.

— Pode parar, Shōta-san. Apesar de parecer maduro para uma criança, isso ainda é muito estranho. Você é muito paspalho mesmo, não é? — Midori cutucava a bochecha de Shōta — E essa cara séria? — disse, rolando de rir.

— Mas falta pouco para eu virar adulto. Vou vestir algo estiloso como um sobretudo de mangas quadradas, que nem o mestre de Kabataya, sabe? Vou ganhar da minha avó o relógio de ouro que ela tem guardado, e mandar fazer um anel também, e fumar cigarros¹⁵⁰. O que será que ficaria legal como calçado? Como eu prefiro os *setta* em vez dos *geta*, vou calçar um com três camadas de couro na sola e tiras *hanao*¹⁵¹ coloridas de seda e cetim¹⁵². Será que combina?

— Gente baixinha com um sobretudo de mangas quadradas e *setta* nos pés? Olha, acho que vai ficar estranho de qualquer jeito, parecendo um frasco de colírio ambulante! — Midori zombou entre risinhos.

¹⁵⁰ No original, “卷煙草 (*makitabako*, lit. ‘tabaco enrolado’)”. Naquela época, o mais comum era utilizar cachimbos, enquanto cigarros enrolados eram produtos luxuosos e de maior valor.

¹⁵¹ Tira, geralmente feita de algum tecido, que prende o pé ao tamanco, similar à tira dos chinelos de dedo. Elemento importante na relação entre Midori e Shinnyo posteriormente.

¹⁵² No original, “繻珍 (*shuchin*)”. Tecido de seda com um padrão trançado de fios coloridos em um fundo de cetim.

— Mas que tolice, até lá eu já vou ter crescido! Não vou ser nanico desse jeito! — disse Shōta, vangloriando-se.

— Então a questão é saber quando isso vai acontecer! Olhem lá, os ratinhos no teto¹⁵³! — Midori apontou com o dedo, fazendo a senhora da papelaria e todos os outros agrupados ali rolarem de rir.

Shōta ficou sério.

— Você leva como piada, não é, Midori-san, apesar de não ter ninguém que não tenha virado adulto. Qual o motivo da graça quando o assunto sou eu? Vou conseguir uma bela esposa e vou sair por aí com ela ao meu lado. Eu só gosto das bonitas, então se me vier alguém com o rosto marcado de varíola, como a Ofuku da loja de *senbei*, ou alguém com a testa grande como a moça da loja de lenhas, vou logo enxotar, não vai entrar na minha casa não. Detesto marcas de

¹⁵³ No original, “天井の鼠 (*tenjō no nezumi*, lit. ‘rato do teto’)”. Expressão utilizada quando se faz pouco caso das palavras de uma pessoa, como se até mesmo “os ratos do teto” estivessem rindo dela.

varíola e sarna! — disse com firmeza, fazendo seus olhos girarem.

A senhora da papelaria caiu na gargalhada.

— E ainda assim, Shō-san, você, que me dá o privilégio de vir à minha loja com frequência, não vê as marcas de varíola da tia aqui? — disse rindo.

— Ainda assim, porque você é idosa. Estou falando da questão da esposa. Os idosos, tanto faz.

— Mas que gafe a minha, não é mesmo? — disse espirituosa a senhora da papelaria, levando na brincadeira — As bonitas da região são a Oroku-san da floricultura e a Kii-san da frutaria. Mais do que elas, a mais bonita de todas está sentada ao seu lado, Shōta-san, mas parece que você já está decidido. O olhar da Oroku-san, ou a voz¹⁵⁴ da Kii-san? Qual delas? — o rosto de Shōta se avermelhou com a pergunta.

— Mas o quê? Onde é que essas Oroku e Kii aí são bonitas? — Shōta se retraiu um pouco para baixo da

¹⁵⁴ No original, “清元 (*kiyomoto*)”. Tipo de performance narrativa do teatro *jōruri*. Pelo uso da palavra no texto original, imagina-se que a personagem deva possuir uma voz bonita como a das pessoas que performam no teatro.

lâmpada pendurada no teto, se recostando perto da parede.

— A Midori-san é bonita então, é? Assim está decidido? — disse certa.

— E desde quando você sabe de alguma coisa? Mas o que é isso! — Shôta deu de costas. Batendo com o dedo no tampo da parede, começou a cantar “roda, roda, roda d’água”¹⁵⁵ em voz baixa.

— Vamos lá, mais uma vez, do começo! — Midori juntou as várias conchas, sem mesmo ruborizar o rosto.

¹⁵⁵ No original, “廻れ／＼水車 (*maware maware mizuguruma*)”. Letra de uma música de escola primária daquela época. A letra continua, *nagaruru mizu no sadaminaku, kurukuru maware mizuguruma* (流るる水の淀みなく、くるくるまわれ水車), algo como “a água que flui não está parada, ela roda e roda a roda d’água”.

CAPÍTULO 12

SEMPRE QUE IA A TAMACHI, Shinnyo pegava o “atalho” que seguia junto à barragem, apesar de conseguir chegar ao seu destino sem precisar passar por lá. Se espiasse pelos portões treliçados no caminho, podia ver as lanternas de pedra de Kurama¹⁵⁶ e as elegantes cercas de lespedeza. Gostava de como as persianas de bambu eram enroladas nas varandas. Por dentro do *shōji*¹⁵⁷ envidraçado, uma viúva moderna de Azechi Dainagon¹⁵⁸ passava as contas de uma japamala entre os dedos, e até era possível imaginar que Wakamurasaki¹⁵⁹ apareceria com seu cabelo produzido. Essa construção singular era o dormitório de Daikokuya.

¹⁵⁶ Lanternas feitas de pedra do Monte Kurama, em Quioto.

¹⁵⁷ Porta corrediça tradicionalmente feita com armação de madeira e lâminas de papel.

¹⁵⁸ Personagem de *As narrativas de Genji*, avô de Murasaki no ue. A viúva deste personagem aparenta ser devotada ao caminho budista.

¹⁵⁹ Outra referência a *As narrativas de Genji*.

A chuva de fim de outono era contínua como no dia anterior. Uma vez finalizada a roupa de baixo¹⁶⁰ que sua irmã em Tamachi havia requisitado, sua mãe ansiava com seu zelo materno por fazê-la vestir o quanto antes.

— Eu sei que é incômodo, mas, antes de ir para escola, toma um tempinho para levar para a sua irmã, por favor? Tenho quase certeza de que ela está contando com isso.

— Está bem, está bem.

Em sua obediência, que não o permitia recusar um pedido da mãe mesmo que estivesse descontente, Shinnyo tomou nos braços o pequeno pacote. De pronto calçou os *geta* com suporte de magnólia, atados com *hanao* cinza escuro de algodão de Kokura, e saiu abrindo o guarda-chuva.

Virando na quina do fosso, optou pela trilha por onde sempre ia. Para seu azar, quando chegou em frente ao dormitório de Daikokuya, um vento

¹⁶⁰ No original, “長胴着 (*nagadôgi*)”. Roupa de baixo térmica usada sobre um gibão.

repentino atingiu a parte de cima do guarda-chuva, fazendo-o desconfiar se ele não sairia voando com aquela lufada violenta.

— Assim não vai dar — pensou, e no instante em que fincou os pés para se manter firme, o nó da frente do *hanao*, algo ao qual nem estava atento, se afrouxou e desatou, passando a ser mais preocupante do que o próprio guarda-chuva.

Shinnyo estalou a língua irritado com o temporal, mas sem haver outro jeito naquele momento, apoiou o guarda-chuva no portão do dormitório de Daikokuya e, sob seu telhado, tentou reatar o *hanao*. Sendo entretanto um jovem de família desacostumado com essas trivialidades, percebeu que não tinha ideia de como fazer aquilo e, uma tentativa após a outra, com o coração em desespero, terminou desconsolado por não conseguir consertá-lo com sucesso. Mas que irritante. Que irritante! Pegou de dentro da manga uma grande folha de papel de caligrafia onde havia escrito o rascunho de uma redação escolar, rasgou-a e tentou juntá-la em uma

tira. Porém, uma vez mais, a cruel tempestade que despencava fez rolar vagarosamente o guarda-chuva apoiado.

— Mas que droga! — esbravejou, e quando esticou a mão para tentar pará-lo, o pequeno pacote que repousava sobre seus joelhos caiu despretensiosamente, enlameando o tecido do embrulho e até as mangas das suas vestes.

Não havia como presenciar uma ocasião mais infeliz. Sem guarda-chuvas naquela tempestade, o *hanao* estourado no meio do caminho. Por dentro do *shōji* envidraçado, Midori assistia de longe.

— Olha, tem alguém com o *hanao* estourado. Mãe, podemos dar uma tira de pano? — perguntou, tomando alguns retalhos de crepe de seda *yūzen* da gaveta da caixa de costura.

Impaciente até para calçar os *geta* de jardim, saiu em disparada com passos apressados antes mesmo de abrir a sombrinha que estava na varanda, seguindo por cima das pedras do jardim.

Ao ver de quem se tratava, o rosto de Midori enrubescou. Os batimentos em seu peito começaram a se acelerar como se inesperadamente tivesse se deparado com algo de extrema importância. Sem deixar de olhar para trás, com receio de estar sendo observada, aproximou-se acanhada do portão. Shinnyo também virou o rosto de repente e começou a suar frio por entre os braços, sem dizer uma palavra. Seu impulso era sair fugindo descalço.

Fosse ela a Midori de sempre, apontaria os dedos para aquela situação deplorável de Shinnyo, ridicularizando-o em uma explosão de risadas enquanto falava todos os impropérios que desejava.

— Olha só, se não é o sem-vergonha! Como você se atreve a atrapalhar o nosso momento na noite do festival, fazendo vingança contra o Shōta-san e mandando baterem no San-chan, que não tinha culpa de nada? Você só fica em cima do trono dando ordens, é isso? Não vai pedir desculpas? Fala alguma coisa! Eu sei que foi ideia sua fazer o Chōkichi me chamar de prostituta! Tem algum problema em ser prostituta? Eu

pelo menos não devo nada a você! Eu tenho meu pai, minha mãe, o mestre de Daikokuya, minha irmã! Definitivamente não preciso de nada de um mongezinho corrompido como você, então para de ficar me chamando de prostituta! Se tiver alguma coisa pra falar, para de fazer isso nas sombras das minhas costas e fala aqui e agora! Eu te mostro a hora que quiser que sou uma oponente à altura! Fala alguma coisa! — diria sem parar, agarrando as mangas de Shinnyo, com uma ferocidade difícil de ser contrariada.

Ao invés disso, não disse uma palavra. Ficou sorrateiramente escondida às sombras das treliças, e, ainda assim, não queria sair dali, com seu peito batendo hesitante.

Aquela não era a Midori de sempre.

CAPÍTULO 13

A PARTIR DO MOMENTO EM que percebeu estar próximo ao dormitório de Daikokuya, Shinnyo, com um senso de pavor inexplicável, passou a andar sem olhar para os lados. Mas além do sentimento de que não conseguiria de forma alguma resistir àqueles inúmeros eventos infelizes — a chuva e o vento inoportunos, que ainda por cima fizeram estourar o *hanao*, a sensação de torcer papéis em um cordão, desamparado sob o portão — o som dos passos nas pedras às suas costas foi como um banho de água fria. Mesmo sem dar atenção, tremia por inteiro por saber de quem se tratava, certo de que a cor do seu rosto estava alterada. De costas, uma parte sua se fazia parecer absorta no *hanao*, e a outra estava desesperada pois parecia que ele nunca conseguiria calçar aquele geta.

Espiando do jardim, Midori se irritava com cada detalhe.

“Mas como é que vai conseguir com mãos tão desajeitadas? O papel está mal torcido, por mais que amarre no buraco da frente, não vai durar o suficiente. Qual é, não percebe que a manga do seu *haori* está suja de lama? E o guarda-chuva que rolou para longe, se tivesse apoiado ele fechado seria melhor”, pensava imóvel, sem conseguir dizer que tinha uma tira que ele poderia usar no reparo. Despreocupada com a chuva que estragava sua própria roupa, escondia-se em um silêncio sorrateiro, esperando por uma chance. Foi quando a sua mãe a chamou de longe, sem saber o que se passava:

— A brasa do ferro de passar já está pronta! Midori-san, o que você está aprontando? Não é hora de ir sair na chuva para fazer arte, você ainda vai pegar um resfriado desse jeito!

— Sim, já vou!

Ficou envergonhada por Shinnyo tê-la escutado responder em voz alta. Enrubescida, com o peito batendo forte, sem conseguir de forma alguma abrir o portão que estava ao seu lado. Ainda assim,

pensando em tudo diante daquela situação trágica a qual não conseguia ignorar, arremessou por entre as grades treliçadas a tira que segurava na mão, sem dizer nada. O semblante de Shinnyo permaneceu indiferente, parecendo como se não tivesse visto nada.

“É aquele caráter de sempre mesmo”, pensou Midori com os olhos cheios de pesar, formando lágrimas de ressentimento no rosto. “O que é que você odeia em mim tanto assim para ser frio desse jeito? Quem tem algo pra falar agora sou eu, seu pobre de espírito”.

Seus sentimentos se intensificavam ao ponto de fazê-la chorar, mas nada podia fazer senão começar a andar um passo após o outro aos chamados frequentes da mãe que lhe pesavam no coração.

“Mas o que é isso? Como sou teimosa. Que vergonha de mim mesma”, pensou, virando de costas e voltando com seus calçados estalando pelas pedras.

Ao virar para trás, agora solitário, Shinnyo viu espalhadas aos seus pés as folhas outonais que formavam a linda estampa do *yūzen* carmesim

encharcadas pela chuva. Apesar do ímpeto despreocupado de pegá-lo, contemplou-o em vão com um sentimento de tristeza sem tomá-lo às mãos.

Desistindo por conta da sua inaptidão, tirou o longo cordão do seu *haori* e fez um improvisado desastroso com torções e amarras, mas, obviamente, ao pisar, duvidou se conseguiria ir até Tamachi com aquele *geta* por conta da dificuldade de andar. Sem opção senão ficar em pé, Shinnyo pegou o pequeno pacote e deu apenas dois passos para longe do portão, mas a imagem das folhas outonais do tecido *yūzen* permanecia em seus olhos. Sendo insuportável deixá-lo ali e partir, olhou para trás arrependido.

— Nobu-san, o que foi? Seu *hanao* estourou, é? O que é isso aí? Não parece bom não, hein! — alguém falou de repente.

Ao voltar o olhar surpreso, era o valentão Chōkichi, parecendo voltar de dentro do distrito. Com o *yukata*

sobreposto ao quimono de tecido *tōzan*¹⁶¹ e um *obi* cor de caqui de três *shaku*¹⁶² na cintura amarrado à frente como sempre, abrigava sob um guarda-chuva de marca¹⁶³ o colarinho de seda *kurohachi*¹⁶⁴ e um casaco *hanten* novo. Se mostrava orgulhoso com a aparência da proteção frontal do seu *takaashida*¹⁶⁵, que reluzia em verniz naquela manhã.

— Acabei estourando o *hanao* e estou sem saber o que fazer. Sou um frouxo mesmo — disse Shinnyo sem nenhum respeito por si próprio.

— Então é isso, você não consegue consertar o *hanao*? Não tem problema, pode ir calçando o meu *geta*. O *hanao* dele está firme.

— Mas aí você ficaria na mão.

¹⁶¹ Tecido regional produzido na província de Chiba, a leste de Tóquio, feito de algodão com listras verticais amarelo claro, vermelho e marrom em um fundo azul-marinho.

¹⁶² Medida equivalente a 30,3 cm.

¹⁶³ No original, “印の傘 (*shirushi no kasa*)”. Guarda-chuva estampado com o nome de um bordel.

¹⁶⁴ Tecido de seda preta produzido em Hachijōjima, grupo de ilhas ao sul de Tóquio.

¹⁶⁵ Similar ao tamanco *ashida* de plataforma alta, mas com uma proteção frontal contra água.

— O quê? Eu estou acostumado. É assim que funciona — disse enquanto rapidamente colocava para dentro do *obi* a parte inferior do quimono. Em seguida, descalçou o *geta*.

— Isso é muito mais refrescante do que qualquer nó prendendo os dedos!

— Você vai ficar descalço? Eu sinto muito — disse Shinnyo perplexo.

— Tá tudo bem, eu estou acostumado! Gente que nem o Nobu-san tem as solas do pé macias, e aí não consegue andar descalço nos caminhos cheios de pedras. Viu, pode calçar esse aí — disse, colocando o par de *geta* à disposição. Era peculiar vê-lo deixar palavras gentis escaparem, fazendo mexer suas sobrancelhas grossas e peludas como uma taturana, enquanto as pessoas o odiavam como se fosse um deus das pestes.

— Vou levar seus *geta* comigo, Nobu-san. Acho que não tem problema se eu largar na cozinha do templo, certo? É isso, vamos trocar, calça esse aqui — oferecendo ajuda, pegou em sua mão o *hanao*

estourado — Sendo assim, pode ir, Nobu-san. Depois nos vemos na escola!

Shinnyo foi em direção à sua irmã em Tamachi, e Chōkichi em direção à sua casa, mas o inesquecível tecido *yūzen* carmesim, em sua beleza vã, foi deixado ao lado de fora do portão treliçado.

CAPÍTULO 14

O ANO CONTOU COM TRÊS DIAS do Galo¹⁶⁶. Apesar de o segundo ter sido arruinado pela chuva, o primeiro e o terceiro foram agraciados com bom tempo, servindo de pretexto para que uma tremenda multidão visitasse o santuário Ōtori. Entre os risos de bom humor, considerava-se se a algazarra vigorosa dos jovens desordenados entrando no distrito pelo portão do posto de inspeção sanitária¹⁶⁷ não era na verdade os estrondos dos pilares que sustentam os céus se estilhaçando e as cordas que suspendem a Terra se rompendo¹⁶⁸. O fluxo parecia mudar de

¹⁶⁶ A quantidade de dias do Galo no ano depende da configuração dos dias da semana. Há anos com apenas dois.

¹⁶⁷ Normalmente fechado, o portão próximo ao posto de inspeção sanitária ficava na parte de trás do distrito de Yoshiwara, na extremidade oposta ao portão principal da alameda Nakanochō.

¹⁶⁸ No original, “天柱くだけ地維かくる (*tenchū kudake chii kakuru*)”. Referência a uma passagem da obra *Shiji* (史記, em japonês, *Shiki*, lit. “Registro Histórico”), o primeiro de 24 grandes registros das dinastias da China, escrita por volta de 100 a.C. pelo historiador chinês Sima Qian. Na passagem, os barulhos da quebra dos pilares e do rompimento das cordas são ensurdecedores.

direção de repente na alameda Nakanochō, e havia também uma horda de pessoas que se separava em diversos rumos entrando pelas pontes levadiças¹⁶⁹ nas vias Sumichō e Kyōmachi, a gritos parecidos com os dos barcos-táxi¹⁷⁰: “Rápido! Vamos, vamos”. Dos gorjeios convidativos¹⁷¹ nas pequenas lojas *kashimise* aos elevados andares superiores dos magníficos bordéis *ōmagaki*, o som das cantorias e dos instrumentos fervia em tanta variedade que a maior parte das pessoas jamais se esqueceria daquele espetáculo.

Com uma folga na coleta do juro diário concedida nesse dia, Shōta visitou a barraca de ornamentos

¹⁶⁹ Pontes levadiças sobre o fosso que conectavam as ruas laterais do distrito de Yoshiwara com o lado exterior. Eram abaixadas para auxiliar no fluxo de pessoas em dias de festival.

¹⁷⁰ No original, “猪牙 (*choki*, ou 猪牙船, *chokibune*, lit. “barco de presa de javali”)”. Pequenos barcos sem cobertura, no formato de uma presa de javali, utilizados como transporte no período Edo. Transportavam passageiros para Yoshiwara.

¹⁷¹ No original, “百囀づり (*momosaezuri*, lit. *momosae* como “o chilro de muitos pássaros” e *zuri* como “fisga”). Vozes das prostitutas chamando os clientes.

*ôgashira*¹⁷² de Sangorô, e depois parou onde o grandalhão idiota da loja de *dango* servia sopas *shiruko*¹⁷³ não muito convidativas.

— E aí? Dando lucro?

— Shō-san, você veio em boa hora. Os ingredientes do recheio *anko*¹⁷⁴ acabaram e agora mesmo já deixei mais cozinhando, mas eu não sei o que vender para os clientes que estão esperando. Eu não quero que eles vão embora. O que eu faço? — pedia o idiota por um conselho.

— Mas que tapado, você! Não tem esse tanto que sobrou em volta da panelona? Se você misturar isso em água quente e adoçar com açúcar, vai conseguir porções para umas dez, vinte pessoas! Todo mundo faz assim em todo lugar, não vai ser só na sua barraca! E outra, você acha que alguém vai ficar falando do sabor no meio dessa bagunça? Vamos, vai trabalhar!

¹⁷² Borla preta decorativa utilizada em mastros, feita de pelo de cauda de animais ou cânhamo tingido.

¹⁷³ Sopa doce de feijão *azuki* com *mochi*.

¹⁷⁴ Pasta de feijão *azuki*, utilizada na sopa *shiruko*.

Vai trabalhar! — enquanto falava, pôs-se adiante e pegou um pote de açúcar.

— O senhorzinho está conseguindo mesmo se dar bem como comerciante, é alguém bastante esperto — elogiou a mãe do idiota, cega de um olho, com cara de surpresa.

— O quê? Isso aqui é coisa de gente instruída? Eu vi agora mesmo um palerma do Beco fazendo isso porque estava com pouco *anko*, não é invenção minha — disse Shōta por cima do ombro — Vocês aí não sabem onde é que a Midori-san está? Eu a estou procurando desde de manhã, mas não sei aonde ela foi. Parece que nem à papelaria ela veio. Dentro do distrito, talvez?

— Hmm, a Midori-san né, pouco antes ela passou na frente de casa e entrou pela ponte levadiça de Ageyamachi¹⁷⁵. Ela é mesmo demais, Shō-san. Hoje,

¹⁷⁵ Região dentro do perímetro do distrito que reuniam as 揚屋 (*ageya*), bordéis de alta classe onde prostitutas externas eram contratadas para entreter os clientes.

ela estava com o cabelo *shimada*¹⁷⁶ armado desse jeito — disse o idiota, fazendo um gesto estranho com as mãos ao ilustrar o penteado — Linda aquela moça, não é? — perguntou esfregando o nariz.

— Ela é ainda mais bonita que a Ômaki-san! Mas é uma pena se ela também vai virar uma *oiran* — Shôta respondeu olhando para baixo.

— Mas não é bom se ela virar uma *oiran*? A partir do ano que vem eu vou começar a vender artigos populares de temporada, e assim fazer um dinheiro, sabe? Com ele em mãos é que vou comprá-la! — disse o idiota, mostrando-se um tolo.

— Mas que coisa insolente de se dizer! Assim vai ser rejeitado com certeza!

— Mas por quê? Por quê?

— Por quê? Motivo para ser rejeitado é o que não falta! — disse rindo, com o rosto um pouco corado — Bem, eu vou dar mais uma volta por aí! Depois eu

¹⁷⁶ Penteado tradicional japonês, de franjas e coque salientes, típico de mulheres jovens. Sugere que Midori atingiu a maioridade.

passo aqui. Até! — e foi pelo portão após finalizar com seu tom afiado, cantando:

Até os dezesseis, dezessete,
entre borboletas e flores ao crescer

Com uma suspeita voz trêmula, recitava dentro da boca os versos populares da época na região.

Agora, penetra na alma o dever...¹⁷⁷

Junto aos estalos altos como sempre dos *setta*, seu pequeno corpo desaparecia em um instante ao se embrenhar por entre os festeiros.

Espremido em um dos cantos do distrito, sem dúvida enxergou Midori de Daikokuya vindo do lado oposto e acompanhada de uma assistente¹⁷⁸, Otsuma,

¹⁷⁷ No original, “十六七の頃までは蝶よ花よと育てられ、今では勤めが身にしみて (*jūroku nana no koro made wa chō yo hana yo to sodaterare, ima de wa tsutome ga mi ni shimite*). Versos da canção popular 厄介節 (*yakkai fushi*), que ilustra a vida das prostitutas.

¹⁷⁸ No original, “番頭新造 (*bantō shinzō*)”. Algo como “assistente-chefe”. A palavra *bantō* (番頭) significa supervisor(a), enquanto *shinzō* (新造) faz referência a uma prostituta iniciante que começou a dar assistência a uma prostituta mais velha.

com quem conversava. Mas, de fato, assim como o idiota havia dito, seu cabelo estava feito em um grande e jovial penteado *shimada*, enfeitado com um luxurioso crepe de seda *tie-dye* como no penteado *yuiwata*¹⁷⁹, e espetado com um pente de casco de tartaruga e um adorno de flores com borlas pendendo. Shōta ficou parado em pé, calado, pensando estar diante de uma boneca de Quioto com aquela riqueza de cores além do usual, olhando fixamente sem se lançar para abraçá-la como de costume.

— Shōta-san? — Midori correu na direção dele — dona Otsuma, se você tiver compras para fazer, podemos nos separar por aqui. Eu volto para casa acompanhada desse jovem. Adeus! — disse abaixando a cabeça.

— Ah, Mii-chan, sua aproveitadora! Já não precisa da minha companhia? Sendo assim, eu vou à Kyōmachi fazer compras! — e saiu correndo a curtos passos em direção à estreita rua de casas *nagaya*.

Shōta só então puxou uma das mangas de Midori.

¹⁷⁹ Penteado tradicional japonês para mulheres solteiras.

— Você fica bem assim, não é mesmo? Quando foi que você se arrumou? Hoje? Ontem? Por que você não me mostrou antes? — reclamou em tom de censura, como uma criança mimada.

— Me arrumaram hoje de manhã, no quarto da minha irmã¹⁸⁰. Eu detestei, mas fazer o quê? — Midori disse vagarosamente desanimada, olhando para baixo, envergonhada pelos olhares das pessoas que passavam.

¹⁸⁰ O quarto da sua irmã Ōmaki ficava no bordel, não no dormitório.

CAPÍTULO 15

SENTINDO NO SEU ÍNTIMO algo do qual tinha tristeza e vergonha¹⁸¹, Midori ouvia como escárnio os elogios que lhe faziam e tomava como desprezo a expressão das pessoas que viravam atraídas para olhar seu penteado *shimada*.

— Shōta-san, eu vou voltar para a minha casa!

— Mas por quê? Você não vai brincar hoje? Levou alguma bronca? Teve uma briga com a Ōmaki-san, não foi? — Shōta perguntava, ingênuo. A resposta veio apenas em um rosto enrubescido.

Quando passaram em frente a loja de *dango*, o idiota soltou a voz de lá de dentro.

— Meus cumprimentos ao casal!

Ao ouvir estas palavras exageradas, Midori fez uma cara como se quisesse chorar.

— Shōta-san, pare de me acompanhar! — e pôs-se rapidamente a andar sozinha, deixando-o para trás.

¹⁸¹ Há uma leitura deste romance que sugere que Midori teria tido sua primeira menstruação.

Apesar de ter dito a Shōta que iriam juntos ao festival do Galo, Midori mudou de rumo e voltava às pressas na direção de casa.

— Você não vem junto? Por qual motivo está voltando na outra direção? Aí já é demais! — disse Shōta no tom mimado de sempre. Ignorado, não obteve resposta alguma. Perseguia-a afoito, desconhecendo o motivo daquilo, até alcançar a manga de Midori.

— Não é nada! — disse, com a face enrubescida, diante da insistência. Pelo tom de voz, algum motivo havia.

Ela irrompeu pelo portão do dormitório. Shōta, bastante à vontade naquela casa, onde já havia vindo brincar, continuou no seu encaço e subiu discretamente pela varanda quando então foi visto pela mãe de Midori.

— Oh, Shōta-san, que bom que você veio. A Midori está de mau humor desde hoje cedo e estamos todos perdidos sem saber o que fazer com ela. Vá animá-la, por favor.

Shōta atendeu ao pedido com ares de maduro.

— Ela está doente? — perguntou com sobriedade.

— Não é isso — a mãe esboçou um sorriso escuso

— Ela vai ficar boa em breve. É a senhorita egoísta de sempre. Certamente deve ter brigado com os amigos, toda dondoca mesmo — e olhou para trás.

Antes que percebessem, Midori já havia arrancado fora o seu *obi* e as vestes mais externas e armado um *futon kaimaki*¹⁸² na pequena sala de *tatami*. Estava deitada de bruços sem dizer nada.

Shōta aproximou-se apreensivo à cabeceira.

— Midori-san, o que foi? Está doente? Está se sentindo mal? O que raios aconteceu? — perguntou com o coração aflito, sem chegar muito perto, apoiando as mãos nos joelhos.

Uma vez mais, Midori não respondeu. Cobria o choro silencioso com uma das mangas da roupa. Ainda

¹⁸² Roupa de cama em forma de quimono com enchimento de algodão, com mangas por onde se pode colocar os braços.

desajeitada, a franja do seu cabelo parecia molhada¹⁸³. Shōta sabia que havia um motivo, mas, na sua ingenuidade, não conseguia oferecer nenhuma palavra de conforto, permanecia apenas perdido por completo.

— Mas o que raios é que está acontecendo? Eu não fiz nada para te deixar brava. O que te deixou tão furiosa assim? — perguntou desorientado, espiando Midori secar os olhos.

— Shōta-san, não é que eu estou brava.

Quando indagada, vários desgostos lhe vinham à mente, mas aquilo era algo sobre o qual ela não conseguia falar, e não havia ninguém a quem pudesse confidenciar. Calada, naturalmente com as bochechas avermelhadas, sem conseguir se explicar — pouco a pouco se sentia desamparada, criando a ideia de que não se assemelhava à Midori de antes em mais nada. Seu constrangimento era indescritível.

¹⁸³ A imagem da franja armada em um topete com óleo fixador e posteriormente arruinada por lágrimas foi anteriormente retratada na personagem Murasaki no ue, da obra *As Narrativas de Genji*.

Se fosse possível, viveria dentro de um quarto escuro, fazendo o que quisesse, dia e noite, sem falar com qualquer pessoa que fosse, sem que houvesse alguém para ver seu rosto. Assim, não precisaria se preocupar com nada e nem ficaria remoendo angústias como essa, só ficaria brincando de casinha com as bonecas feitas de papel, até a hora que quisesse. Isso com certeza seria maravilhoso. Mas, não, que horrível! Virar adulta é horrível! Qual o sentido de crescer assim? Só queria voltar no tempo. Sete meses, dez, um ano para mais!

Pensava como uma velha senhora, sem se dar conta de que Shōta estava ali. Ele estava para começar a falar algo quando ela o interrompeu por completo.

— Por favor, volta para a sua casa, Shōta-san. Volta para a sua casa, eu te imploro. Sinto que eu vou acabar morrendo se você continuar aqui. Quando você fala eu fico com dor de cabeça. Se eu falo, fico tonta. Eu não quero ninguém aqui comigo, inclusive você. Então, por gentileza, volta para a sua casa! — disse friamente, diferente do usual.

Sem conseguir compreender qualquer motivo que fosse, era como se Shōta estivesse envolto em uma cortina de fumaça.

— Sem dúvidas, você está estranha. Uma esquisita mesmo. Não tem motivo nenhum para falar desse jeito — um pouco relutante, Shōta disse com calma enquanto tímidas lágrimas umedeceram seus olhos, mas nem havia como Midori percebê-las.

— Volta para casa! Volta para casa! Se você ficar aqui para sempre, nós não seremos mais amigos! Mas que droga você, Shōta-san! — Midori disse com ódio.

— Se é assim, eu volto! Me desculpa se eu fui um estorvo para você!

Sem mesmo cumprimentar a mãe de Midori, que olhava a temperatura da água no aposento de banho, Shōta se levantou de repente e saiu pelo jardim da casa.

CAPÍTULO 16

EM UMA ARRANCADA EM LINHA RETA, Shōta mergulhou por entre o público e se enfiou na papelaria. Sangorō, que em algum momento havia fechado a sua barraca, fazia tilintar alguns trocados no bolso de seu avental de trabalho. Agia com ares de irmão mais velho, daqueles que compraria qualquer coisa ao gosto dos irmãos mais novos que trazia consigo.

— Ah, Shō-san! Agora mesmo eu estava te procurando. Eu fiz uma boa grana hoje. Você quer algo por minha conta? — ofereceu em ótima disposição ao ver Shōta vindo a toda velocidade.

— Deixa de falar besteira, eu não sou desses que vai aceitar algo de alguém como você! Para de ser metido e cala a boca! — a ira dele era fora do comum — Agora não é hora pra isso — disse abatido.

— O quê? O quê? Briga? — Sangorō enfiou no bolso o *anpan*¹⁸⁴ que comia — Com quem? O de Ryūgeji? Chōkichi? Onde? Dentro do distrito? Em frente ao *torii*¹⁸⁵? Vai ser diferente daquele outro dia do festival! Se não vierem com surpresa, a gente não vai perder! Eu estou alerta, vou ficar na linha de frente! Se prepara e vamos lá, Shō-san! — disse entusiasmado.

— Mas que apressado, você! Não é briga — interrompeu Shōta, segurando a própria língua e, como esperado, com dificuldades em explicar o que aconteceu.

— É que como você veio tão rápido que eu tinha certeza que era uma briga. Mas então, Shō-san, já não vamos ter mais chance de brigar se não for nessa noite, sabe? O braço direito do idiota do Chōkichi vai sumir.

— O que? Como assim o braço direito dele vai sumir?

¹⁸⁴ Pão com recheio de *anko*, pasta de feijão *azuki*.

¹⁸⁵ Portal de entrada para santuários xintoístas.

— Você não sabe? Eu também escutei agora há pouco do meu pai que estava conversando com a esposa de Ryūgeji, mas o Nobu-san logo vai entrar em alguma escola de monges por aí! Uma vez que ele vestir o manto, não tem mais volta! De fato, porque ficar dobrando aquelas longas mangas deve ser terrível! Desse jeito, a partir do ano que vem, vai todo mundo, do Beco ou da Avenida, virar seu capanga — bajulou Sangorō.

— Para com isso! É só você receber dois sen do Chōkichi que você entra para a turma dele! Eu não ia ficar nem um pouco feliz mesmo se eu tivesse comigo cem pessoas que nem você! Pode escolher o lado que você quiser, eu não vou confiar em ninguém. Pelo menos uma vez eu queria dar uma surra só com estes braços naquele lá de Ryūgeji, mas é a vida se ele está indo embora. Eu tinha ouvido falar que o Fujimoto iria só depois de se formar na escola no ano que vem, mas porque será que adiantaram? É um idiota sem jeito — disse Shōta estalando a língua.

Mas nada disso o fazia esquecer a atitude de Midori por um momento que fosse. Sem cantar suas canções de sempre, Shōta sentia uma solidão que nem mesmo o grande movimento na Avenida o alegrava. Desamparado dentro da papelaria desde o acender das luzes, aquele dia do Galo havia se tornado um dos mais estranhos de todos.

Midori, daquele dia em diante, agia como se tivesse renascido em um corpo distinto. Visitava a sua irmã no distrito quando tinha assuntos a tratar e jamais tornou a brincar nas ruas da região. Aos chamados de seus amigos que sentiam sua falta, respondia: “daqui a pouco, daqui a pouco”, com incontáveis promessas vazias. Distanciou-se até mesmo de Shōta, seu amigo mais próximo e, sempre envergonhada, com o rosto corado, tornou-se impossível ver novamente a alegria das suas dancinhas na papelaria. As pessoas estranhavam, e havia também quem suspeitava ser culpa de alguma doença.

— Logo ela volta com o jeito moleca de sempre, isso é uma fase — dizia sua mãe, apenas sorrindo, com o jeito de alguém que sabia o motivo.

— Ela ficou mais feminina, mais dócil — havia quem a elogiava sem mesmo entender o que se passava.

— Ela era tão divertida, mas a deixaram sem graça — e havia quem a criticava.

De repente, a Avenida tornou-se um lugar desolado, como se seu brilho tivesse se apagado. Shōta raramente fazia escutar sua doce voz. Por noites e noites com sua lanterna de suporte em arco, sabia-se claramente qual era o dia da coleta do juro diário pela vaga frieza de sua sombra andando na barragem. Algumas vezes, ouvia-se a voz cômica de Sangorō, que o acompanhava, a única que não havia mudado com o tempo.

Midori jamais havia escutado os rumores de que Shinnyo de Ryūgeji partiria para os jardins do conhecimento de sua seita. Não reconhecia a si mesma, agindo há algum tempo de forma estranha ao reprimir o seu orgulho de outrora, envergonhada por

qualquer coisa que fosse. Porém, em uma manhã coberta pela geada, percebeu uma flor artificial de narciso¹⁸⁶ encaixada pelo lado de fora do portão treliçado. Midori não tinha como saber quem havia feito aquilo, mas, por algum motivo, possuída por sentimento de afeto, colocou-a em um vaso para uma só flor da sua estante em desnível¹⁸⁷ e admirou a pureza solitária de sua forma. No dia seguinte, embora nada tivesse perguntado, ouviu o boato de que, no dia anterior, em um mosteiro ou algo assim, Shinnyo havia trocado as cores das mangas de seu manto.



¹⁸⁶ Em contraste com o retalho de seda *yūzen* de Midori, a flor artificial pode ser considerada o símbolo dos sentimentos de Shinnyo.

¹⁸⁷ No original, “違ひ棚 (*chigaidana*)”. Prateleira composta de duas tábuas em alturas diferentes, por vezes feita ao lado do *tokonoma*.

米也



EDITORIAL II (PÓS-ESCRITO)

arroz e flores

ADEMORA PARA DISPONIBILIZAR esse número é reflexo do cansaço generalizado que nos toma. Mas, ainda que ninguém esteja nos cobrando, ainda que, talvez, o alcance seja mínimo, ainda que haja cansaço, aqui esteve, está e estará o segundo número do segundo volume da *arroz e flores*.

Os últimos meses foram especialmente cansativos, repletos de mudanças e prazos inadiáveis (como parecem ser, atualmente, quase todos) e, com um número bastante reduzido de força de trabalho, esse número acabou ficando sempre em segundo plano.

Na virada do ano, no trigésimo segundo aniversário da Revolta de Chiapas (que ainda sobrevive, mas está sufocada pelo crime organizado) e em meio a tantas notícias desesperadoras, o que desabava sobre nós era certeza de que somos inofensivos e ineficazes. Como, afinal, continuar vivendo *contra* essa lógica individualistas e egoísta, *contra* a força de armas de aniquilação na mão de nações aniquiladoras, isso para não falar em Gaza? É demais. Como ter qualquer força para fazer outra coisa senão desistir ou se entregar a um alheamento (in)voluntário e continuar *produzindo*?

E, contudo, continuamos, que mais poderíamos fazer? Esse volume foi editado em meio a esse alheamento, em meio aos nossos próprios destroços e aos do planeta em que vivemos, talvez mesmo ao civilizacional. Mas, no fim, que diferença faz? Enfim.

O intuito era preparar algo mais bem acabado e substancioso sobre Higuchi Ichiyô, uma das principais inspirações da *arroz e flores*. Fica o desejo do não-realizado e a realidade do resultado. Ainda que repleto de problemas, longe do que realmente

desejávamos entregar, é o que conseguimos fazer e, como apreendemos cedo, antes feito do que não-feito. É nossa humilde e parca homenagem à Higuchi que, numa vida tão curta, tanto nos legou.

São três textos que trabalham em diferentes níveis e nuances um Japão pouco frequente, o da miséria. Há crianças, empregadas, prostitutas e muita pobreza. Há também a delicadeza e empatia com que tudo isso é alinhavado em textos provocativos e pouco óbvios. Exercícios de estilo que são inconfundíveis. Desafios de tradução, também inconfundíveis. Higuchi é, para a *arroz e flores*, o exemplo primeiro. Sem ela, a *arroz e flores* certamente não existiria. E não haveria Higuchi para nós se, primeiro, não houvesse a tradução de *Enseada de águas turvas* feita pela professora Rika Hagino para o português e disponibilizada livre e gratuitamente. Outro exemplo incontornável e, no limite, existencial. Obrigado, professora.

Assim, aproveitamos para mais uma vez agradecer às pessoas que contribuíram para que esse número pudesse existir. Muito obrigado por disponibilizar as

traduções, textos e trabalho e por todo o apoio sempre.

Sem vocês a *arroz e flores* também não existiria.

*ainda que árduo, revolta-te!
em desespero correndo contra o tempo,
respirando com dificuldade,
mas sobrevivendo
em fins de abril de dois mil e vinte e seis.*





fontes: stencil, libre baskerville,
bebas neue; gill sans nova,
HGSMinchoB

imagens: autoria desconhecida,
retrato de higuchi ichiyô; kenzo
kavamura, *arroz e flores*. caligrafia.